

O JARGÃO POPULAR QUE DEU CERTO NA VIDA DO SEMENTEIRO CAETANO POLATO

Silos: equipamentos de ponta a serviço do produtor



Gestão e eficiência são o ponto de partida para a frota ideal

AGOSTO/2001 - Nº 632 - ANO 57 - R\$ 6,00
www.agranja.com

PORTE PAGO
DR/RS
ISR-49-0399/81

a granja

A REVISTA DO
LÍDER RURAL



DEFENSIVOS AGRÍCOLAS FITOSSANITÁRIOS AGROTÓXICOS

Seja lá o nome que você quiser dar,
a verdade é que não dá para abrir mão deles



CHEGARAM AS PLANTADEIRAS ASM SÉRIE 1200.



**PLANTIO COM ABSOLUTA
PRECISÃO, PLANTIO CASE IH.**



A Case IH está lançando as Plantadeiras ASM Série 1200, o mais preciso sistema de plantio do mercado. Seu avançado sistema de plantio a vácuo permite a utilização em vários tipos de cultura, além de garantir maior velocidade e uniformidade tanto no espaçamento quanto na profundidade da semente. O resultado é uma emergência mais rápida e uniforme para

you extract the maximum productivity from your work. Know in your dealer the unbeatable precision of the ASM Série 1200 planters. And leave the competition planted behind.

CASE IH

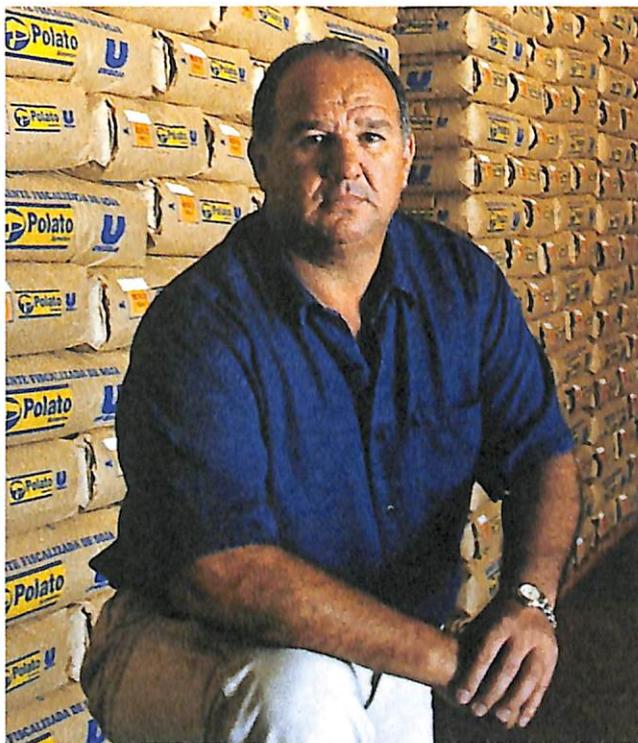
Soluções avançadas, soluções Case IH.

A união faz a força

A história do Mato Grosso, ao longo dos anos, foram incorporadas histórias de grandes personalidades do agronegócio. É o que se pode constatar ao conhecer um pouco mais da vida de um de seus pioneiros. Caetano Polato, paranaense de 40 anos, casado e pai de três filhas, vive uma bem-sucedida fase na vida pessoal e profissional. Polato retrata o verdadeiro perfil do agricultor moderno e altamente profissional. Perfeccionista por excelência, transita com segurança pelas áreas técnicas e econômicas que envolvem a agricultura. Costuma dizer àqueles que com ele labutam na incansável busca pela superação de seus próprios resultados: "A diferença de uma propriedade muito rentável para uma pouco rentável consiste, basicamente, no gerenciamento do negócio". Gerenciamento esse que faz com muita propriedade, valendo-se, para tanto, não só

de seu feeling, mas também da alta tecnologia e da assessoria especializada. Filho de agricultor nato, nascido e criado no meio agrícola, logo percebeu que havia herdado a vocação e também a paixão de seu pai pela agricultura.

Adepto de um modo de vida simples e objetivo, é frequentemente elogiado entre seus amigos por seu carisma e seu constante bom humor; marca registrada desse moço que cresceu ouvindo seu falecido pai, Renil Polato, comentar que o futuro da agricultura brasileira estava no Mato Grosso. Perseguidor incansável da alta produtividade em suas propriedades, nessa última safra atingiu em uma delas a expressiva marca de 3.700 quilos de soja/ha colhidos em uma área de 6 mil hectares. E já avisou que não medirá esforços para, na próxima safra, colher 4 mil quilos de soja na mesma área. E quem o conhece, não duvida.



Divulgação

Caetano Polato, sócio-proprietário da Polato Sementes: "A agricultura, com certeza, é o caminho para chegarmos ao superávit na balança comercial brasileira"

A Granja — Como foi o seu início como produtor rural? Como se deu essa trajetória para alcançar a estrutura de hoje da Polato Sementes?

Caetano Polato — Ao lado de meu irmão, Orlando, dirigi o Grupo Polato, resultante de uma parceria de sucesso que vem se solidificando ano após ano. Dos 600 hectares de soja e trigo que juntos cultivávamos no Paraná, em 1980, safra após safra, eles prosperam, saltando para o atual cultivo de uma área de 30 mil hectares. A perda precoce de meu pai

abalou muito a família, que passou a ser conduzida por minha mãe, Luiza Cordeiro Polato, por mim e pelo meu irmão, Orlando. A perda nos uniu ainda mais. Para mim e para Orlando, teve um significado ainda maior, pois resultou nessa parceria de sucesso que vem se consolidando ao longo dos anos. No nosso caso, o jargão popular se confirmou: "A união faz a força".

P — Essa trajetória, marcada principalmente pelo salto na produção, foi tranquila? Houve momento em que o

senhor pensou em desistir da agricultura em função de dificuldades? Ou os contratemplos serviram mais de estímulo para continuar?

R — A agricultura é uma atividade que depende de vários fatores: políticas de governo, pesquisa agrícola, custos de produção, mercado e clima. Fatores controláveis como custos de produção, uso de tecnologias e outros e os fatores incontroláveis como mercado e clima. Eu sou um agricultor profissional, vivo da agricultura e sei que momentos difíceis acontecem

José Antônio Daniel Neto. Potirendaba, SP.
Diz que um dia seus filhos vão herdar seus maiores
patrimônios: sobrenome, a maior indústria de paletes
do Brasil e muita, muita coragem.



José Antônio Daniel Neto é proprietário de uma Ford F-250.

www.ford.com.br

Centro de Atendimento Ford: 0800 703 FORD (3673)

Ford F-250.
Inspirada no que o campo
tem de mais forte.



Pick-ups Ford. Tricampeãs em vendas.

PICK-UP



RAÇA FORTE

e que outros momentos bons sempre vêm. É uma atividade de resultados de médio e longo prazo.

P — Os problemas amplamente conhecidos no agronegócio brasileiro, muitas vezes centrados na falta de estímulo do governo à produção e no apoio à comercialização, na sua visão, são os mesmos para um pequeno produtor e para um grande produtor? Ou seja, o impacto das dificuldades é o mesmo?

R — No meu ponto de vista, o impacto das políticas de governo é prejudicial a todos. Precisamos de políticas claras de médio e longo prazos, para podermos definir metas de investimentos. O governo deve assistir o pequeno produtor por uma questão social e o grande, por uma questão econômica, pois o país não pode abrir mão da receita gerada pelo agronegócio. A agricultura com certeza é o caminho para chegarmos ao superávit na balança comercial brasileira.

P — Como o senhor analisa a agricultura familiar no Brasil, já que tem sua origem na pequena propriedade? O pequeno produtor tem como sobreviver num mercado altamente competitivo?

R — O pequeno produtor hoje tem de trabalhar com produtos de alto valor agregado, nos quais se utiliza mão-de-obra em maior intensidade, como a produção de hortaliças, frutas, entre outros. Ele deve procurar identificar nichos de mercado e fugir de produtos que sofram maiores interferências de políticas de governo ou que exijam produção em grande escala.

P — Qual a importância do aperfeiçoamento e da capacitação para se crescer na atividade agrícola? Como foi no seu caso específico?

R — Em uma atividade competitiva como a agricultura, o aperfeiçoamento e a capacitação do agricultor e de sua equipe de trabalho são fundamentais para o sucesso de seu negócio. Nós, da Polato, buscamos nos assessorar com bons profissionais, funcionários efetivos da empresa e por meio de consultorias específicas, como fertilidade do solo, manejo da cultura do algodão, manutenção preventiva de máquinas e equipamentos agrícolas. Investimos em treinamento da equipe operacional em manutenção, conservação de máquinas, uso adequado dos defensivos, segurança do trabalho com uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI), qualidade no atendimento, técnicas de

vendas e a implantação do programa de Qualidade Total Rural do Sebrae.

P — Qual a estrutura da sua empresa? Qual a área plantada de sementes de soja e algodão e quais as estratégias de comercialização?

R — A Polato Sementes produz em três regiões distintas do Mato Grosso: Serra da Petrovina, Primavera do Leste e Sorriso, totalizando 30 mil hectares de lavouras. Dessas, 17 mil hectares de soja, 11 mil hectares de algodão e 2 mil hectares de arroz e de milho.

A produção chega a 952 mil sacas de soja, 70 mil sacas de milho, 60 mil sacas de arroz e 1,2 milhão de arrobas de algodão em pluma. Desses volumes, 500 mil são sacas de sementes de soja e 100 mil de sementes de milho, cujo principal mercado é o Estado do Mato Grosso. No caso do algodão, 60% da pluma é voltada para a exportação.

P — Quais as tecnologias são priorizadas na empresa, desde plantio até o pós-colheita, para obter os resultados atuais de produção e qualidade?

R — Em nossas propriedades, as fazendas são divididas em talhões, com suas áreas determinadas. Temos o histórico desses talhões desde

a sua abertura. Eles são importantes porque formam o nosso banco de dados. O desempenho da cultura anterior é importante, porque, sendo a planta o melhor indicativo do conjunto de tecnologias aplicadas, somando a análise foliar, completam-se informações daquela safra. Uma perfeita coleta de solo analisada em laboratório confiável é a ferramenta que permite indicar a melhor composição de nutrientes e corretivos a ser utilizada. Após a obtenção desses dados, iniciamos o planejamento da próxima safra, alocando as culturas que melhor se ajustam dentro de cada talhão, sempre levando em consideração a rotação de culturas, o uso adequado do solo e a adoção do plantio direto. Outra prioridade adotada é o monitoramento da qualidade dos fertilizantes utilizados, por meio de análises laboratoriais, antes de sua formulação. Fazendo uso de misturador próprio, preparamos nossas fórmulas de adubo, de acordo com a necessidade de cada talhão. A escolha das variedades empregadas, a época de plantio e a população são determinadas pela pesquisa. Sementes selecionadas, com alto vigor e germinação, pureza genética e física, são o insumo mais importante para a

obtenção de alta produtividade. O cuidado no manejo dos tratos culturais, como controle de ervas daninhas, manejo integrado de pragas e doenças (MIP), determina o momento e o produto a ser empregado para controlar essas pragas, causando o menor impacto possível ao meio ambiente. A colheita realizada no momento adequado contribui para reduzir as perdas e obter um produto de melhor qualidade, com isso melhorando a produtividade e a rentabilidade.

P — Nesse contexto, entra a agricultura de precisão? Como o senhor vê essa nova ferramenta a serviço do produtor rural?

R — Entendemos que a agricultura de precisão, no nosso caso, é o bom gerenciamento de todos os fatores de produção, de forma sistêmica. O uso de GPS nas colheitadeiras, amostradores mecânicos de solo com GPS, plantadeiras de alta precisão, aplicadores de adubo com doses variáveis, são ferramentas importantes, mas os custos desses equipamentos no Brasil são inviáveis. Por isso, não usamos esses equipamentos. Temos todas nossas propriedades com imagem de satélite, talhões medidos com precisão por meio de agrimensores, acompanhamento de todo o processo produtivo por talhão, com histórico da produção e dos custos de safras anteriores. Acredito que, no momento em que as ferramentas acima descritas tenham custos compatíveis com nossa realidade, serão importantes, mas não podemos esquecer que o principal é o bom gerenciamento, um processo de sintonia fina.

P — Quais os planos e novos investimentos da Polato Sementes?

R — O nosso negócio é focado na agricultura. Os planos são de consolidar as nossas áreas, buscando otimizar todos os recursos existentes, com maior produtividade e rentabilidade. A Polato Sementes cultiva hoje 30 mil hectares de lavouras em três locais. Nos próximos cinco anos, deveremos cultivar 40 mil hectares, mantendo o volume de produção de sementes de soja em 500 mil, ampliando sementes de milho para 250 mil sacos e buscando consolidar o mercado de exportação da pluma de algodão.

P — Na sua opinião, o setor sementeiro no Brasil já atingiu a qualificação ideal?

R — A produção de sementes teve grande avanço nas últimas duas décadas, hoje ela detém tecnologia no nível dos melhores produtores do mundo. O enfoque dos produtores brasileiros no momento é de atender às necessidades de seus clientes, adequando, se necessário, sua estrutura para tal. O país é auto-suficiente na produção de sementes das grandes cultu-

“O aperfeiçoamento e a capacitação do agricultor e de sua equipe de trabalho são fundamentais para o sucesso do seu negócio”

ras, exportando tecnologia para os outros países de clima tropical.

P — Vale a pena produzir sementes no Brasil? O setor sementeiro é reconhecido?

R — Como produtor de sementes no Mato Grosso, entendo que temos uma realidade bastante diferente de outros Estados. Aqui, 95% das lavouras de soja são plantadas com sementes fiscalizadas, o que mostra o mercado existente. As regiões aptas à produção de sementes são poucas e localizadas, não sendo possível produzi-las em todo o Estado. Embora para produzir sementes no MT seja necessário alto investimento e uso de tecnologia de ponta, o que faz com que o nosso custo de produção seja maior que nos demais Estados, a atividade é viável, importante e reconhecida pelos agricultores, que entendem ser a semente de qualidade fator determinante na sua maior produtividade.

P — A contribuição de entidades como a Unisoja e a Fundação MT foi fundamental para alcançar a qualificação?

R — A criação da Fundação MT veio trazer condições para o aumento de produtividade da cultura da soja e a viabilização da cultura do algodão. Sem dúvida, tivemos dois momentos no Mato Grosso, antes e depois da Fundação MT. Antes, com produtividade limitada e variedades de soja suscetíveis a doenças, limitando o crescimento da cultura e a sua rentabilidade. Agora, estamos com patamares que superam em muito a média norte-americana. Na cultura do algodão, foi fundamental no lançamento de variedades para o Cerrado, trazendo ao agricultor do Mato Grosso nova alternativa de produção. Associada ao lançamento de novas variedades, a fundação montou todo um pacote tecnológico para essas duas culturas. A criação da Unisoja veio complementar o trabalho da fundação, organizando os licenciados dessa em projeto de marketing conjunto e em serviço agregado aos clientes do grupo. O trabalho continua, e muitas novidades ainda virão.

P — Faça uma análise de comportamento do mercado internacional em relação à nossa soja e ao nosso algodão. No caso da soja, na Europa realmente existe um grande nicho para a soja orgânica, ou são preferências muito localizadas? Em relação ao algodão, o que falta para que o mercado internacional se interesse mais pelo nosso produto?

R — No caso da soja, o Mato Grosso produz a soja convencional que encontra na Europa uma preferência de compra, não tendo sido ainda traduzida em preços diferenciados, trazendo benefício ao agri-

cultor. A soja orgânica é de consumo muito localizado, com mercado principal no Japão. Falando em algodão, o produto brasileiro, e principalmente do Mato Grosso, precisa ser mais conhecido no exterior. A qualidade por eles conhecida é a da década de 70, quando hoje produzimos qualidade igual à dos principais países produtores de algodão de qualidade superior, como, por exemplo, Austrália e Israel. Nesta última safra, recebemos visitas de empresas de todo o mundo, dando testemunho da nossa qualidade. No Mato Grosso, a Associação dos Produtores de Algodão desenvolve um trabalho intenso de conscientização e informação ao produtor em todas as áreas e um trabalho de marketing voltado para as indústrias ao redor do mundo. Tudo isso resulta em valorização do nosso produto e apenas começou. Ainda vamos longe.

P — Na sua opinião, o desenvolvimento da agricultura no Mato Grosso é fruto dos incentivos e programas governamentais para o setor, ou é um mérito da capacitação e da união dos produtores?

R — Na minha opinião, deve-se ao mérito da capacitação, da união e da perseverança do produtor, pois, mesmo o governo não fazendo sua parte no tocante aos investimentos em infra-estrutura, como estradas e energia elétrica, conseguimos alcançar o estágio de desenvolvimento de hoje.

P — Qual a sua avaliação sobre o movimento separatista que ganha força no Estado? O senhor é a favor ou contra a divisão do Mato Grosso?

R — Para mim, o modelo que for adotado e que possibilite acelerar o desenvolvimento do Estado será o mais adequado, independente da separação ou não do Mato Grosso, apesar de sua vasta área territorial. Temos de estar atentos à política de desenvolvimento. Baseado na agricultura, existe hoje o limitante do desmatamento de 20% a 50%, só que, sendo essa a região com principal vocação para agricultura e pecuária, seria um grave entrave. Sem dúvida, a participação dos empresários da região na discussão será de fundamental importância para uma melhor decisão. Entendo também que o governo mato-grossense, mantendo uma aproximação com o interior, estando presente em todos os municípios, participe ativamente do crescimento do agronegócio, apesar das dificuldades de investimento.

P — Como o senhor definiria a atuação do governo FHC e do ministro Prati no setor agrícola? O setor vem sendo beneficiado, ou ainda falta muito a ser feito?

R — O grande mérito do governo FHC foi a estabilização da economia, o que trouxe resultados positivos para a agricultura. A falta de uma política agrícola de longo prazo dificulta o planejamento de nossa atividade. Como os anteriores, esse governo utiliza políticas de momento, o que nos faz viver em sobressaltos. Na minha opinião, o que falta é o estabelecimento de política agrícola de longo prazo, a redução de impostos que incidem sobre a agricultura e o estabelecimento de mecanismos de estímulo à exportação.

P — Como o senhor analisa a situação do governo brasileiro nas negociações para a formação da Alca? O governo brasileiro tem razão ao lutar por uma integração também para os produtos agrícolas?

R — Realmente, o governo norte-americano tem pressionado o Brasil para formalizar logo a Área de Livre Comércio das Américas, que com certeza anula possíveis ganhos obtidos no Mercosul. Mas precisamos de muita astúcia nas

“Se o acordo da Alca não for bem feito, poderemos sair prejudicados. O livre-comércio deve manter condições para que todos ganhem”

negociações, pois, como se sabe, o subsídio por lá é pesado, tornando a negociação altamente desigual. Tem que a Alca possa virar uma parceria mais ou menos do tipo: “O leão e a ovelha na jaula juntos lutando pelo mesmo alimento”. Se o acordo da Alca não for bem feito, levando em consideração que participarão do bloco países de diferentes estágios de desenvolvimento, com certeza poderemos sair prejudicados. O livre-comércio deve manter condições para que todos ganhem.

P — O que o cenário atual reserva para a agricultura no futuro?

R — Acredito que a agricultura exigirá maior uso de tecnologias, com maior profissionalização do setor. Temos de incentivar as entidades de pesquisas para a busca de novas cultivares, mais produtivas e mais resistentes a doenças e ao desenvolvimento de novas opções de exportação. Temos de investir por meio do governo na infraestrutura de transportes, buscando reduzir nossos custos, tornando nossos produtos mais competitivos, pois temos de buscar o aumento das exportações em todos os produtos. 



**EDITORA
CENTAURUS**

DIRETOR-PRESIDENTE
Hugo Hoffmann

agranja

MATRIZ
Av. Getúlio Vargas, 1526
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS
fone/fax (51) 3233-1822
e-mail: mail@agranja.com
home page: http://www.agranja.com

SUCURSAL SÃO PAULO
Praça da República, 473, 10º andar
CEP 01045-001, São Paulo/SP
fone/fax (11) 220-0488 / (11) 220-0686
e-mail: granjasp@osite.com.br
home page: http://www.agranja.com

GERENTES EXECUTIVOS
Eduardo Hoffmann
Gustavo Hoffmann

REDAÇÃO
Editoria
Adriana Langon
Reportagem
Ana Esteves e Luciana Radicione
Colaboradores desta edição
Carlos Silva, Luiz Vicente Gentil, Maurício Exemberger e José Maurício de Toledo Murgel
Diagramação
Renato Fachel
Editoração
Jair Marmet

CIRCULAÇÃO
Amália Severino Bueno

ASSINATURA EXTERNA
Raquel Marcos

COMERCIALIZAÇÃO
São Paulo - José Geraldo Silvani Caetano (gerente) e Rodrigo Martelletti (contato)
Porto Alegre - Cristina Centeno (gerente RS/SC)

REPRESENTANTES
Rio de Janeiro - Lobato Propaganda e Marketing Ltda., Rua Teófilo Otoni, 15/913, Centro, CEP 20090-080, Rio de Janeiro/RJ, fone (21) 2554-8666, fax (21) 2283-1661, celular (21) 9958-2869, e-mail: sidney.lobato@ig.com.br
Minas Gerais - José Maria Neves, Rua Dr. Juvenal dos Santos, 222, conj. 105, Luxemburgo, CEP 30380-530, Belo Horizonte/MG, fone/fax (31) 3297-8194, fone (31) 3344-9100, celular (31) 9993-0066, e-mail: jmneves@uai.com.br
Brasília - Midia Real Publicidade Ltda., SCLN 302, bloco C, sala 104, CEP 70723-530, Brasília/DF, fone (61) 326-1271, fone/fax (61) 328-0456, celular (61) 9975-2442, e-mail: midia.r@terra.com.br

Convênio editorial: Chacra (Argentina)

A Granja é uma publicação da Editora Centaurus, registrada no DCDP sob nº 088, p. 209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição:
Av. Getúlio Vargas, 1526, CEP 90150-004, Porto Alegre/RS, fone/fax (51) 3233-1822.
Exemplar atrasado: R\$ 6,50

14 TENDÊNCIA: os novos conceitos que comandam o mercado de defensivos agrícolas

24 MECANIZAÇÃO: a frota ideal para a sua fazenda

30 Case: produtor Vicente Beber colhe produtividade recorde na soja

34 SILOS: setor de armazenagem disponibiliza tecnologia de ponta

40 SOLOS: congresso brasileiro aponta novidades técnicas

44 CENÁRIO: o fortalecimento da mulher nos negócios rurais

47 ENERGIA: os efeitos do apagão no campo

52 AGROCENTRO SHOW: resultado da 2ª Feira do Centro-Oeste anima organizadores



NESTA EDIÇÃO



A Granja



A Granja

53 REVISTA CHACRA: o que está acontecendo pelo mercado argentino

55 PLANTIO DIRETO NEWS: encontro debate a relação entre o PD e a biotecnologia

NOSSA CAPA

Acompanhando as tendências de mercado ditadas pelos novos tempos, o setor de defensivos agrícolas assume uma postura totalmente voltada a preservação ambiental e a segurança do produtor. Assim, o agricultor tem como seu grande aliado produtos com baixos índices de toxicidade e altamente eficientes

SEÇÕES

Aconteceu	9
Aqui Está a Solução	10
Cartas, Fax, E-Mails	12
Eduardo Almeida Reis	13
Pastagens	50
Agricultura & Meio Ambiente	54
Agribusiness	58
Flash	62
Biotecnologia	64
Novidades no Mercado	65
Ponto de Vista	66

É carga para arriar burro

Pois agora é oficial. Eduardo Maciel, o super-burocrata, Secretário da Receita Federal fez uma declaração surpreendente: “A carga tributária das empresas está muito alta.”

Não é só das empresas. O contribuinte brasileiro é penalizado em 34% de contribuição que vai para as burras dos governos federais, estaduais e municipais, servindo em sua grande maioria para sustentar a-nova e feliz burguesia estatal, comporta do Executivo, Legislativo e Judiciário.

Enquanto isso, o Ministro da Agricultura fala que o produtor rural precisa de maior renda, mas a cesta básica continua onerada de ICMS.

Ou seja, é o próprio governo (estadual) que tira a renda do agricultor. E, os pobres, é claro, ficam cada vez mais pobres, já que custo de cesta básica vem sobrecarregado de um peso que ninguém vê, mas sente. Principalmente os chamados excluídos.

Piada ou profundamente verdadeiro. Você decide

Você tem duas vacas e terá que decidir sobre o regime político que mais lhe convier.

Vamos lá:

Socialismo – Você tem duas vacas. Você fica com uma e dá a outra para seu vizinho.

Comunismo – Você tem duas vacas. O governo pega as duas e te dá o leite.

Fascismo – Você tem duas vacas. O governo pega as duas e te vende o leite.

Burocracia – Você tem duas vacas. O governo pega as duas. Mata uma, tira leite da outra, paga o leite para você e depois despeja no ralo.

Capitalismo – Você tem duas vacas. Você vende uma e compra um touro.

Corporativismo – Você tem duas vacas. Você vende uma, força a outra a produzir por quatro e age com surpresa quando ela cai morta.

Democracia – Você tem duas vacas. O governo taxa você até o ponto que você é obrigado a vender as duas para pagar os impostos. E você, desesperado, chuta o balde e vira abstêmio de leite para toda vida. Sua opção preferencial vai ser pela cachaça.

É bom lembrar Tom Jobim

Não somente por suas inesquecíveis composições. Mas, principalmente por frase imortal: “É tempo dos brasileiros pararem de admirar o que não deu certo.”

Estaria ele pensando em Cuba?

A bola da vez

Sim, a Argentina é a bola da vez. Afinal, todo mundo chora pela Argentina, mas é bom lembrar: nos últimos cinco anos o Brasil aumentou sua produção de soja em 51%.

A Argentina, em igual período, viu sua produção crescer em 109%.

Trigo, sempre o trigo

Ao que tudo indica os estoques internacionais estão em baixa, embora o comportamento dos países produtores em matéria de informação tem sido uma constante: os chineses escondem, os americanos avaliam para baixo e os argentinos mentem. Afinal, fica difícil avaliar algo concreto, mas pelos indicadores que a indústria fornece, realmente não há excesso de trigo no mundo, o que significa, preços compatíveis para os produtores.

Assim, o acordo estabelecido entre o Paraná e o governo Federal foi oportuno e mais, finalmente o governo

está dando uma atenção especial para a nossa safra de inverno. É aguardar para conferir.

A triste marcha ré

Há sessenta anos atrás a Secretaria de Agricultura do Rio Grande do Sul fundou uma autarquia denominada Irga (Instituto Riograndense do Arroz) voltado principalmente para a pesquisa de sementes, com todo o apoio da classe arroseira.

E assim, o Irga, com imensos serviços prestados à lavoura gaúcha, hoje é um órgão lamentavelmente politizado e como tal lerdo, burocratizado, desmotivado. Também pudera, foi lá, que os experimentos transgênicos foram queimados com histeria medieval com direito a fotos e filmagens. Em passado recente Joseph Goebbels a mando de Adolf Hitler, é bom lembrar, queimava livros.

Pois bem, hoje o Irga é um órgão devagar parando com orçamento de R\$ 22 milhões, cuja folha de pagamento mensal atende 300 funcionários ativos e outro tanto de inativos, que consomem uma fatia substancial da receita.

Considerando que o Irga há trinta anos não contrata ninguém e há mais de vinte não realiza nenhum processo seletivo é de se admirar que tenha lançado em julho / 2000 o cultivar Irga 421, de grãos longos e finos, com ciclo de maturação em torno de 95 dias.

Essas informações são para acrescentar o seguinte absurdo: o Irga tem um Conselho Deliberativo formado por 72 arroseiros que estatutariamente tem o dever de apresentar os nomes em lista tríplice para os cargos de diretor técnico e diretor administrativo, os quais estão vagos há meio ano e não foram preenchidos porque, sim porque, falta a assinatura do governador e a devida publicação no Diário Oficial. É mais um episódio onde o governo estadual marca de forma absolutamente clara a sua disposição pelo atraso e seu confronto com a lavoura que produz o seu alimento diário. 📄

A temível mosca-branca



Divulgação

“Trabalho com mosca-branca e, infelizmente, não consegui a edição de abril de 2001 que aborda o assunto. Gostaria de saber se há possibilidade de receber a matéria.”

Lúcia Helena
lucia@cnpa.embrapa.br

R — Cara leitora, vamos encaminhar uma cópia da matéria a respeito do assunto. As moscas-brancas estão entre as pragas mais sérias em nível mundial. Elas transformaram-se em uma das principais, nas áreas do sistema produtivo, em praticamente todas as regiões do mundo. No Brasil, atualmente, as moscas-brancas estão instaladas em quase todas as regiões.

Capim tifton

“Preciso de informações sobre o capim tifton.”

guteleigui@aol.com

R — As gramíneas forrageiras de clima tropical se caracterizam pelo seu alto potencial de produção de matéria seca, tornando-se uma alternativa bastante viável na alimentação animal. O cultivar do gênero capim tifton 85 destaca-se por sua alta produção de matéria seca de alta digestibilidade. As

forrageiras do gênero *cynodon* apresentam como principais vantagens o rápido estabelecimento, um certo crescimento sob baixas temperaturas, na faixa de 16 a 27 graus, e, sob manejo adequado, apresentam alta produtividade, produzindo forragem de boa qualidade e digestibilidade. O tifton 85 é uma gramínea produzida pelo cruzamento da espécie tifton 68 com outra gramínea do gênero *cynodon*.

Produção de palmito

“Olá, como estudante de Nutrição, estou precisando de informações ou material sobre o palmito.”

Bianca Veraci
bveraci@hotmail.com

R — Cara Bianca, vamos lhe mandar uma matéria produzida pela nossa redação. No entanto, aqui vão algumas informações úteis sobre a atividade: por ser um alimento nobre e muito apreciado, o grande consumo de palmito transformou o Brasil no maior exportador, responsável por cerca de 95% do produto consumido em todo o mundo. No entanto, devido ao extrativismo desenfreado das espécies nativas de palmito juçara e açai, foi criada uma legislação no sentido de coibir tal prática. Desde 1992, o Brasil começou a estudar a viabilidade do plantio do palmito pupunha, uma variedade que ao ser cultivada tem garantido o selo de qualidade de origem, uma espécie de passaporte que assegura a sua livre comercialização. O aumento da oferta de palmito de pupunha, com preços acessíveis, desestimulou o consumo extrativista do palmito nativo, notadamente



A Granja

do palmito extraído e industrializado de forma clandestina e ilegal.

O palmito é um produto com mercado garantido. O Brasil, somente para atender ao consumo interno, necessita de uma área cultivada de 130 mil hectares atualmente. No mercado interno, o produto é muito apreciado, sendo uma das conservas mais consumidas pelos brasileiros. Entretanto, dado o grande volume de palmito colhido e processado clandestinamente, o produto consumido no Brasil apresenta, com frequência relativa-

mente alta, má qualidade, muita fibra e acidez elevada. A cultura da pupunha permite um cultivo racional e um processamento industrial dentro de parâmetros técnicos adequados à qualidade e à higiene. Da aparência ao paladar, a pupunha é hoje uma das substitutas naturais do palmito obtido das espécies juçara ou açai. É possível utilizar a planta por completo. As folhas podem alimentar o gado, servir de cobertura para galpões ou como adubo orgânico. São utilizadas ainda para a confecção artesanal de cestarias e outros.

Quem é quem na agropecuária

“Prezados senhores, sou bibliotecária na Unisinos, encarregada da catalogação de periódicos. Preciso de informações sobre o periódico Quem é Quem na Agropecuária Brasileira. Necessito dos seguintes dados: em 1969, foi publicado o primeiro número, houve troca de título, qual a data da última publicação?”

Beatriz Elisabeth Kirst/beatriz@cosmos.unisinos.br

R — Beatriz, o primeiro ano de publicação do Quem é Quem foi 1969. Foram 15 anos de anuário até 1984. A partir de 1985, a publicação teve o seu nome modificado para A Granja do Ano, mais abrangente, que neste ano completa 16 anos.

QUEM É QUEM
NA
AGROPECUÁRIA
BRASILEIRA
O GUIA N.º 1 DA
AGROPECUÁRIA

A Granja

Cama de galinha

“Prezados senhores, busco informações sobre ‘cama de galinha’, também conhecida como ‘cama de frango’ na alimentação de animais criados em regime de confinamento.”

Nilo Sérgio S. de Góes
nilogoes@globocom

R — Caro leitor, a escolha de sistemas para suplementação alimentar de bovinos em pastejo ou confinados deve levar em consideração também o lado econômico. Nesse sentido, o uso de subprodutos da agro-indústria pode exercer um papel fundamental, como um fator redutor de custos. A cama de frango é o produto resultante da mistura dos excrementos das aves, restos de ração e penas, com um ma-

terial absorvente. Esse último é utilizado para a cobertura do piso, sendo os mais comuns a casca de arroz ou de amendoim, a maravalha, o sabugo de milho, as palhadas e os fenos. A cama de frango é um alimento essencialmente protéico, mas vários fatores interferem na qualidade da cama. O piso é um deles, que, se for de terra, pode ocasionar prejuízos pela contaminação com o solo. O tempo de permanência da cama no galpão é um outro fator, o qual, sendo demasiadamente longo, pode provocar perdas acentuadas no nitrogênio pela volatilização. O tipo de material absorvente que afeta diretamente a digestibilidade da cama é o que mais contribui

no seu valor qualitativo. Existem algumas restrições quando se usa a cama de frango na alimentação de bovinos: ingestão acidental de materiais cortantes, contaminação bacteriana por salmonella, tuberculose aviária e ingestão de toxina botulínica. Por isso, são necessários cuidados para não se perder nenhum animal por contaminação ou intoxicação. Seu preço varia muito e deve ser comprado de preferência em dezembro, quando seu consumo é menor. A cama de frango deve ser proveniente de um fornecedor idôneo, que tenha uma rotina de retirada dos animais mortos, mantendo a cama sempre livre de metais ou outras impurezas que podem ser prejudiciais aos bovinos.

Braford, o sintético do milênio

“Eu e minha família ficamos muito interessados na matéria ‘Braford, o sintético do milênio’, publicada em junho, na **AG Leilões**, e assinada pelo repórter Paulo Mendes. Gostaríamos de obter uma forma de contato com o entrevistado, senhor Fernando Faria Correia, da Estância Nova Aurora, de Uruguaiana/RS.”

Luiz Manuel Castro
loucastro@uol.com.br

R — Caro leitor, o telefone da Estância Nova Aurora é o seguinte: (55) 412-4033.

Capim massai

“Moro no Acre e fiquei interessado na reportagem publicada sobre o massai. Estou procurando diversificar a minha pastagem, e, pelos testes realizados, essa pastagem se adaptou bem aqui no Estado. Por favor, indiquem-me como conseguir as sementes e como receber mais informações.”



Divulgação

Fabiano Feltrin/drfafeletrin@hotmail.com

R — O capim massai, por sua vez, é uma gramínea de múltiplo uso, podendo ser ofertada a bovinos, eqüinos e ovinos. Em testes de comparação com outros panicuns, o capim massai mostrou-se vantajoso por apresentar melhor cobertura de solo, melhor persistência em solos com baixos níveis de fósforo, maior tolerância em áreas com grande concentração de alumínio e por apresentar mais resistência à cigarrinha-das-pastagens. Seu sistema de raízes é mais adaptado às condições adversas do solo, como a baixa fertilidade e a escassez de água. A média de cinco anos de avaliação desse material confirma que, sob pastejo, o capim massai gera uma produtividade de 620 quilos de peso vivo por hectare, ao ano. Infelizmente, as sementes só deverão chegar ao mercado em 2002, já que neste mês inicia-se a concorrência para os produtores interessados em fazer a multiplicação.

Plasticultura

“Gostaria de informações sobre onde posso comprar o plástico utilizado na plasticultura e como posso utilizá-lo para armazenagem de cerâmica.”

Alda Campos

R — Bem, vamos informar sobre os endereços de distribuidores de plástico em algumas regiões do país. Ao entrar em contato com os escritórios, sugerimos que você esclareça a dúvida quanto ao uso para cerâmicas, pois trata-se de um assunto muito específico, e só quem trabalha com vendas do produto poderá lhe ajudar. Aqui estão sugestões de telefones de distribuidores nacionais de plásticos: Couto Azevedo, de Belo Horizonte/MG, fone (31) 281-3108; José Ferreira, Mato Grosso do Sul, fone (85) 226-3837; Conrado's,

Goiás, fone (62) 282-7041; Sempes, São Bernardo do Campo/SP, fone (11) 457-0517.



A Granja

Os novos paradigmas da mecanização – Parte II



Duas piadinhas de consultor: 1º – O sujeito, ao atravessar um rio cheio de piranhas, contratou um consultor para saber como passar; ao que ele disse: – Você se transforma em tartaruga, atravessa e, do outro lado, vira gente de novo; ao que o consultado reclamou: – Como vou virar tartaruga? Eu dei a solução do problema: – Esse detalhe agora é por sua conta.

2º – Depois de prestar consultoria, o cliente reclama. – Mas como você vem aqui, pega o meu relógio, me diz que horas são e ainda cobra adiantado US\$ 2 mil? Ao que o consultor responde: – Se

você tem dificuldade em ver as horas, fui convidado para ajudá-lo.

Mas fora essas piadinhas e retribuindo a gentileza do sr. Roberto Ávila Martins, de Itupeva/SP, estou à disposição no mercado e na Universidade de Brasília como amigo das máquinas e da mecanização há mais de 35 anos, formando bons engenheiros para aprender e bem aplicar no mercado os Novos Paradigmas que fiz publicar em **A Granja**, inclusive com o detalhe de RCM(Reliability Centered Maintenance). Em relação ao consultor e no melhor estilo norte-americano do International Consultancy, *é aquele que, depois de 35 anos de “janela” na prática e na teoria, é requisitado por empresários e produtores para alcançar os Novos Paradigmas e ganhar dinheiro. Ser consultor é privilégio de poucos que depois de uma vida profissional bem-sucedida se dão ao luxo de abrir a boca por alguns momentos, resolver grandes problemas e levar ao cliente muitos milhões. Teria satisfação em tê-lo junto a meus alunos da disciplina de Gerência de Máquinas Agrícolas da UnB, onde conceitos acadêmicos e exercícios práticos de Engenharia de Aplicação seriam aprofundados, o que não é escrito numa revista técnica de informação como A Granja. Grato pelos comentários, fico à disposição nos telefones 61 / 923 30 92 e 369 03 33.*

Luiz Vicente Gentil
Consultor em mecanização/gentil22@umb.br

Nova variedade de amendoim

Lendo a revista **A Granja**, fiquei muito curioso com uma nova variedade de amendoim, principalmente quanto ao seu rendimento e a sua resistência a doenças. A minha idéia é fazer uma experiência em minha região.

Alcindo Ullrich
Horizontina/RS



Muito mais do que xiita

Lendo a revista **A Granja**, fiquei pasmo ao ver a seção Aconteceu da revista. No título que se refere à aftosa, a revista dá a entender para o leitor que o governo do Estado é simplesmente um terrorista com seu povo (produtor rural), mostrando que é único e exclusivamente culpado pela volta da aftosa em nosso Estado. Ao invés de criticar tanto os atos desse governo, deveria olhar mais para os fatos que foram consumados durante todo o período de alerta que o governo do Estado enfatizou quando pedia a volta da vacinação, desde março deste ano. O que a revista coloca em seu artigo é no mínimo ridículo, pois deveria criticar antes os verdadeiros culpados por esse caos.

Atenciosamente,

Engenheiro agrônomo Marcelo Pilon
pillon@alnet.com.br

Solicitação de material

Sou filho de agricultor e estudo em uma escola agrícola, onde curso o ensino técnico em agropecuária. Venho solicitar o envio de materiais informativos como livros, revistas, folders, disquetes, CD-ROM, manuais, bem como outros que possam ajudar-me a obter maiores informações nessa área. Informações essas que irão ajudar certamente na minha futura carreira de técnico agrícola. O meu endereço é Nova Boêmia, Agudo/RS, CEP 96540-000.

Ademir Soares da Silva
rimedasoares@bol.com.br



Tire suas dúvidas ou dê a sua opinião.
Escreva para a redação da revista
A GRANJA,

Av. Getúlio Vargas, 1526
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS
Fax: (51) 3233-2456

E-mail: mail@agranja.com
Home page: <http://www.agranja.com>
As cartas ou mensagens poderão ser publicadas de forma resumida.

O efeito placebo nos currais

Não é novidade para ninguém que a indústria farmacêutica e muitos médicos ficam desconcertados diante de um fenômeno chamado “efeito placebo”. Placebo (ê) é uma fórmula farmacêutica sem atividade, cujo aspecto é idêntico ao de outra farmacologicamente ativa. É aquele negócio de ministrar pílulas de determinadas substâncias químicas a um grupo de pacientes, e pílulas, idênticas por fora, mas cheias de farinha, a outro grupo de doentes.

Em estudos sérios, realizados com três grupos de pacientes com depressão, um grupo usando drogas antidepressivas ativas, outro usando substância inerte, portanto um placebo, e um terceiro grupo-controle, sem receber tratamento algum, obtiveram-se os seguintes resultados: 23% das respostas positivas se devem à remissão espontânea da depressão, 27% são devidos ao medicamento ativo e nada menos que 50% das curas são devidas ao efeito placebo.

Claro que falamos de animais da espécie Homo sapiens sapiens, gente levada a crer que a pílula inerte tem tais e tais substâncias, gente que tem, ou pode ter, confiança, fé, esperança, redução da ansiedade, produção de endorfinas e relação terapêutica.

Isso explica o número assustador de tratamentos alternativos, ou místicos, ou esotéricos, que ora se escudam sob o manto de ciência, ora sob a espiritualidade, tudo com uma bela dose de “saboria milenar”, seja dos chineses, sumérios, egípcios ou persas, seja de um guru qualquer, geralmente inventado na hora.

Não há dúvida de que o prestígio das medicinas alternativas cresceu diante da desumanização da medicina tecnológica, em que os pacientes se transformaram em “números” sujeitos a exames invasivos, dolorosos e caros, com a relação médico-paciente deteriorada, fria e impessoal, que priva o enfermo daquela mão amiga sobre a testa, da atenção demorada, do apoio psicológico tão necessário para sua melhora ou cura.

Estabelecido o fato de que o efeito placebo existe e funciona, devo admitir que novidade, para mim, foi a notícia de que as vacas leiteiras também podem

ter confiança, fé, esperança, redução de ansiedade e relação terapêutica. Só isso pode explicar os ótimos resultados que teriam sido obtidos pela medicina veterinária homeopática num rebanho de gado mestiço, como vi no depoimento de uma simpática veterinária no Canal Rural.

Disse ela, entre outras coisas igualmente graves, que a homeopatia controla carrapatos, permite que o leite, até então necessário para produzir 1 kg de queijo, passe a produzir 2 kg do mesmo tipo de queijo, resolve o problema reprodutivo de uma vaca subfértil havia quatro anos, controla infecções dos bezerros, faz de tudo numa fazenda de ótimos pastos e curral imundo, como constatei na televisão.

Tive um excelente amigo, médico homeopata, que sempre repetia: “Todo remédio é um agressor”. Minto se não disser que, algumas vezes, quando menino, andei tomando remédios homeopáticos, talvez porque meu pai, psiquiatra de velha e boa cepa, soubesse que meu caso era mais de cabeça, do que de medicina alopatíca. Mas homeopatia para bovinos...

Em 1984, a Academia Nacional de Medicina da França aprovou relatório dos acadêmicos Pontanel e Duplessis, em que se lia: “A prescrição homeopática, no estado atual da ciência, NÃO É UM ATO RACIONAL”. Com efeito, a homeopatia data do século XVIII, quando, provavelmente, os tratamentos alopatícos ocasionavam mais mortes do que melhoras no estado de saúde. O tratamento racional e científico no campo da medicina começou bem mais tarde, no século XIX. A posição da British Medical Association, em 1986, era a seguinte: “Se o médico homeopata acredita na realidade dessa força imaterial, ele pode transmitir essa crença ao seu paciente. O efeito placebo seria então a explicação do sucesso alcançado e compartilhado pelo homeopata e seu paciente”.

O Ministério da Saúde da URSS tinha o seguinte ponto de vista oficial: “A homeopatia se baseia numa representação idealística e não em fundamentos científicos. /.../ Em nosso país (URSS), entre mais de meio milhão de médicos, os métodos e meios homeopáticos só são aplicados por grupos insignificantes. Isso testemunha que a grande maioria dos médicos não acredita e não participa nesses meios. E mesmo os que participam, fazem-no em conjunto com a medicina científica, o que retira da homeopatia seu caráter de independência”.

Nos Estados Unidos, em 1890, existiam 14 mil homeopatas. Em 1970, o número de praticantes da homeopatia havia baixado para menos de 250. Lá mesmo, nos EUA, em 1926, existiam 153 instituições homeopáticas, com mais de 20 mil leitos e mais de 750 mil pacientes-ano, número reduzido em 1970 para um único hospital homeopático. A Índia é o único país do mundo

em que o número de homeopatas supera o número de médicos alopatas.

Quem me vê assim, a transcrever trechos de um livro do dr. Jayme Landmann, pode

“Se o médico homeopata acredita na realidade dessa força imaterial, ele pode transmitir essa crença ao seu paciente”

pensar que tenho alguma coisa contra a homeopatia, o espiritismo, a macumba e todas as práticas místicas ou espirituais. Juro que nada tenho contra nenhuma das medicinas alternativas, com a só condição de que não seja obrigado a “medicar-me” numa delas.

O que me encucou e me levou a escrever e transcrever o que se leu acima, foi a notícia, dada pela televisão, de que as vacas *também* têm fé, esperança, confiança e relação terapêutica. Se for mesmo verdade, não custa usar nos rebanhos a base da homeopatia SIMILIA SIMILIBUS CURANTUR (o similar é tratado pelo similar). O resto se ajeita, até porque numa fazenda de ótimos pastos, trabalhando com gado mestiço, como aquela que nos foi mostrada pelo Canal Rural, as coisas e as curas ficam muito mais fáceis. ☞

Muitas vezes rotulados como os vilões do campo, hoje os produtos fitossanitários assumem uma nova postura e mais do que nunca podem ser considerados grandes aliados do produtor rural. O uso consciente desses produtos – associado a tecnologias de ponta que resultam em baixos índices de toxicidade e preservam o meio ambiente – é a tônica do momento

Ana Esteves

NOVA
FRONTEIRA
AGRÍCOLA:
A CONQUISTA DA QUALIDADE



Uma revolução onde a principal arma é a tecnologia. Essa é a melhor forma de definir o processo de mudança que tem caracterizado o setor de defensivos agrícolas brasileiro. As marcas destas transformações funcionam como símbolos de uma nova visão de mercado e de uma agricultura mais mo-

derna, marcada pela competitividade acirrada, por consumidores mais exigentes e uma preocupação cada vez maior com as questões ambientais. Essas transformações vão desde a criação de embalagens modernas que se desmancham na água e protegem o agricultor de um contato direto com o produto e de possíveis acidentes

ambientais, até defensivos com baixos índices de toxicidade.

As mudanças estão ocorrendo no campo, onde produtores buscam conhecimentos sobre aplicação e uso consciente dos produtos fitossanitários e também se pratica o Manejo Integrado de Pragas (MIP), uma nova filosofia de tratamento das la-

**O ADMIRÁVEL
MUNDO NOVO DOS**

DE



A Granja

vouras. São notadas ainda no âmbito legislativo, com a criação de novas leis que visam regulamentar o processo de devolução das embalagens vazias dos pesticidas, e no processo de fabricação de novos produtos. No admirável mundo novo dos defensivos agrícolas, a tecnologia é a força motriz que alimenta a mudança. “A

evolução para produtos com menos impacto ao meio ambiente sempre foi uma tendência mundial, mas só agora é que temos à disposição os recursos tecnológicos que proporcionaram a descoberta de novas formulações e novas embalagens”, avalia o diretor de marketing da Bayer, Peter Ahlgrim.

Para o engenheiro agrônomo da Associação Nacional de Defesa Vegetal (An-def), Marçal Zuppi da Conceição, nos últimos dez anos, foram realizados grandes avanços na área dos produtos fitossanitários, com a introdução de novos ingredientes ativos, mais seguros para o homem e o meio ambiente. “A evolução dos herbicidas através dos anos é muito clara. Se elegermos como parâmetro as doses de recomendação dos diversos produtos com registro no Brasil e compararmos os produtos lançados na década de 60 com os que chegaram ao mercado nos anos 90, constataremos uma redução da dose de aplicação em cerca de 94%”, explica.

A situação dos fungicidas não é diferente. “A tendência de redução de doses é resultado de um trabalho consciente e pertinaz das áreas de pesquisa da indústria, que busca defensivos mais eficientes e ao mesmo tempo menos tóxicos e agressivos ao meio ambiente”. Zuppi declara que, quanto aos aspectos toxicológicos, os inseticidas, de modo geral, sempre representaram a classe de produtos com maior toxicidade, o que levou ao sucesso as intensas pesquisas na busca de ingredientes ativos menos tóxicos. “A combinação dose menor e menor toxicidade tem influência direta na diminuição do impacto ambiental provocado por estes novos produtos”, afirma. Nesse caso é importante salientar a substituição dos organoclorados por produtos menos persistentes. Ele relembra que há cerca de 30 anos predominavam no mercado os produtos da classe vermelha, ou seja, mais tóxicos. Hoje o quadro se inverteu e os rótulos verdes são a maioria. “Em 1995 tínhamos 85 princípios ativos verdes, hoje eles saltaram para 130”, destaca.

Conforme o engenheiro agrônomo e professor do Departamento de Entomologia da Unesp/Botucatu, Wilson Crococo, embora ainda estejamos utilizando alguns defensivos agrícolas de primeira geração, os produtos químicos mais modernos vêm mudando sua natureza tóxica, assim como seu modo de ação. “Os primeiros defensivos eram muito

DEFENSIVOS



Lavoura tratada é sinônimo de produção sadia, produtiva e rentável

perigosos devido a sua ação neurotóxica e à ignorância do seu risco pela maioria da população, o que provocava muitos acidentes e problemas. Atualmente, essa situação melhorou bastante, inclusive porque o nível de conhecimento das pessoas com relação aos defensivos aumentou”, ressalta Crocomo.

Paralelamente, a indústria começou a desenvolver novas formulações, mais seguras, e novas substâncias químicas de ação em outros pontos da fisiologia das pragas, menos perigosas ao homem e animais. “Hoje já existem no mercado defensivos químicos menos tóxicos do que o sal de cozinha e o açúcar, por exemplo”, esclarece.

O especialista em entomologia destacou ainda que, com as novas tecnologias, as indústrias estão desenvolvendo grãos solúveis em água, com grau de toxicidade muito baixo e que podem ser aplicados em menor quantidade nas lavouras. “Os produtores que antes usavam até dois litros de um defensivo, que poderia intoxicá-lo com apenas uma colher de sopa, hoje utiliza no máximo 30 gramas de princípio ativo por hectare, que só prejudicaria a saúde se usado além de dois quilos”, compara.

Atualmente, avalia Crocomo, com os novos produtos e a evolução do conhecimento nessa área, o defensivo agrícola passou a ser visto como uma ferramenta, que quando bem utilizada, é um grande aliado do agricultor. “O defensivo é como um bisturi, um instrumento de grande utilidade na mão do médico para aliviar o sofrimento humano, que, no entanto, em mãos erradas pode ser uma arma mortal.

Ele, assim como qualquer outro produto químico, é uma ferramenta de grande valor para a humanidade, no entanto – assim como a eletricidade, o automóvel e tantas outras facilidades da vida moderna – exige responsabilidade e conhecimento para seu emprego”, opina.

EMBALAGEM E EDUCAÇÃO

As novas tecnologias também estão trazendo transformações para o setor de confecção de embalagens para defensivos agrícolas. “O grande avanço nessa área foi a introdução do saco hidrossolúvel, feito de um material conhecido como PVA, ou Álcool Poli Vinílico. Ele possui uma grande resistência mecânica, similar ao polietileno e é totalmente solúvel em água”, explica Zuppi. Desta forma é possível diminuir a exposição do aplicador ao produto, já que ele não precisa abrir a embalagem para preparar a calda. Além disso, esse tipo de saco facilita a dosagem, pois já contém a quantidade exata do produto para a aplicação na lavoura. “Outra vantagem é que a embalagem hidrossolúvel elimina o problema da destinação final, prevista pela Lei Federal 9974, de junho do ano passado, que institui novas obrigações à indústria, revendas e produtores rurais e punições para quem desobedece-la”, declara Zuppi.

Na verdade, de nada valeria a tecnologia se não houvesse a educação do ho-



Conceição, agrônomo da Andef: os avanços implicam na introdução de novos ingredientes ativos, mais seguros para o homem e o meio ambiente

mem do campo. “Existem três alicerces que fazem com que essas mudanças se concretizem: legislação, engenharia e educação. Uma complementa a outra”, contrapõe o agrônomo da Andef. Quando a tecnologia ainda não está disponível é a informação e o treinamento que realizam o trabalho. Um caso típico, que ratifica a opinião de Zuppi é o da tríplíce lavagem. “As embalagens, metálicas, plásticas e de vidro não foram totalmente substituídas pelas hidrossolúveis e por isso continuam sendo um problema. A solução está sendo a campanha da tríplíce lavagem, que busca conscientizar o agricultor da importância de eliminar resíduos tóxicos que permanecem nas embalagens vazias”.

A entidade não tem medido esforços para aproximar os agricultores dos conhecimentos dos engenheiros agrônomos. “Hoje contamos com mais de 14 mil profissionais que têm o papel de multiplicadores, levando técnicas de manuseio e utilização para os produtores diretamente no campo”. Segundo ele, o agrônomo configura o elo entre o anseio e a realidade do campo. Sua participação no processo representa o grande fator de segurança, porque ele é quem avalia as alternativas para o uso de produtos fitossanitários, define os tipos mais seletivos e formulações que reduzem o risco de toxicidade e de menor impacto ambiental. ▶

Cultura de fortes resultados.

SBV10Z2A



* Marcas registradas de Dow AgroSciences.
O produto Verdict® R não é cadastrado no estado do Paraná.
Spider: ver restrição de uso no estado do Paraná.

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte sempre um engenheiro agrônomo.
Venda sob receituário agrônômico.



Quem produz com a qualidade que coloca o Brasil como o segundo maior produtor de soja do mundo, sabe que uma cultura forte exige dedicação em todas as etapas. Por isso, é bom contar com a tecnologia de

proteção Dow AgroSciences para soja, uma linha de soluções que age desde a dessecação até a colheita, acompanhando o desenvolvimento da sua lavoura para que cada safra seja marcada pela conquista de grandes resultados.

 **Dow AgroSciences**
Melhorando a qualidade de vida



MULTINACIONAIS INVESTEM PESADO

Ao mesmo tempo em que os produtos rurais recebem orientações no campo sobre a melhor forma de utilizar os defensivos e aplicam técnicas revolucionárias como o Manejo Integrado de Pragas, as empresas dão o seu toque no processo de transformação e fazem investimentos pesados para o desenvolvimento de pesquisas básicas e aplicadas na área de produtos e embalagens.

Só no Brasil, o investimento por ano em tecnologia chega aos US\$ 50 milhões. Não é à toa que muitas delas chegam a lançar até sete novos produtos por ano, como é o caso da Basf. “Em maio lançamos dois fungicidas para a cultura do trigo, o Caramba e o Corbel, além do acaricida Cascade para o mercado de citrus. Ainda neste ano lançaremos outros quatro produtos para hortifruticultura, milho e cana-de-açúcar”, informa o diretor de negócios da divisão

agro do grupo Basf, Wilson Hernandez. Com o novo produto para a cana, o Planteau 70 DG, a Basf dá a largada para conquistar 10% do mercado de defensivos para a cultura nos próximos três anos. Trata-se de uma estratégia agressiva da empresa alemã no setor sucroalcooleiro.

Hernandez afirma ainda que todos estes produtos têm uma característica em comum: baixa toxicidade. “Eles apresentam novas formulações, menos residuais e podem ser utilizados em menos quantidade no campo”, reforça. A empresa desenvolve seus produtos sempre preocupada com os anseios dos agricultores. “Eles querem soluções de baixo custo e toxicidade e alta eficácia, e é isso que nós procuramos produzir”, completa. Com a aquisição da Cyanamid, no ano passado, a Basf subiu para segundo lugar no ranking, com um faturamento em 2000 na ordem de US\$ 346 milhões no setor agro brasileiro. “A expectativa para este ano é permanecermos com valores similares”, estima Hernandez.

Somando forças — Na onda de fusões e aquisições, o destaque deste ano será com certeza a negociação para compra da Aventis CropScience pela Bayer. “Ainda não está nada definido, mas se a transação se concretizar trará benefícios para ambas, pois irá agregar produtos, reforçando principalmente a participação da Bayer no segmento de herbicidas, acirrando a competitividade”, declara o gerente de marketing da Bayer, Peter Ahlgrimm. Caso a compra realmente se efetive, ela passaria a ser líder mundial no setor de agroquímicos. “Temos exclusividade no negócio, o que não significa que

ele já esteja finalizado”, destaca Algrimm. Conforme o diretor de marketing operacional da Aventis CropScience, Jurandir Paccini, a empresa faz parte do grupo Aventis, que decidiu concentrar suas atividades na área farmacêutica e então realizar a venda do segmento de agroquímicos. “Resolvemos dar exclusividade para a Bayer pois ela apresentou a melhor proposta econômica e social, dando condições de absorver o atual quadro de funcionários da Aventis. Além disso irá assegurar a continuidade da nossa empresa na liderança do mercado de defensivos”, revela Paccini. O negócio está avaliado em US\$ 7 bilhões.

No que se refere ao lançamento de novos produtos, ambas estão com portfólios renovados. “Estamos cheios de produtos novos, sendo que o carro-chefe é o inseticida Fipronil, com os nomes comerciais Klap, Stanbak e Blitz. Ele atua com doses de ativos baixos, tem baixa toxicidade e pode atuar nas lavouras por longos períodos”, afirmou Paccini, da Aventis. Segundo ele, o Fipronil é considerado um elemento revolucionário pois ajudou a diminuir as perdas no cultivo da cana-de-açúcar. “Ele deixa a cultura livre de aplicações por mais de dois anos”. Paccini diz que a mudança de abordagem dos defensivos se deve em grande parte à necessidade do agricultor brasileiro de competir em nível mundial, através do uso de tecnologias apropriadas que garantam o aumento da produtividade. Nos últimos anos, a Bayer trouxe para o mercado outros dois novos produtos e promete um terceiro para 2003. “Em 2000 lançamos o inseticida Calipso e para este ano preparamos o lançamento do Positron, um fungicida com um novo grupo químico. Nossas previsões é de até 2003 colocarmos no mercado um novo acaricida”, revela Ahlgrimm.

Já a Dow Agroscience, que no ano passado conseguiu fortalecer sua linha de fungicidas com a aquisição da Rohm and Haas, promete o lançamento de dois novos produtos para o cultivo de arroz: o Clincher, esperado para 2002 e um herbicida ainda sem nome, previsto para 2004. “Todos produzidos com cuidados especiais no que se refere à avaliação dos elementos inertes à formulação, menos tóxicos e que apresentem riscos menores”, detalha o diretor de marketing da empresa José Manuel Arana. Na sua opinião, a evolução para defensivos com menor toxicidade sempre existiu, mas só agora se concretiza.

No que se refere ao mercado brasilei-



Hernandez, da Basf: soluções voltadas aos anseios dos produtores



Ahlgrimm, da Bayer: somente agora os recursos tecnológicos estão à disposição



Paccini, da Aventis: agricultor precisa ser competitivo



Arana, da Dow: a alta do dólar refletiu negativamente nos negócios do setor



HERBICIDAS SYNGENTA



Primestra[®]
Gold



Dual[®]
Gold

GRANOXONE

ZAPP
Q1

NÃO É DE HOJE QUE VOCÊ CONHECE NOSSOS PRODUTOS.

O nome é novo, mas a linha de produtos, a qualidade, a tecnologia e a confiança vocês já conhecem. Essa é a Syngenta. O resultado da união entre Zeneca Agrícola, Novartis Agribusiness e Novartis Seeds. Syngenta. Vivendo da terra e para a terra.

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte
sempre um
Engenheiro
Agrônomo



Venda
sob
receituário
agronômico

syngenta

www.syngenta.com.br



Nova lei exige mudanças de atitudes e conceitos

A partir do dia 31 de maio de 2001, o agricultor brasileiro passou a ter o prazo de um ano, a partir da data da compra registrada na nota fiscal, para a devolução das embalagens vazias de defensivos agrícolas. A exigência da Lei 9974, de 6 de junho de 2000, é mais um indício das mudanças que estão revolucionando o setor. De acordo com Marçal Zuppi, a Lei disciplina a destinação final de tais recipientes estabelecendo responsabilidades para o agricultor, revendedor e fabricante. Aodescumprirem a Lei serão enquadrados em crime ambiental, sujeitos a multa de 3,1 mil UFIRS para o agricultor e comerciante e 6 mil UFIRS para o fabricante, além de pena de reclusão de dois a quatro anos.

O objetivo é que as embalagens não sejam armazenadas irregularmente nas propriedades ou depositadas em locais inadequados, como rios, beira de estradas ou queimadas a céu aberto. "Os procedimentos começam pela ação do agricultor, que tem a obrigação de realizar a tríplice lavagem e armazenar corretamente todas as embalagens até a devolução. As revendas além de dar orientação e treinamento, são obrigadas a receber as embalagens vazias e indicar no corpo da nota fiscal o endereço da entrega. Já os fabricantes têm que alterar os rótulos dos produtos, adequando-os à legislação, com informações sobre procedimentos de lavagem, armazenamento, transporte e devolução", explica Zuppi. Atualmente, no país, são comercializadas cerca de 90 milhões de unidades de embalagens de defensivos agrícolas correspondendo a 20 milhões de quilos de recipientes vazios, sendo 50% de plástico. "A nova lei chega num momento em que já existem 44 unidades de recebimento das embalagens vazias, construídas em parceria com a Andef e suas associadas com órgãos representantes de classes, como engenheiros agrônomos e produtores rurais, organismos oficiais e empresas privadas". Até o final de 2001, somente esse programa da Andef terá colocado em funcionamento 70 unidades em todo o país, mas prevê-se um crescimento considerável deste número em função da nova legislação.

Os novos produtos favorecem uma combinação de dose menor e toxicidade mais baixa, priorizando a conscientização com o impacto ambiental

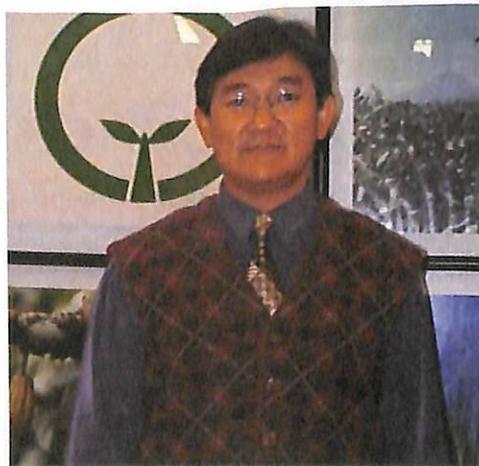
ro, Arana comenta que a alta do dólar tem refletido de forma negativa nos negócios. "Essa é uma questão muito séria, pois como a matéria-prima é importada tem impacto nos preços que afetará o consumidor final", avalia. Segundo ele, a Dow também baseia a criação de novos produtos nas demandas dos agricultores. "Mantemos constante contato com eles, realizando dias de campo para acompanhar o trabalho na lavoura e conhecer de perto suas necessidades".

Na onda da aproximação com os consumidores, a Monsanto identificou que os produtores buscam principalmente "defensivos com embalagens mais práticas, de fácil manuseio e descarte, menos tóxicos e que possam reduzir o custo de produção com a mesma ou maior eficiência e que ainda apresentam simplicidade e flexibilidade de uso", afirma a gerente de produto Roundup, Juliana Hosken. O Roundup, inclusive é o carro-chefe dos herbicidas da empresa, utilizado há 30 anos, em cerca de 100 países. "As características desse produto propiciam o desenvolvimento da principal tendência em agricultura conservacionista: o plantio direto", enfatiza Juliana. Segundo ela, o principal lançamento da empresa foi o Roundup Transorb, um herbicida dessecante, que proporciona um melhor controle das plantas daninhas em situações adversas como chuva após 60 minutos e baixas temperaturas. "A Monsanto trabalha com produtos de baixa toxicidade e

de baixo impacto ambiental, cujo uso está associado ao PD", completa.

O gerente de marketing da Hokko, Masaki Hassuike afirma que essas transformações estão baseadas principalmente no uso mais consciente e seguro dos defensivos tanto para quem aplica como para o meio ambiente. "Esse processo se deve em grande parte ao trabalho realizado pelas empresas de aproximação e acompanhamento da utilização dos produtos pelo agricultor. Hoje cada vez mais se investe em divulgação de métodos importantes como a tríplice lavagem, por exemplo", diz Hassuike. A Hokko tem cerca de 100 profissionais no campo dando palestras e orientando os agricultores. Para ele, o setor de defensivos conta hoje com dois grandes diferenciais: as embalagens hidrossolúveis e a criação dos grânulos que também se diluem na água. "A Hokko tem dois produtos importantes no seu portfólio, como o Ortheine, um inseticida da classe quatro muito usado em soja e hortaliças e o Top Select, muito procurado pelos sojicultores, ambos mais seguros e adaptados à nova realidade de elementos menos tóxicos". A Hokko faturou US\$ 36 milhões em 2000 e pretende fechar o ano com US\$ 40 milhões.

Brasileiras da gema — Não é só de multinacionais que se faz o mercado. As empresas brasileiras de defensivos também estão no páreo, acompanhando todo o processo de renovação do setor. "As empresas estão mais abertas, mostrando mais a cara e orientando os consumidores sobre a melhor forma de utilizar os produtos, com maior cuidado no manejo, observando as instruções de segurança e melhor descarte da embalagem", informa o diretor de marketing e negócios da Agripec, Nivaldo Carlucci. Seguindo a tendência de colocar no mercado produtos menos agressivos, a empresa está buscando o registro de diversos elementos menos tóxicos, com formulação mais "amigável", com suspensão concentrada ou sólidos de alta concentração e embalagens de fácil descarte. Para Carlucci, o mercado está muito competitivo e muito prejudicado pela alta do dólar. "Muitos defensivos são importados e com a oscilação do dólar não sabemos ao certo onde vamos parar", analisa. Segundo ele, o pro-



Hassuike, da Hokko: o diferencial está nas embalagens hidrossolúveis e criação dos grânulos

Quem lida com a terra precisa ser forte.



futura

Não é por acaso que o TM95 é líder de mercado. Ele possui barras alternadamente longas e curtas e diferentes planos de rigidez no fundo do desenho, que proporcionam maior tração, estabilidade e autolimpeza. O TM95 tem também um rodar mais uniforme que elimina as vibrações e as oscilações laterais. Na hora de escolher o pneu, escolha aquele que garante mais força e produtividade. Escolha TM95 da Pirelli.

VOCÊ PERGUNTA E A PIRELLI RESPONDE:
0800-787638 Internet: www.pirelli.com.br



POTÊNCIA NÃO É NADA SEM CONTROLE.

dutor está muito bem servido pelos produtos nacionais. “Também utilizamos tecnologia de última geração como os grânulos dispersíveis em água que têm substituído os líquidos, evitando o uso de solventes originários do petróleo”, revela.

Outra brasileira da gema, a Milênia é conhecida por ter o maior portfólio de produtos genéricos do mercado. “São mais de 40 entre herbicidas, fungicidas, inseticidas e acaricidas para os diversos cultivos”, orgulha-se o gerente de Planejamento e Estratégia da empresa João Eiras. De acordo com ele, a diminuição do grau de toxicidade dos produtos se dá basicamente de duas formas: pela modificação dos protocolos de avaliação dos resultados toxicológicos de cada produto em razão de novas orientações científicas ou pela alteração das formulações, utilizando componentes inertes e aditivos de menor toxicidade.

Nos últimos dois anos a Milênia lançou quatro novos produtos: o Orius, fungicida para o trigo; o Rimon, inseticida fisiológico; o Naja, latifolicida para soja e o Shogun, gramicida também para a soja. Para ele, o mercado está extremamente competitivo, dependente de condições climáticas e com modelos de comercialização um pouco diferente de outros mercados. “Essas condições exigem que as empresas sejam altamente especializadas para enfrentar estas adversidades”. A elevação do nível tecnológico empregado na agricultura como no caso do plantio direto é a principal responsável pelas modificações no setor. “A evolução das tecnologias de aplicação com menores volumes de calda e de produtos, as leis ambientais e as próprias empresas tiveram que sair em busca de melhorias nos seus proces-



Carlucci, da Agripec: as empresas nacionais estão acompanhando o processo de renovação

so fabris, produzindo defensivos que atendam às transformações”, conclui.

MIP — Essas transformações, tanto tecnológicas como de comportamento, começaram a ser notadas a partir da década de 70, com o início da produção de defensivos mais específicos e seletivos, que preservam insetos predadores e com a introdução do Manejo Integrado de Pragas (MIP) no país. “Desde a década de 50 o uso excessivo de defensivos

químicos tem sido questionado, mas foi somente nos anos 70 que a filosofia do manejo integrado de pragas se consolidou e começaram as primeiras tentativas de implementação no campo”, relembra Wilson Crocomo. Essa técnica é considerada uma filosofia de trabalho que envolve o emprego simultâneo de diferentes métodos de controle populacional dos agentes biológicos indesejáveis como insetos, fungos e plantas daninhas na agricultura. “O objetivo é mantê-los numa condição *não praga* de forma econômica e harmoniosa com o ambiente”, explica.

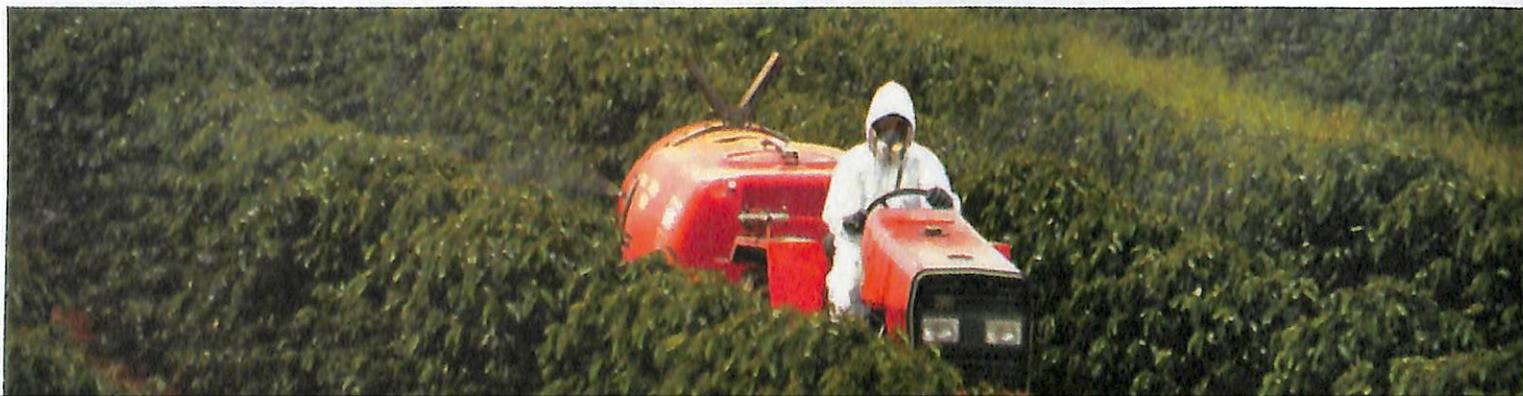
O emprego do MIP na agricultura implica basicamente na avaliação do ecossistema, ou seja, o acompanhamento do crescimento populacional dos agentes biológicos, tanto benéficos quanto daninhos, presentes na lavoura, desenvolvimento das plantas, na tomada de decisão de controlar ou não os agentes indesejáveis e na escolha do método de controle a ser empregado. “Evidentemente, essa decisão de controlar ou não quase sempre recai sobre métodos que promovem um controle imediato, seja curativo ou preventivo, como o químico ou biológico. No entanto, a implementação do MIP também requer a adoção de métodos de controle que visem dificultar a ocorrência das pragas como a rotação de culturas, as variedades resistentes, uso de barreiras que segurem por exemplo pragas arrastadas pelo vento, além da cultura armadilha ou isca. Junto com eles

trabalhamos o uso racional de defensivos agrícolas, apenas na medida do necessário, evitando desperdícios, perdas econômicas e impacto biológico desnecessário”, afirma Crocomo.

O MIP pode ser empregado em qualquer tipo de atividade agrícola, como irrigação, preparo do solo, adubação, controle de doenças e de pragas, caracterizando o Manejo Integrado de Culturas. Hoje, já se discute o desenvolvimento de manejo integrado da agricultura como um todo, onde todas as técnicas empregadas devem ser integradas de forma a uma contribuir para a melhoria da eficiência da outra, como preparar o solo, adubar, irrigar, de forma a minimizar a ocorrência de doenças e pragas, com o principal objetivo de reduzir custos e aproveitar melhor as respostas do ecossistema. Para Marçal Zuppi, tudo indica que mesmo com estas técnicas, por muito tempo haverá demanda por produtos fitossanitários, já que, na opinião dele, elas são altamente instáveis e suscetíveis ao desequilíbrio.

E o como está a aceitação do MIP por parte do agricultor? Crocomo acredita que há uma conscientização maior principalmente por parte dos produtores mais novos e dos que estão mais capitalizados. “Esses podem arriscar e se preocupam com a preservação ambiental e com o respeito à ecologia”, ressalta. As dificuldades aparecem na hora de modificar a mentalidade dos agricultores mais tradicionais e dos pequenos. Wilson Crocomo diz que no Brasil, o MIP está sendo mais utilizado nas lavouras de soja, café e milho além dos cítricos. “Nestas culturas a adesão é completa. As regiões mais difíceis são as que possuem fronteira, como no caso de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul, principalmente nas culturas de feijão e arroz”, completa.

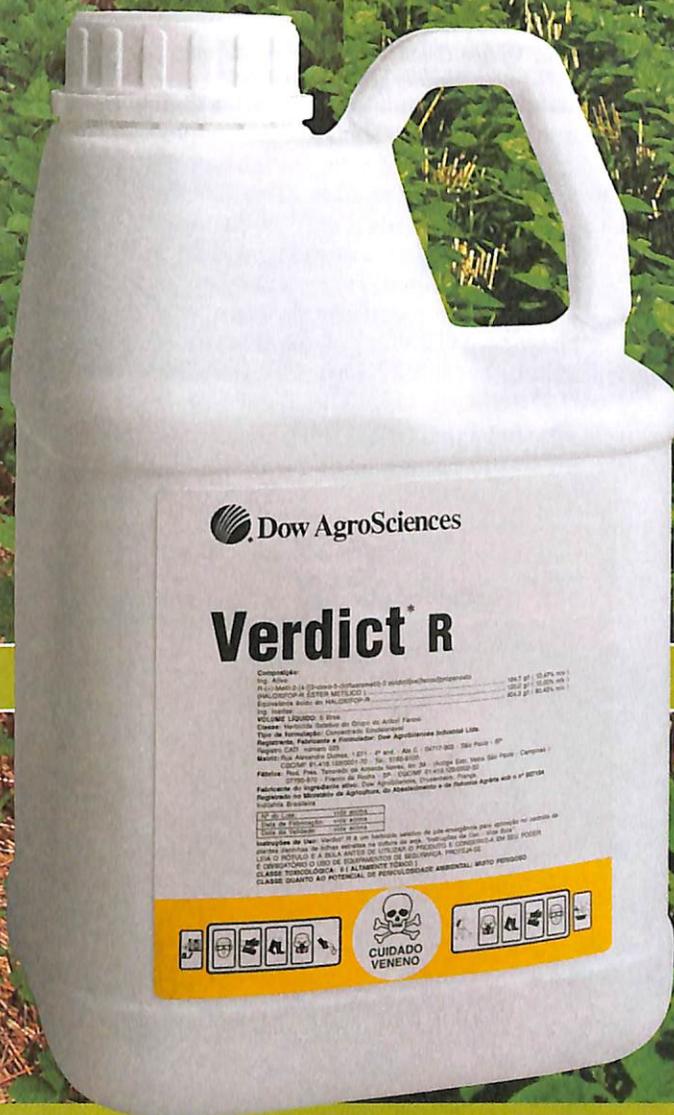
O engenheiro agrônomo do Departamento de Plantas de Lavoura da Faculdade de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Ribas Vidal lembra que o uso do MIP é muito evidente nas lavouras com plantio direto. “Nesses casos a palha da cultura anterior reduz a população infestante e a cultura semeada na época apropriada requer menos herbicidas”, destaca.



O líder ampliou seu campo de ação.

Verdict* R agora também para feijão.

SAVIOZZA



ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. **Consulte sempre um engenheiro agrônomo.** Venda sob receituário agrônômico.



- O melhor controle de gramíneas em diversos estágios.
- Altamente eficaz contra brachiárias e gramíneas de difícil controle.
- Flexibilidade de aplicação: tanto no plantio direto quanto no convencional.
- Total seletividade ao feijão.
- Ação sistêmica.
- Absorção rápida, mantendo sua eficácia mesmo com a ocorrência de chuvas fortes 1 hora após a aplicação.
- Aumento da lucratividade, graças à excelente relação custo-benefício.

Verdict* R

Dow AgroSciences
Melhorando a qualidade de vida



A FROTA IDEAL ESTÁ AO SEU

Não é sonho não. Essa conquista pode tornar-se realidade, e até já é em algumas propriedades rurais de ponta. Porém, depende de uma gestão profissional, moderna e eficiente

Luiz Vicente Gentil / Consultor em mecanização
E-mail: gentil22@unb.br



ALCANCE

Quantidade e tipo certo de máquinas

- 1 - Terceirizar todo possível desde que tenha baixo risco.
- 2 - Grande uniformidade de marca, modelo, tipo.
- 3 - Pouca máquina.
- 4 - Fazer troca de hora máquina com produtor de outra região.
- 5 - Comprar e usar máquina só de melhor qualidade.
- 6 - Menor índice de investimento da frota por ha e tipo de atividade.
- 7 - Usar máquina com acessório tipo versátil-multitarefa.

Tarefa perfeita

- 1 - Perda zero em colheita.
- 2 - Plantio com profundidade, stand e adubo conforme pesquisa.
- 3 - Máquina de alta tecnologia, extraindo dela, tudo que ela pode oferecer.
- 4 - Operador capaz, responsável e bem pago.
- 5 - Adoção de paradigma em cada operação mecanizada.
- 6 - Adoção de risco zero.
- 7 - Matematizar e dolarizar toda vantagem ou prejuízo possível.

A frota ideal é aquela fruto do correto atendimento das necessidades da fazenda. Nunca a frota será ideal se o gestor repetir rotinas, palpites ou velhos padrões, onde cada fazenda tem particularidades em cada ano ou safra. Assim, não existem fórmulas mágicas para a conquista da frota ideal. É preciso analisar, planejar, comparar e decidir à luz da razão, do bom senso e dos interesses, *o que ele quer; o que ele precisa e o que ele pode.*

Num exemplo de caminhão trucado da fazenda para 15 t ou 250 sacos, temos custo de US\$ 0,4859/km e US\$ 0,2797/km se ele rodar 40 mil ou 100 mil km/ano. No caso de transporte de milho em viagem de 200 km ida e volta, o custo do frete cai de 11,1% para 6,4%. Isso mostra que o transporte será com caminhão comprado ou alugado pelos estudos e não palpite.

A quantidade e o tipo de máquina a ter ou usar, seja trator, moinho a martelo ou plantadeira, será feita diante da pergunta: o que é o melhor para a empresa e para mim? Compensa ter mais tratores de baixa potência ou menos deles de maior cavalagem? Será alugado na entressafra para o vizinho? Porque e por quanto? Se o trator for cabinado evitando poeira, defensivo e sol, não terei mais horas/ano e satisfação dos funcionários? Se comprar um trator ruim de baixo preço, será que ele não dará maior despesa em conserto e menos trabalho por ano, precisando assim dois deles, em lugar de um só e bom?

Baixo custo e investimento

- 1 - Alto índice K (eficiência temporal no campo)
- 2 - Grande uso ou trabalho anual
- 3 - Terceirização
- 4 - Pouca máquina de alta tecnologia e bem operada
- 5 - Serviço de qualidade
- 6 - Vida longa para reduzir a depreciação
- 7 - Evitar financiamento com juro maior de 7% aa

Não quebre e dure muito

- 1 - Usar máquina de melhor engenharia.
- 2 - Empregar operador treinado.
- 3 - Peça original.
- 4 - Uso adequado em cada prática mecanizadas, solo, condição de campo/clima.
- 5 - Mecânicos com oficina de bom nível.
- 6 - Retífica, bomba, bico, hidráulico, radiador e elétrico feito em revenda autorizada
- 7 - Insumos de primeira linha (lubrificante, combustível, graxa, eletrodo)



A Granja/Divulgação

Pós venda barato, fácil e rápido

- 1 - Revisão geral em cada máquina após a safra ou período.
- 2 - Peça original, mecânico treinado e ferramenta adequada.
- 3 - Uso de revendedor autorizado.
- 4 - Manutenção preventiva ou preditiva.
- 5 - Uso de máquinas com boa engenharia.
- 6 - Planejamento de conserto, reforma e revisão.
- 7 - Insumos de primeira linha.

Segura e ergonômica

- 1 - Máquina cabinada com extintor de incêndio.
- 2 - Correto manejo de defensivo agrícola.
- 3 - Terreno limpo, plano com rua longa.
- 4 - Velocidade adequada em cada tarefa, nunca sub utilizada.
- 5 - Uso de equipamento de proteção.
- 6 - Espelho parabólico e farol possante direcional, inclusive *sealed beam*.
- 7 - Baixo centro de gravidade, bitola regulável e pneu adequado.

Tenha gestão perfeita

- 1 - Informatização da frota e das tarefas mecanizadas.
- 2 - Pagamento via participação nos lucros, produtividade e horas extras.
- 3 - Planejamento e *follow up* diário.
- 4 - Gerente de qualidade sob contrato] de risco.
- 5 - Controle personalizado em cada máquina.
- 6 - Análise, conhecimento, planejamento de custo de cada operação, máquina ou serviço
- 7 - Treinamento, CIPA, recursos humanos, inteligência, pessoal de primeira qualidade.

serto. Principalmente em regiões afastadas, de intenso trabalho ou numa frota envelhecida. Existem controles integrados à contabilidade central num sistema gerencial. Quando falta peça na fazenda na hora da quebra, a máquina pára, precisando de outra para repor o serviço não feito, o frete fica caro para buscar uma só delas na cidade mais próxima, gera transtorno gerencial e os custos se elevam. E a meta da fazenda não é alcançada.

Assim como motorista domina o volante, a estrada e os pedais sabendo onde vai, a frota precisa de controle para andar bem. Ele é o planejamento das máquinas, dos tempos antes da safra, durante e depois na hora da revisão. Desta forma, o fluxo de cada safra/operação é feito em gráfico como de Gantt, onde se alocam horas e meses do ano, em épocas de natural ociosidade e pico como preparo do

Hoje, graças ao Moderfrota, o índice de renovação do maquinário tem aumentado



A Granja/Divulgação

O ideal é que a frota seja enxuta e as máquinas operem de forma intensa, sem ficarem ociosas

solo. Se um ano tem 8760 horas, porque um trator trabalha em média só 850 horas/ano? Numa boa fazenda com três safras por ano, ou de cana, ele pode ir até 2500 horas/ano. Tratores florestais trabalham até 6500 horas/ano.

Como a fazenda está descapitalizada, endividada e frota sucateada, faz-se o planejamento da recuperação. Assim, tem-se que índice de sucata vale quanto precisamos para recuperar uma frota velha. Numa fazenda de 800 ha, se a frota nova valer US\$ 267 mil e tiver hoje seu preço de US\$ 85 mil, preciso de US\$ 182 mil ou 68,1% do valor inicial. O índice de sucata é de 68,1%. Em pesquisas feitas, a média está na faixa de 90% a 75% gerando alto custo de produção e uma roda vida em novas dívidas. Agora, quando se recupera a frota otimizando sua performance, podemos programar novas compras ou terceirizações.

As três grandes reclamações dos usuários são: 1) a peça é cara e demorada, quando encontra, 2) máquinas são caras, 3) juros são altos. Como resolver estes problemas?

1. Use insumos de qualidade, como lubrificante, peça, diesel, mão-de-obra e oficina,

2. Revise cada máquina no fim da safra,

3. Nunca compre máquina ruim ou assin contratos sem consultar antes um financista e um bom advogado,

4. Treine, exija e pague bem seus funcionários,

5. Use intensamente as máquinas em menor quantidade e maiores capacidades de trabalho.

6. Terceirize, você não precisa comprar máquina, pagar juro ou hipotecar a fazenda.

7. Máquina tem de trabalhar e durar muito. Só as novas de qualidade e bem cuidadas chegam lá.

A resposta imediata de 30% dos produtores a esta questão é: não tenho dinheiro ou fica caro. Vejamos onde fica caro. Plantadeira com trator bem cuidado de boa qualidade e mal cuidado custam por hora US\$ 17,00 – TR (trator) = US\$ 7,50 + PL (plantadeira) = US\$ 9,50 – e US\$ 22,00 – TR = US\$ 10,00 + PL = US\$ 12,00 – respectivamente. Numa área de mil ha com milho por exemplo a um rendimento médio de 1,43 ha/hora para a condição boa e 0,70 ha/hora para a ruim, temos um custo para mil ha de US\$ 31.460,00 para máquina ruim e US\$ 13.090,00 para a boa. Esta diferença de US\$ 18.370,00 materializa a resposta do porque o barato fica caro. A frota ideal começa com estas contas e exemplos práticos de campo. Ou seja, apenas usando a frota de forma ideal, compro um pequeno trator novo à vista com bom serviço prestado. A cada mil ha plantados com milho e em quatro meses!

Como vivemos num mundo capitalista, a regra é: aquele que pode mais chora menos, ou seja, os benefícios da frota serão maiores que seus custos demonstrado pela fórmula do rendimento, onde R (rendimento) = V. (velocidade de deslocamento da máquina) L. (largura de trabalho) K. (índice de eficiência)/ 10.000 dado em ha/hora. Outras referências dão em valores agregados, onde uma colhedeira de cana tem de colher no mínimo 100 mil t/ano, uma plantadeira 400 horas/ano, um



A Granja/Divulgação

Ser
Ser
Ser

a solução no campo

líder na tecnologia

lembrado pela qualidade



Ser

***Destaque 2001 por uma simples razão:
estar sempre ao lado de quem produz***

 **Serrana**
FERTILIZANTES



A Granja/Divulgação

Aproveitamento: a definição de um cronograma das principais operações agrícolas é fundamental

caminhão da fazenda um mínimo de 100 mil Km/ano e assim por diante. Quando as operações mecanizadas têm largura fixa como colheita e plantio dada pela fórmula anterior, apenas dois fatores podem ser geridos, como velocidade, que será a maior possível desde que faça bom serviço para aumentar a razão e o índice K, próximo da unidade, ou seja, que desapareçam as perdas de tempo. Perda zero de tempo no campo elimina ociosidades, quebras, regulagens, consertos e manutenção. Inclusive nas cabeceiras via ruas longas. Se a velocidade no plan-

tio aumentar de 4 para 8 km / hora por exemplo, o usuário só precisa da metade de tratores e plantadeiras; ou até menos se o índice K de rendimento de campo melhorar.

Apesar dos recursos tecnológicos e gerenciais, o sucesso da frota está na cabeça do usuário. Se procura o caminho que o levará ao sucesso, ele o terá, mesmo que demore mais um pouco. Caso não se dedique a superar os problemas, dando o máximo de si, onde ele olha para trás, reclama, chora, é preguiçoso e diz ser difícil, é claro que a sua frota será um

exemplo do que é ruim para ele e pior para o país que precisa de alimento farto e barato na mesa da dona de casa.

Na frota ideal são importantes os fatores de segurança ou ergonomia. Não é favor evitar sinistro na frota, nem cuidar bem daqueles que trabalham com elas, é sem dúvida uma obrigação daqueles que desejam o sucesso da mecanização.

A frota ideal, por exemplo, pode estar em uma propriedade de 830 ha com algodão em plantio direto e alta tecnologia: a colheita representa 35,93%, a prensagem 17,92% e o transmódulo (também chamado bad boy) entre a colhedeira e a prensa, 11,66%. Três operações valem 65,54% e as outras 14, apenas 34,46%. Claro que esta frota será otimizada primeiro na colheita onde poderá ser terceirizada, operadores técnicos agrícolas, lavouras de no mínimo 270 @ /ha, velocidade de 8 km/ hora e outras ações como manutenção e consertos de primeira linha. A otimização da frota é feita do simples ao complexo, dando-se energia à criatividade e não ao capital.

Foi perguntado a um diretor se ele conseguia trabalhar a mesma área com um patrimônio de US\$ 3,5 milhões em lugar dos US\$ 5 milhões que havia investido. Surpreso com a pergunta, disse: nunca pensei nisto. Esse diálogo mostra que as frotas em geral não são planejadas e geridas de forma ideal. Vai se comprando aqui e ali, remendando a frota, com dívidas impagáveis e máquinas desnecessárias. Cada máquina, do avião agrícola até a enxada terá um uso e economias planejadas. É assustador ver uma colhedeira que custa US\$ 80 mil trabalhar apenas 100 ha ano, quando deveria ir até os 1.200 ha/ano cada uma, alugada ou não.

Nos últimos 50 anos, houve a troca da tração animal pela máquina agrícola espacial (GPS/satélites), enquanto a capacidade gerencial destas frotas não evoluiu na mesma proporção. Isso produz uma frota não ideal e um desafio para os usuários recuperarem o tempo perdido. Como eles não vão mais à escola, esta renovação está sendo feita pelos filhos e parentes mais adequados. A observação e obediência a estas normas básicas de mecanização fazem o sucesso da frota em atividades tão diferentes como hortifrútiis, criação animal, cereais, cana ou madeira. Como reflexão final, recomendamos aos usuários pararem uma semana por ano reestruturando a mecanização com as três direções iniciais desta matéria: *o que eu quero, o que eu preciso e o que eu posso.* 📌

**Fazenda Santa Lúcia – Rio Verde/GO, safra 2000/2001
Lavoura de 700 ha de soja no verão e 700 ha de feijão na safrinha (440 ha sob pivô e 260 ha sequeiro)**

Nº	Frota	(nova) Valor (US\$)	(atual)
1	1 pulverizador 2 mil litros 12 metros barra	11.000	9.300
2	1 pulverizador 600 litros, 9 metros de barra	2.200	900
3	1 plantadeira de 8 linhas, PD, tipo vácuo	27.000	23.000
4	1 carreta carga seca 6 t	1.300	400
5	1 colhedeira combinada graneleira de feijão	11.000	9.500
6	1 colhedeira automotriz saca palha de 21 pés, cabinada, motor turbo e transmissão hidro, com plataforma de soja e adaptada para feijão	79.000	65.000
7	1 trator de 140 HP, 4x4, cabinado, hidro	52.000	45.000
8	1 trator de 100 HP, 4x2	32.000	14.000
9	1 trator de 70 HP, 4x2	19.000	3.500
10	1 carreta pipa de 6 mil litros	3.100	2.700
11	1 caminhão ¾, 6 ton, carga seca	21.000	17.400
12	1 subsolador 5 hastes	4.300	—
13	1 roçadeira 3 pontos com cardan	2.200	1.300
14	1 colhedeira de forragem de 1 rua, tipo combinada	7.100	7.100
15	1 grupo gerador de 50 KVA	16.000	14.000
16	1 pick up cabine dupla	23.000	12.500
	Soma	311.200	225.600

CONCLUSÕES:

- 1 - Frota nova, precisando US\$ 85.600 para recuperação inicial, **índice de sucata de apenas 27,5%**, ótima conservação, sabendo-se que implementos perdem no momento da compra cerca de 20% do valor inicial e máquinas motorizadas cerca de 0% a 10%.
- 2 - Índice de potência solteira de 310 HP (140 + 100 + 70), 700 ha = 0,44 HP/h. Ou casado (2 safras/ano) = 0,22 HP/h
- 3 - Relação de RB / Patrimônio = US\$ 765.800 (700 ha x 56 sc/ha x US\$ 8/sc) + (700 ha x 38 sc/ha x US\$ 17/sc)//US\$ 225.600 = 3,4 : 1

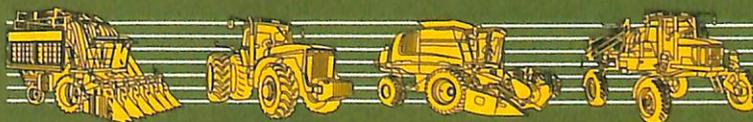
A semente você escolhe. A plantadeira é John Deere.

ESCALA



As plantadeiras John Deere da Série 9200 foram projetadas para proporcionar produtividade e alta precisão para a sua lavoura. Dispositivos exclusivos e patenteados, incorporados nestes modelos, propiciam versatilidade e praticidade na operação como você não encontra em outras máquinas. O modelo 9218 permite ainda o plantio em até 18 linhas, trazendo rendimento extra para a sua plantação e garantindo o desempenho em grandes extensões de lavoura. Uma plantadeira tão completa só poderia ser fruto de uma empresa que investe diariamente US\$ 1,5 milhão em desenvolvimento de tecnologia. Informe-se no concessionário mais próximo. E colha resultados desde a hora do plantio.

**Sistemas
Mecanizados
John Deere**



Plantadeiras



JOHN DEERE

www.johndeere.com.br

O CAMPEÃO EM PRODUTIVIDADE

O agricultor Vicente Beber, de Nova Mutum/MT, semeou tecnologia e colheu um recorde em rendimento.

Os 69,5 sacos por hectares lhe renderam este título e até acabaram transformando-o em garoto propaganda

Texto e fotos: Ana Esteves

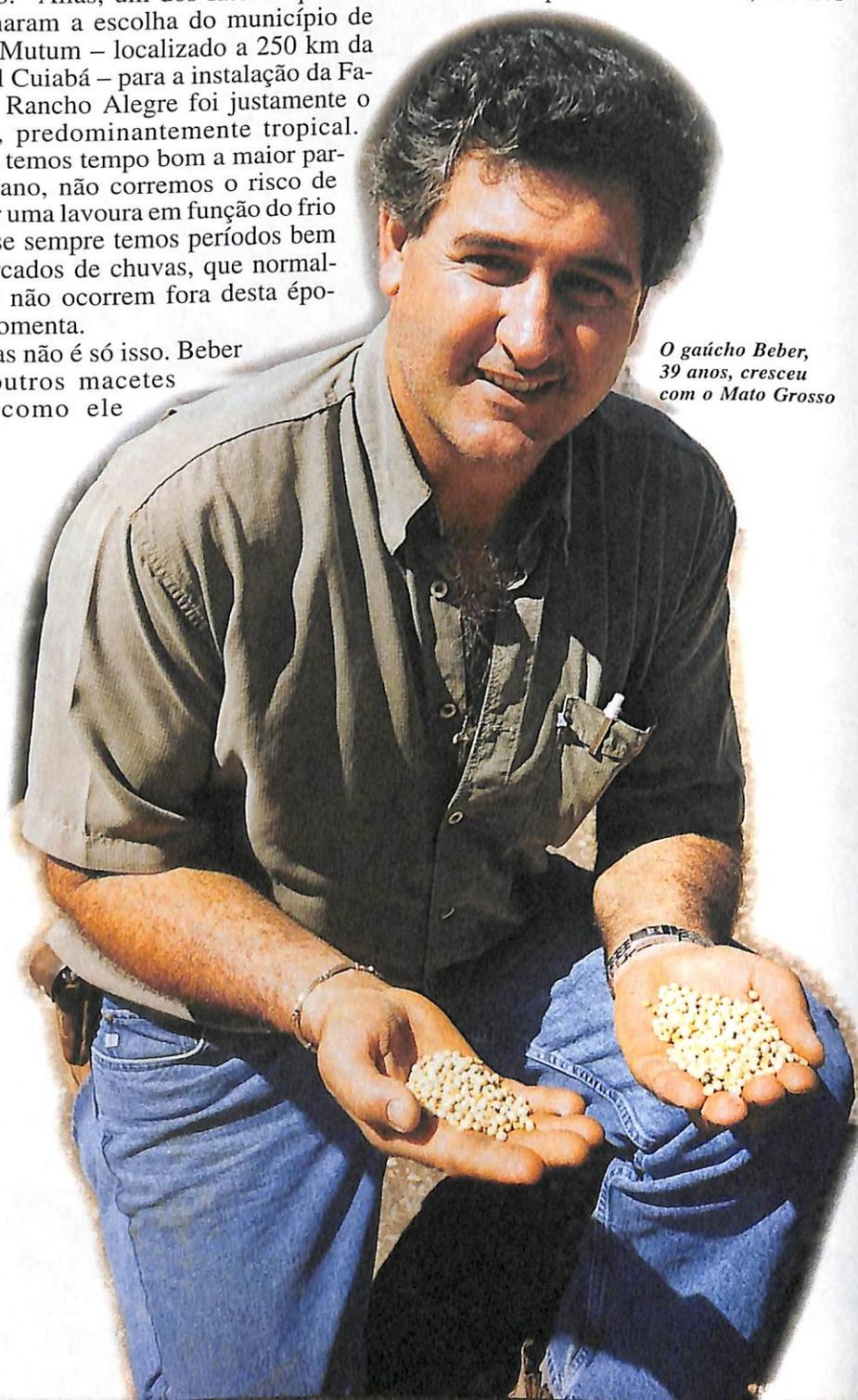
Há 20 anos, o produtor de soja Vicente Luiz Costa Beber chegou ao Mato Grosso, com uma intenção apenas: vencer na vida. Coincidência ou não, a verdade é que na mesma época em que o gaúcho desembarcou na região do Cerrado, lá pelos idos de 1980, o foco de produção de soja também passou a se direcionar para o Centro-Sul do país. Desse momento em diante, a participação da região Centro-Oeste, em especial do Mato Grosso, começou a ter um papel relevante para a expansão da área cultivada de soja no Brasil, tanto que hoje o Estado é o maior produtor brasileiro, assim como Beber. Ele cresceu com o Mato Grosso e se tornou o campeão da produtividade na soja, produzindo, o que ele mesmo qualifica como um recorde, 69,5 sacas por hectare na atual safra. “Tenho certeza de que no país ninguém chegou a esse número, e acredito que ele supere até mesmo números mundiais de produtividade de soja”, afirma orgulhoso.

O segredo do sucesso na lavoura, ele revela aos poucos, com certo receio de quem está entregando uma fórmula mágica. “Primeiro – explica pausadamente –, é indispensável ter um bom solo, tra-

balhá-lo com muito carinho, dar condições para que o sistema radicular da planta busque os nutrientes que precisa e para que esse solo não fique compactado. Mas não podemos esquecer dos ingredientes que a natureza nos dá, principalmente a chuva na hora certa e bem distribuída, como costuma ocorrer aqui no Mato Grosso.” Aliás, um dos fatores que determinaram a escolha do município de Nova Mutum – localizado a 250 km da capital Cuiabá – para a instalação da Fazenda Rancho Alegre foi justamente o clima, predominantemente tropical. “Aqui temos tempo bom a maior parte do ano, não corremos o risco de perder uma lavoura em função do frio e quase sempre temos períodos bem demarcados de chuvas, que normalmente não ocorrem fora desta época”, comenta.

Mas não é só isso. Beber tem outros macetes que, como ele

mesmo diz, aprendeu com a própria terra, observando e experimentando. “Meu solo ainda me ensina como eu devo proceder. É ele que muitas vezes me mostra que a teoria fala uma coisa, mas a prática é outra: no tempo em que eu trabalhava no solo convencional, por exemplo, a minha produtividade média não passava de 55 sacos por hectare. Então, resolvi



O gaúcho Beber, 39 anos, cresceu com o Mato Grosso

E NA SOJA

passar para o plantio direto e consegui elevar esse número para algo em torno de 62 sacos”, conta. Daí em diante, ele deu início a diversos trabalhos de descompactação da terra, voltou para o plantio convencional e começou um processo de revezamento entre as duas técnicas, o que resultou num aumento de mais oito sacos. “Normalmente, trabalho um ano o plantio convencional, com a aplicação de calcário e implementos para descompactação, e depois reinício o plantio direto e o desenvolvimento por mais cinco anos. Na verdade, estou realizando testes para ver se essa técnica é realmente a mais adequada, mas os números de produtividade que eu tenho alcançado indicam que sim”, argumenta.

Todo esse trabalho empírico realizado com o solo, Beber baseia no que ele considera uma espécie de lema. “A vida e o trabalho são sempre uma escola da qual você desfruta de um aprendizado diário. Hoje, muitos técnicos e produtores podem achar que, depois de cultivar uma terra com o PD, voltar para o convencional é um absurdo, mas a minha produtividade prova que eles podem estar errados”, ressalta. Aliás, as técnicas acadêmicas tradicionais quase nunca fizeram parte das vidas do agricultor que, depois de concluir o ensino fundamental, decidiu trocar a teoria, os livros e o futuro universitário pela prática. “Quando eu acabei o 1º grau, meus irmãos compraram as terras aqui em Nova Mutum e me fizeram escolher o estudo ou o trabalho no campo. Fiquei com a segunda opção e não me arrependo. Hoje, muitos engenheiros agrônomos vêm trocar idéias comigo, mesmo eu não tendo um diploma. Sou um produtor sem teoria, mas com muitos anos de prática”, acrescenta.

E isso Beber comprova no dia-a-dia, quando acorda de madrugada e prepara-se para a lavoura, onde acompanha de perto o trabalho dos “peões”. Volta e meia, é ele quem pilota as colheitadeiras e os tratores: dois motivos de orgulho para o produtor. “Tenho um parque de máquinas consolidado e bem estruturado, outro ingrediente vital, que tem colaborado muito para o crescimento da minha lavoura, mas que precisa ser bem utilizado. Eu, por exemplo, uso a colheitadeira para 400 hectares, o que faz com



Sede da Fazenda Rancho Alegre, no município mato-grossense de Nova Mutum: na área total de 2,7 mil hectares, 1,7 mil são utilizados como área de exploração no cultivo de soja, milho e algodão

que eu colha o produto na hora certa, porque tudo tem um ponto certo. Muitos produtores usam para mil hectares e às vezes perdem o ponto certo da colheita”, diz. No galpão localizado nos fundos da casa de Beber, estão estacionadas quatro colheitadeiras e oito tratores, todos com recursos de última geração que garantem o bem-estar dos quatro funcionários do agricultor. “Os tratores têm até cabina com ar-condicionado para proteger os trabalhadores na hora de passar inseticida nas lavouras.”

Além disso, volta e meia Beber costuma colocar em prática seu lado “Professor Pardal”. Há um ano, ele adaptou um segundo pneu em uma colheitadeira, para que o peso seja mais bem distribuído na hora de plantar. “Um pneu sozinho afunda e acaba misturando adubo e semente. Com dois, mal se percebe as marcas das agarradeiras no solo, pois diminui até a metade da pressão. Esse é um exemplo de adaptação feita a partir da necessidade que você vê no dia-a-dia”, ressalta o agricultor.

Família – Mas, mesmo com todas as máquinas e todas as técnicas à disposição, Vicente Beber atribui grande parte do seu sucesso às pessoas que o cercam. “Nada disso se realizaria se eu não tivesse uma equipe de trabalho competente e profissional e uma família unida, que coopera em todos os momentos.” Segundo ele, a compreensão da esposa Sirlei, 39 anos, e dos filhos Andrey, 14, e Nadia, 9, foram fundamentais para que ele chegasse ao topo. “Muitas vezes, deixei de viajar e tirar férias com eles, pois precisava cuidar da lavoura e acompanhar o trabalho dos funcionários, e eles sempre me entenderam e ajudaram.” Beber é muito exigente e revela que está sempre ao lado dos empregados monitorando as

tarefas. “No momento da decisão, eles são muito inseguros, têm medo de tomar uma atitude que me contrarie, então estou sempre junto”, salienta.

O pai coruja não esconde a felicidade ao confessar que desejaria ver a filha pilotando um trator e trabalhando o solo. “Por que pensar que uma mulher não pode ser uma boa engenheira agrônoma e tocar o trabalho no campo?”, questiona. E ao que tudo indica, Nadia pensa parecido com o pai. “Ela está sempre me acompanhando nas minhas andanças para visitar novas terras e trocar experiências com outros produtores aqui da região. Muitas vezes, até chora quando fica impossibilitada de ir, em função do colégio”, conta satisfeito. Para ele, o prazer de lidar com a terra é um elemento hereditário, passado de geração para geração. “Está no sangue: meu pai era agricultor, meus irmãos todos são, meus filhos também estão aí e a gente vê o amor que eles têm pelas terras e pelo maquinário. Hoje, até a minha esposa se envolveu no negócio e cuida da parte de comercialização da soja”, acrescenta.

Começo – O agricultor de 39 anos chegou a Nova Mutum, município de 9 mil habitantes fundado por gaúchos, disposto a iniciar vida nova. Naquela época, ele dispunha de apenas 600 hectares de terras doados pelos irmãos e a prática da agricultura herdada dos antepassados italianos. “Quando meu pai teve problemas de saúde, meus irmãos assumiram os negócios da família nas plantações de trigo e soja, lá em Pejuçara – município a 395 km de Porto Alegre/RS –, e compraram estas terras aqui no Mato Grosso, onde eu trabalhava como empregado deles”, relembra. Beber conta que iniciou o trabalho sem saber o que ganharia em troca, sem um salário definido e com ter-

ras que na época estavam desvalorizadas. “Era um grande desafio que eu estava aceitando, pois chega um momento em que se precisa de mais espaço para continuar crescendo. Precisava criar novas fronteiras, e apareceram estas terras com baixo valor, mas com topografia e clima bons. O próximo passo foi me dirigir ao Banco do Brasil e dar as terras como garantia para conseguir crédito, dois tratores e uma colheitadeira”, recorda.

Ele compara a sua chegada à Nova Mutum com o desembarque dos seus antepassados italianos no Brasil. “O que eles sabiam, o que conheciam. Nós, pelo menos, tivemos a chance de vir até aqui e conhecer as terras que estávamos adquirindo.” Em bem pouco tempo, as terras valorizaram, e a produtividade da soja começou a aumentar. “Enquanto os produtores da região obtinham uma média de 40 sacos por hectare, eu dei a largada com 55 sacos por hectare”, destaca. Beber conseguiu transformar os 600 hectares iniciais em uma área de 2.700 hectares, 1.700 deles utilizados como área de exploração, onde cultiva, além da soja, milho e algodão. “Dedico 1.500 hectares para a soja e 200 para o algodão. Para plantar o milho na safriinha, utilizo de 30% a 35% da área de soja”, conta.

Apesar de todo o sucesso obtido em território mato-grossense, Vicente Beber confessa que ainda sente saudades de sua terra natal, de onde saiu com 18 anos. “Uma vez por ano, vou a Pejuçara, visitar minha mãe, irmãos e amigos que ainda moram lá. O bom é que nós trouxemos parte da cultura do Sul, como o churrasco, por exemplo”. O chimarrão, confessa Beber, foi substituído pela água de coco, que ele mesmo colhe no coqueiral que rodeia a casa. “Aqui, faz muito calor, então preferimos as bebidas geladas”, justifica.

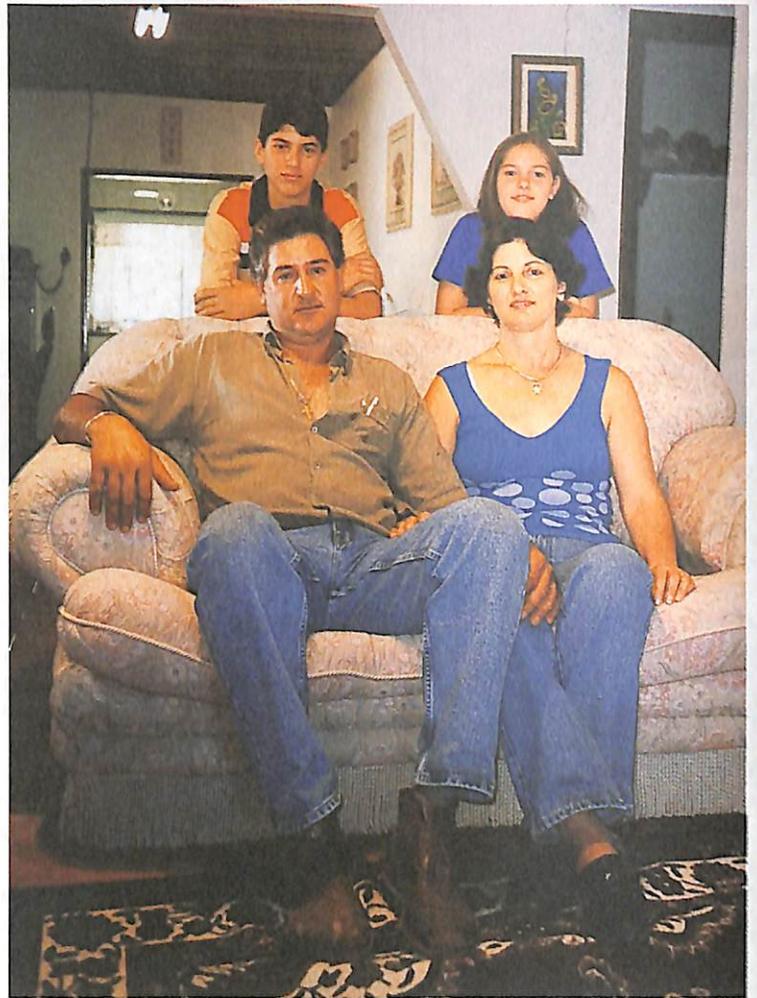
Longe do apagão – Com tantos afazeres, o líder da família Beber ainda encontra tempo para se dedicar a outros dois cargos de liderança. “Há sete anos, sou líder da comunidade Santo Antônio e vice-presidente da Associação dos Pioneiros de Nova Mutum (Apinm).” No dia em que a reportagem da revista **A Granja** visitou a fazenda do sojicultor, ele recebia mais de 1.500 convidados para uma festa em homenagem ao santo padroeiro da comunidade.

Uma das grandes realizações da Apinm deixou os moradores da região longe do programa de racionamento de energia elétrica do governo federal. “Em 1993, reunimos 58 produtores das proximidades, e, com um investimento de

US\$ 1.500, resolvemos construir a nossa Pequena Central Hidroelétrica, que fornece 600 kW de energia elétrica.” Funcionando desde 1996, a usina que utiliza as águas do Rio Piúva proporciona um ambiente de tranquilidade em tempos de apagão. “Aqui, nós só apagamos as luzes para economizar as lâmpadas e evitar que elas queimem, porque energia tem de sobra”, comemora Beber.

Lazer – Parece mentira, mas nem uma partida de futebol, nem uma cerveja gelada com os amigos; nas horas vagas, a melhor diversão do campeão em produtividade da soja é – acredite – visitar lavouras para conhecer novas culturas. “Torço pelo Internacional de Porto Alegre, mas não gosto de futebol. Se você me convidar para ir a uma festa, eu agradeço e fico em casa. O meu maior prazer é pesquisar agricultura”, revela. Mas Beber não é tão radical assim. Ele afirma que têm planos para viajar com a família no próximo ano. “Vou começar a desfrutar do patrimônio, já que até agora eu só me preocupei em fazer ele crescer”, confessa. Sobre o futuro, o produtor prefere não falar muito, mas confessa que está satisfeito com a sua lavoura de algodão, plantada pela primeira vez neste ano. “É muito cedo para dizer se vou continuar plantando. Estou aguardando os resultados, já que é uma cultura recente”, completa.

O produtor tem orgulho em contar que acompanha de perto o dia-a-dia da lavoura



Beber, ao lado da esposa Sirlei (39), com os filhos Andrey (14) e Nadia (9): uma família unida, que coopera em todos os momentos

Maracutaias – Atento às notícias das maracutaias que vêm de Brasília, especialmente ao caso de desvio de verbas da Sudam, o agricultor se mostra preocupado com o destino dos incentivos do governo federal repassados aos produtores rurais. “Eu queria que o governo acompanhasse mais de perto a aplicação das verbas, que fiscalizasse se esses valores estão sendo aplicados ou não, porque a classe é muito desunida e às vezes desonesta. E isso é

fácil de identificar, porque quem investiu direitinho, pode ter certeza de que cresceu”, declara. Ele acrescenta que o governo tem bancado muitos financiamentos para renovação de frota, mas que seria importante uma participação mais efetiva na área de custeio da lavoura. “Hoje, os R\$ 100 mil representam muito pouco”, protesta. 



VALTRA

www.valtra.com.br

Potência e Parceria



Tratores Valtra

A **Valtra** é hoje uma marca consolidada na América do Sul e também a que mais cresce em toda a Europa.

A base deste sucesso está em uma sólida parceria com o agricultor através de um serviço rápido e profissional.

A Assistência Técnica **Valtra** é confiável e garante maior durabilidade ao seu trator.

Valtra - Sempre fiel a você.

Nossos clientes reconhecem a superioridade.


JUBILEUM
1951-2001

Valtra do Brasil S/A

Rua Cap. Francisco de Almeida, 695
CEP 08740-300
Mogi das Cruzes - SP
Ligue grátis: 0800-192211
e-mail: falecom@valtra.com

PARTEK

TECNOLOGIA PERM TOTAL NA PROPRI

Embora o setor de armazenagem apresente crescimento proporcional ao desempenho da produção agrícola, que aumenta 3% ao ano, ainda é pequeno o número de produtores brasileiros que investe neste tipo de tecnologia dentro da porteira. Basta comparar a situação do Brasil com outros grandes países produtores

Luciana Radicione

Em países como os Estados Unidos, França e Argentina, a capacidade estática de armazenagem nas fazendas varia de 30% a 60% das suas safras. Enquanto isso, no Brasil, calcula-se que esse mesmo índice corresponda a apenas 4% da produção total de grãos. A falta de equipamentos na fazenda, além de comprometer a eficiência no aspecto qualidade, abre espaço para que ocorram perdas quantitativas e qualitativas nos produtos colhidos. No Brasil, estima-se que as perdas atinjam índices superiores a 30% em função do ataque de pragas provocado pela inadequação de instalações e à falta de conhecimentos técnicos.

Nos últimos cinco anos, porém, começou a surgir um movimento de reversão desse quadro, com a tendência de investimento em armazenagem em ní-



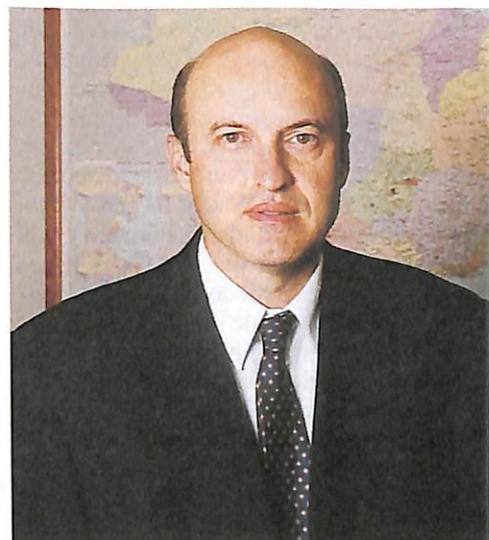
ENTE QUALIDADE EDADE

vel de fazenda. Para o engenheiro mecânico pós-graduado em mecanização rural, Érico Aquino Weber, parte dessa tendência se explica pelo fato de que nas últimas safras os preços sofreram uma reação positiva, fazendo com que os produtores segurassem seus produtos no período pós-colheita. "Esse ano é um exemplo clássico, com a soja alcançando picos de R\$ 22,00 e R\$ 23,00 a saca. Com esse acréscimo médio de R\$ 8,00 no preço da soja o produtor tem como pagar todo o investimento em equipamentos em até dois anos", afirma.

As empresas fabricantes desses equipamentos têm importante papel no desenvolvimento de tecnologias adequadas aos produtores. Cada vez mais são disponibilizados no mercado novos produtos que otimizam os números da fazenda. Grande parte dessa eficiência vem sendo conquistada com a ajuda da automação. De olho neste filão, a Kepler Weber está presente no mercado latino-americano com uma diversa linha de equipamentos para armazenagem, oferecendo soluções adequadas às necessidades dos



Weber, especialista em mecanização rural: o produtor precisa acompanhar os avanços tecnológicos



Duílio de la Corte, diretor-comercial da KW: equipamentos para atender todos os níveis

produtores. Segundo o diretor-comercial da empresa, Duílio de la Corte, os produtos foram desenvolvidos para atender todos os níveis da atividade agrícola. "São fabricadas unidades menores, com capacidade de 28 toneladas, até unidades maiores, com 22 mil toneladas, sempre de acordo com o tipo de produto cultivado que será processado", informa. As soluções oferecidas variam também conforme a utilização ou não do

módulo de secagem.

Com relação aos secadores, a Kepler Weber vem fornecendo aos produtores brasileiros equipamentos com fonte geradora de calor com queima à lenha, gás e óleo. "A escolha é definida pelo cliente analisando os aspectos de consumo com o custo do combustível, que variam de acordo com a região", diz o diretor-comercial. Segundo ele, a vantagem do gás em relação à lenha é

SAUR É TECNOLOGIA E PRODUTIVIDADE NO RECEBIMENTO DE GRÃOS

- AGILIDADE E RAPIDEZ NO PROCESSO
- REDUÇÃO DE MÃO-DE-OBRA
- ELIMINAÇÃO TOTAL DE FILAS DE ESPERA
- AUMENTO DA LUCRATIVIDADE



SISTEMAS DE DESCARGA PARA CAMINHÕES

Capacidades de 35 a 80 toneladas.

COLETOR DE AMOSTRA DE CEREIS

Sistema de coleta de cereais através de fluxo de ar



Metalsaur Equipamentos Ltda. - Acesso à BR 285, Km 01 - Fone: (0xx) 55 3375-4122

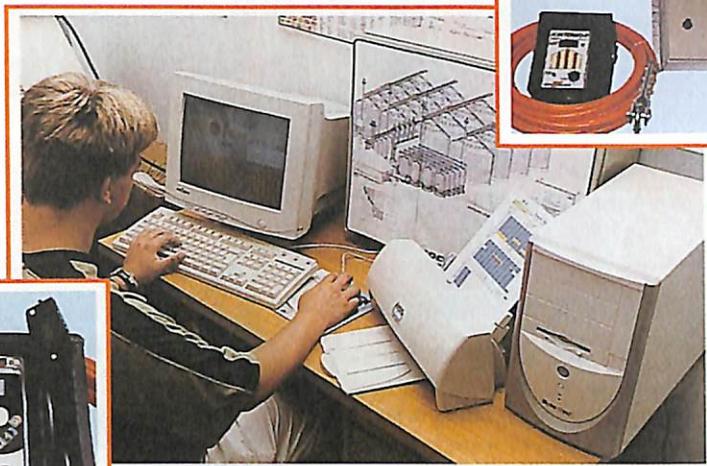
Fax: (0xx) 55 3375-4444 - CEP 98280 000 - PANAMBI - RS. - www.saur.com.br - saur@profnet.com.br

que o mesmo fornece uma fonte geradora de queima contínua, o que evita as variações de temperatura e favorece a performance da secagem. “O uso do gás em algumas situações proporciona uma secagem com queima pura, isto é, uma qualidade final para determinados consumos”, destaca.

Silos — Os silos metálicos da KW são indicados para qualquer tipo de cereal e se adaptam às necessidades específicas de cada propriedade. Desenvolvidos para pequenas, médias e grandes propriedades, proporcionam uma armazenagem mais segura, pois viabilizam uma ensilagem em condições ideais, por prolongado período de tempo. De acordo com a Kepler Weber, os grãos dotados de aeração e termometria têm uma vida útil mais longa, uma vez que ficam livres da ação de insetos e roedores, além do maior controle de umidade e temperatura. Alguns modelos permitem a entrada de veículos em seu interior, caracterizando-se por sua baixa estatura e diâmetros avantajados, de 45 e 60 metros. Considerados uma inovação tecnológica, podem armazenar, a baixo custo, até 34 mil toneladas de grãos. Para facilitar a vida do produtor, os equipamentos podem ser dotados de importantes e modernos dispositivos tecnológicos.

Automação — O sistema de aeração mantém a temperatura ideal de armazenagem, garantindo a qualidade dos grãos de acordo com o tempo de ensilagem previsto. A aeração é gerada por ventiladores centrífugos que são balanceados e dimensionados de acordo com a exigência do trabalho. O sistema de termometria, que pode ser instalado em qualquer modelo, facilita o trabalho de armazenagem no interior do silo, na medida em que indica automaticamente a temperatura em diversos pontos da massa de grãos. A redução dos danos mecânicos aos grãos e o aumento da vida útil dos equipamentos é obtida pelo equipamento de descarga lateral por gravidade.

Há bem pouco tempo era difícil imaginar um produtor tendo em mãos a tecnologia de monitoramento do comportamento dos grãos armazenados. Os sistemas de termometria disponibilizados pela Kepler Weber, por exemplo, vão desde os modelos digitais portáteis até os computadorizados portáteis. O equipamento digital portátil para indicar a temperatura da massa de grãos é formado por caixas metálicas, onde a conexão entre os sensores de medição e a caixa é feita por meio de cabos múltiplos de compensação. A leitura, que pode ser realizada em até 11 pontos, é feita em um termômetro digital com display de cristal líquido. Outra tecnologia disponível é o sistema inteligente e de longo alcance que faz o controle das medições de temperatura e da aeração de forma automática. Esse sistema



Os modernos sistemas de termometria compreendem linhas que passam pelo digital portátil, portátil computadorizado e computadorizado com controle de aeração

permite ao produtor acessar todas as condições da massa de grãos existente na unidade armazenadora, gerando relatórios coloridos, inclusive, de mais de uma unidade.

A adaptação dos equipamentos conforme a realidade de cada agricultor também vem sendo oferecida pela Comil Silos e Secadores, de Cascavel/PR. Segundo a gerente de engenharia da empresa, Maria Irene Scalabrin, toda a linha de equipamentos é direcionada para atender qualquer tamanho de propriedade, com a fabricação de silos com capacidade para receber entre 30 até 14 mil toneladas. “Na linha de secadores, inovações implantadas em 1999 trouxeram grandes benefícios ao produtor com significativa economia de energia elétrica, cerca

de 50%, e combustível, em torno de 32%”, explicou a técnica, comparando o desempenho com outros secadores de mesma capacidade. De acordo com ela, a estratégia de comercialização inclui a permanente oferta dos equipamentos para controle de temperatura dos grãos. “Isso porque nós, e certamente 99% dos nossos clientes, consideramos que se trata de um equipamento indispensável para um bom controle de armazenagem”, afirma Irene.

A tecnologia da armazenagem vem permitindo aos produtores optar entre muitos sistemas de secagem de grãos. No caso da Comil são oferecidos equipamentos que podem ser acionados com fontes de energia que vão desde o gás até a casca do arroz. “Especificamente entre a lenha e gás, temos a lenha com a vantagem no custo, e o gás com a vantagem na operação do secador, bem como na qualidade do grãos, que fica livre de odores”, explica a gerente da Comil. De acordo com ela, o gás ainda garante uma maior homogeneidade na secagem. No entanto, segundo o consultor Érico Weber, a tecnologia do gás só é mesmo viável economicamente para os produtores com áreas próximas a regiões com gás natural. “Do contrário, o modismo do GLP para secagem não é vantagem pelo alto preço do combustível, que chega a ser seis vezes superior ao sistema por lenha”, salienta.

Independente do tipo de sistema a ser adotado, o certo é que os números comprovam a adesão cada vez maior dos produtores a esse tipo de tecnologia na fazenda. Só a Comil vem apresentando um aumento de 15% na produção dos equipamentos ligados à armazenagem. Para Maria Irene Scalabrin, os produtores que ainda não cogi-



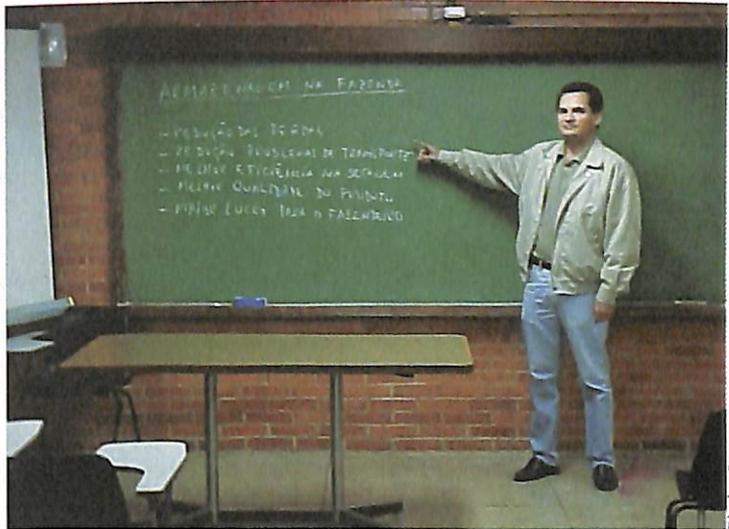
Scalabrin, gerente de engenharia da Comil: o controle de temperatura é indispensável

tam a compra desses equipamentos ainda não calcularam quanto poderiam ganhar com a possibilidade de armazenarem sua própria safra. “Muitos desconhecem o seu potencial, ou seja, acham que por serem muito ‘pequenos’ não precisam da tecnologia no lado de dentro da porteira”, comenta. Segundo ela, ainda deve-se levar em consideração o fator cultural, onde o produtor somente se considera tecnologicamente adequado apenas se possuir os mais modernos equipamentos para preparo da terra, plantio e colheita, reinvestindo todo ano nessas fases do processo, mas deixando de lado a armazenagem.

Fazenda São João — Ao contrário de muitos produtores brasileiros, Rosalino Salvadori, da Fazenda São João, de 2,9 mil hectares, há mais de 20 anos investe na armazenagem em nível de fazenda. Naquela época, o incentivo para a compra de silos se deu em função da inexistência de cooperativas próximas a região de Luiziana, no Paraná. Segundo o agrônomo Victor Hugo Salvadori, neto de Rosalino, o município de Maringá era o ponto mais próximo para depositar a produção. “O frete caro inviabilizava os negócios”, explica. A aquisição dos primeiros equipamentos ocorreu ainda na década de 60, já permitindo a armazena-

gem de 60 mil sacos. De acordo com Victor Hugo, pouco tempo depois a capacidade foi ampliada para mais 60 mil sacos e, mais recentemente, chegou ao total de 170 mil sacos de grãos, principalmente soja. A estrutura de armazenagem hoje na Fazenda São João é formada por 11 silos metálicos, dois secadores e uma moega. “Também possuímos seis silos de madeira com capacidade total de seis mil sacos onde é colocada a produção de sementes de soja”, detalha.

De acordo com o agrônomo do Paraná, a maior vantagem de se possuir um silo na propriedade é o sobrepreço na hora da comercialização. “Quem vende para a cooperativa pega um preço menor pelo produto em comparação com a venda feita diretamente com empresas”. E exemplifica: “no caso da soja, o valor do saco entregue a cooperativa sai por R\$ 24,10, enquanto que na comercialização direta é cotado a R\$



Queiroz, coordenador do Centreinar: desenvolvimento de ações na capacitação de agricultores e técnicos, em todas as áreas produtoras do país

27,50. A diferença ocorre em função de descontos praticados pelas cooperativas, que fixam seus preços de acordo com as condições do produto recebido.

VIABILIDADE ECONÔMICA

De acordo com o consultor Érico Weber, silos e secadores nas propriedades rurais são perfeitamente viáveis em áreas de 800 a mil hectares. Nas pequenas propriedades, no entanto, o mais indicado eco-

INSTALAÇÕES DE ARMAZENAGEM NÍVEL DE FAZENDA



MAIS QUALIDADE ÀS SAFRAS, ELIMINANDO DESPÉRCIOS E AUMENTANDO SUA LUCRATIVIDADE!

- ✓ CAPACIDADES PARA 5, 10, 15, 20, 25 E 30 mil SACOS;
- ✓ INSTALAÇÕES PADRONIZADAS, COMPOSTAS DE MÁQUINA DE LIMPEZA, TRANSPORTADOR E SILO ARMAZENADOR, PODEM SER FORNECIDAS COM OU SEM SECADOR;
- ✓ POSSIBILIDADE DE ESCOLHA DA MELHOR ÉPOCA PARA COMERCIALIZAÇÃO;
- ✓ APROVEITAMENTO TOTAL DO PRODUTO - RESÍDUOS, MAIS GRÃOS QUEBRADOS;
- ✓ MANTÉM NA PROPRIEDADE O PRODUTO PARA CONSUMO PRÓPRIO;
- ✓ FLEXIBILIZA O ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO NA ÉPOCA DE PICO DA COLHEITA;
- ✓ PROMOVE O ALONGAMENTO DO PERÍODO DE COLHEITA E ENTREGA;
- ✓ ELIMINA O PAGAMENTO DE TAXAS DE SECAÇÃO E ARMAZENAGEM;
- ✓ DIMINUI PERDAS COM DESCONTOS EM CLASSIFICAÇÃO;
- ✓ PROPORCIONA REDUÇÃO NOS GASTOS COM FRETES;
- ✓ OFERECE GARANTIA DE QUALIDADE DO PRODUTO COLHIDO.

KEPLERWEBER®

INFORMAÇÕES

DDG 0800-512104
www.kepler.com.br
marketing@kepler.com.br

FONES:

Panambi/ RS (0**55) 3375-4000 - Porto Alegre/ RS (0**51) 3361-9600
Cascavel/ PR (0**45) 226-5422 * São Paulo/ SP (0**11) 5581-1166
Goiânia/ GO (0**62) 233-4500 * Cuiabá/ MT (0**65) 627-1087

nomicamente é a formação de condomínios entre quatro ou cinco produtores com área individual de 200 a 300 hectares. Apesar de lento, a tendência de presença de silos/secadores dentro da propriedade se dá em âmbito nacional. Porém, ela vem ocorrendo com muito mais rapidez no centro do país. “Em função das distâncias e do alto custo do transporte na época da colheita, estados como o Mato Grosso e Goiás estão investindo nesses equipamentos”, afirma Weber. A vantagem econômica explica a importância da presença de silos/secadores na fazenda, mas a baixa margem de remuneração na agricultura e os custos ainda constituem empecilho para que muitos produtores tenham acesso a essa tecnologia. Além do retorno financeiro, em média os produtores conseguem pagar o custo do investimento em um prazo relativamente baixo. “Em até seis anos o total investido retorna para o produtor. E ele terá um equipamento com vida útil de 20 a 25 anos”, comenta.

Na opinião de Weber, o produtor brasileiro precisa acompanhar a tecnologia. Neste sentido, ressalta que muitos têm mostrado interesse em participar de cursos de capacitação para operar os equipamentos de modo a chegar a excelência na produção. “O agricultor brasileiro tem garra para aprender e facilidade de assimilar os princípios da qualidade total”, salienta. O que contribui significativamente para que o dinheiro realmente chegue ao bolso do produtor é a qualidade final do grão ofertado. Isso, segundo Érico Weber, vai depender de cuidados no controle do índice de umidade, teor de impureza e menor movimento do grão. “Um produto limpo e seco adequadamente reverte em uma melhor remuneração, além de vantagem de poder ser ofertado em época com preços mais favoráveis”, afirma.

Secagem — O uso casado de silos e secadores é o que há de mais eficiente para se atingir a qualidade do grão beneficiado, conforme Weber. Como exemplo ele cita o caso do milho colhido com teor de umidade de 22%. O produto, para chegar ao índice ideal de 14% de umidade depende da tecnologia disponibilizada pelos secadores. “O secador rebaixa o índice de umidade para 17%, 18%, enquanto que o silo complementa esse trabalho de redução para os 14%”, destacou. A secagem concluída no silo exige menor movimentação do grãos e, conseqüentemente, menos dano mecânico. Para ele, os silos/secadores são o novo paradigma de uso da tecnologia na propriedade rural.

Centreinar — O Centro Nacional de Treinamento em Armazenagem (Centreinar), criado há 26 anos a partir de parce-

VANTAGENS

- Possibilidade de escolha da melhor época para comercialização
- Aproveitamento total do produto
- Mantém na propriedade o produto para consumo próprio
- Flexibiliza o escoamento da produção na época de pico da colheita
- Promove o alongamento do período de colheita e entrega
- Elimina o pagamento de taxas de secagem e armazenamento
- Diminui perdas com descontos em classificação
- Proporciona redução nos gastos com frete
- Oferece garantia de qualidade do produto colhido

Fonte: Kepler Weber

ria da Conab com a Universidade Federal de Viçosa (UFV), está empenhado em ampliar a capacitação de produtores e técnicos para operar da forma mais eficiente possível os equipamentos de armazenagem. Além de cursos realizados em todas as regiões do Brasil, o Centreinar também atua em países como a Argentina, Uruguai e Colômbia. Segundo o coordenador do Centro, Daniel Marçal de Queiroz, os cursos são necessários já que grande parte dos produtores, na sua maioria os pequenos, fazem uso de paióis para armazenar sua produção e estão longe de alcançar a qualidade exigida pelo mercado. “Os que não armazenam na propriedade, transferem sua produção para cooperativas”,

diz. É justamente pela busca dessa qualificação que o Centreinar trabalha junto aos produtores.

O curso de classificação e análise de grãos tem por objetivo dar ao participante a oportunidade de conhecer as técnicas corretas de coleta de amostras, de determinação de umidade fazendo uso de equipamentos padrões e de identificação de defeitos e impurezas em amostras de grãos. As aulas proporcionam uma visão sobre as condições e estruturas de armazenagem de grãos e das exigências de qualidade oficial e de mercado. Além da teoria, os participantes têm a oportunidade de praticar os procedimentos de classificação de arroz, milho, soja e trigo. A idéia é capacitar o produtor para realizar a análise de grãos dentro da classificação e padrões exigidos pelo mercado consumidor e pelos órgãos oficiais. Para Daniel Marçal, cada vez mais será dada importância à produção armazenada na fazenda em função do novo conceito de rastreabilidade. “O grão entregue às unidades armazenadoras dificilmente tem como ser individualizado, pois recebe lotes de diversas fazendas. Dessa forma fica quase impossível diferenciar o produto, o que já não ocorre quando o grão é armazenado na própria fazenda”, disse. Para ele, o crescimento da armazenagem em nível de fazenda irá contribuir muito para a diferenciação de preços para o produtor. ☞

Plano Safra vai financiar compra de equipamentos

Atendendo uma antiga reivindicação do setor produtivo, o governo federal anunciou nesta ano a inclusão de uma linha de financiamento específica para a compra de equipamentos de armazenagem. O crédito integra programa de investimento do Plano Safra 2001/2002 e vai disponibilizar R\$ 100 milhões em empréstimos. Os produtores e as associações rurais de todo o país poderão financiar até R\$ 100 mil por ano. Os juros serão de 8,5% ao ano, com até oito anos de prazo de pagamento e três anos de carência. Os produtores com renda anual de até R\$ 250 mil poderão financiar 100% do valor do equipamento, já os que recebem valor superior poderão financiar 90% do valor. Para Duílio de la Corte, da Kepler Weber, os recursos vão impulsionar os investimentos em armazenagem e contribuir para a redução do déficit da armazenagem existente hoje no Brasil, em torno de 30%. Isso sem contar com o crescimento da produção agrícola e tampouco com os estoques estratégicos. Em conjunto com outras entidades, a Kepler Weber foi uma

das empresas que pleiteou junto aos órgãos do governo a liberação desses recursos que não estavam contemplados em nenhum outro programa do governo. “O valor disponibilizado, bem como suas condições, estão dentro da realidade do nosso produtor, pois são semelhantes ao Moderfrota, atendendo a uma demanda existente e necessária”, ressalta o diretor-comercial da empresa.

Para a Comil, todo o recurso destinado para o setor é bem-vindo. A empresa estima que com o montante anunciado seja possível instalar cerca de mil unidades, suficientes para armazenar a produção de 500 hectares cada uma. “Levando-se em conta que o Brasil cultiva 38 milhões de hectares, este recurso significa a possibilidade de incrementar a armazenagem em 1,3% da produção de grãos por ano”, diz a gerente de engenharia da empresa, Maria Irene Scalabrin. Segundo ela, o governo também deveria contemplar financiamento para a construção civil e instalação elétrica, uma vez que os equipamentos sem estes dois itens não podem funcionar.

Manah, há mais de 50 anos trabalhando para que esse tipo de notícia seja cada vez mais freqüente.

B12 - ESTADO DE SÃO PAULO

Safra pode ser a boa notícia do 2.º semestre

ECONOMIA
AGRONEGÓCIOS

Produção de grãos pode alcançar o recorde de 97,4 milhões de toneladas

CARLOS FRANCO

Uma safra de boas notícias. É isso o que o ministro da Agricultura, Marcus Vinícius Pratini neste segundo semestre, promovendo um apogeu, ainda que localizado, nas notícias ruins da temporada. "A safra de grãos deve chegar a 97,4 milhões de toneladas este ano, um recorde, apesar do Nordeste por sofrer a estiagem." Para o ministro, esse salto é importante porque a área plantada, de 300 mil hectares, é a mesma de dez anos atrás. "O que demonstra um avanço significativo nos caminhos de produtividade no campo", diz Pratini, com entusiasmo. Ele ressalta a modernização do campo, por meio da aquisição de máquinas e implementos agrícolas.

Outra surpresa este ano, diz o ministro, será a produção de algodão e trigo. Pelos seus cálculos, a safra de trigo chegará a 2,8 milhões de toneladas, um crescimento de 71,7% em relação ao 1,6 milhão da safra anterior. O algodão em pluma também está deixando Pratini nas nuvens: a produção passará de 703 mil toneladas para 916 mil, um crescimento de 30%.

Esse entusiasmo de Pratini se traduz no Plano Agrícola e Pecuário 2001/2002, ao qual o governo federal destinará R\$ 14,7 bilhões, 30% a mais do que o anterior. Um montante que deve chegar a R\$ 16,6 bilhões considerando-se os retrocessos e re-empréstimos para filiar a produção de 100 milhões de toneladas.

Os agricultores terão, para o ano que vem, um aumento significativo de custeio, por beneficiamento do odo algodão. Os atuais R\$ 100 mil, embasados em política, com o custo de R\$ 100 mil para os produtores das regiões Centro-Sul do Maranhão e Bahia. Para os produtores da Bahia, a safra passa de R\$ 60 mil.

Na pecuária, o ministro aguarda a visita da Comissão Sanitária e está otimista. Os produtores estão ligados a produtores de afofosa, como "Grandes fazendas de afofosa de São Paulo. O que existe hoje são pequenos focos localizados do Rio Grande do Sul."



Pratini acredita que a produção poderá atingir 100 milhões de toneladas no próximo ano

que as mais relevantes economicamente."

O ministro ataca o governo petista gaúcho, mas alivia: "Devo dizer, no entanto, que agora essa mesma secretaria se mostra para conter os fogos de artifício, especialmente na fronteira, colaborando para sua erradicação." Ele acredita que muitas áreas serão liberadas, o que fortalecerá as exportações para a Europa. "Hoje, o maior exportador de carne vem do Estado de São Paulo, mas muito dessa carne vem do Mato Grosso do Sul, uma importante fronteira de produção, os mercados internos está confiante na abertura do setor agropecuário europeu aos produtos brasileiros, especialmente os do Mercosul, conforme as negociações com a União Europeia (UE).

A expectativa do ministro é de que as exportações brasileiras de carne, ante US\$ 1,8 bilhão no ano passado, do qual US\$ 1 bilhão em carne bovina, US\$ 1,2 bilhão em carne de frango, US\$ 300 milhões em carne de outros rebanhos, para Pratini, há espaço honroso para o crescimento de suínos, especialmente porque o mercado europeu, após a crise da vaca louca, aumentou a demanda por este tipo de carne.

As previsões otimistas do ministro têm como base os dados divulgados pela Associação Nacional de Produtores de Carne (ANPC) em março de 2000. Criado em março de 2000, o Midrefronta desembolsou R\$ 1 bilhão no ano passado



ÁREA PLANTADA É A MESMA DE DEZ ANOS

no período de 2000. Em toneladas, o crescimento foi de 46,92%. No caso da carne bovina, as vendas externas do País passaram de 124.601 toneladas nos primeiros cinco meses de 2000 para 165.610 toneladas no mesmo período em dólar, com o resultado em dólar passando de US\$ 313 milhões para US\$ 355 milhões. A carne suína, que Pratini acredita poderá ter um acréscimo maior em 2002, totalizou vendas de US\$ 126,3 milhões de janeiro a maio deste ano, ante US\$ 47,3 milhões em igual período de 2000.

Balança - Pratini também está otimista com o saldo da balança comercial do agronegócio. Durante muitos anos a principal liderança da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), o ministro está convencido de que o câmbio está pensando ao produtor as questões em preços internacionais. No entanto, a taxa já está incluída em até seis anos, a prestação de serviços de transporte e remuneração de 2,95% do agente financeiro, ou seja, o que a rede de bancos cobra para efetuar essas operações com recursos do BNDES. Para o ministro da Agricultura, Moraes, essa medida não de campo tem ni de produtividade e expectativas. Ele olha em entrevista ao que a própria frota aumentará a produção nos resultados e os negócios e as novas fronteiras.

Máquinas agrícolas estão em alta

A produção de máquinas agrícolas e automotrizas continua em alta, para atender a crescente demanda dos produtores rurais brasileiros. No primeiro semestre, totalizou 20.515 unidades, 32,9% acima das 15.428 de 2000. Os tratores de acionamento da produção, de acordo com os dados da Associação Nacional de Veículos Automotores (Anveas), 15.625 de total, o aumento da produção, é claro, tem a ver com a demanda, que vem crescendo a partir dos novos créditos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) no Programa de Modernização da Frota Agrícola. Tanto que as vendas no primeiro semestre totalizaram R\$ 2.066 milhões, 192 equipamentos importados.

Para a modernização de máquinas e implementos agrícolas, os juros são de 10% ao ano, com o prazo de 240 meses, com uma taxa anual de juros de 8,75%, e tem carência de até 12 meses para quitar. Em até seis anos, a prestação de serviços de transporte e remuneração de 2,95% do agente financeiro, ou seja, o que a rede de bancos cobra para efetuar essas operações com recursos do BNDES. Para o ministro da Agricultura, Moraes, essa medida não de campo tem ni de produtividade e expectativas. Ele olha em entrevista ao que a própria frota aumentará a produção nos resultados e os negócios e as novas fronteiras.

Instituições supranacionais pedido da UE para...

Para os europeus, a medida daria estabilidade e eficiência ao bloco sul-americano

CLAUDIA DIAS
Escritora Especial

MONTEVIDEO - A União Europeia (UE) quer que o Mercosul crie instituições com o mesmo nível de cooperação entre os países (Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai). Para os europeus, a criação de instituições nacionais, acima das instituições nacionais, dá estabilidade e eficiência ao bloco. Segundo o bloco, o Brasil tem resistido a essas instituições, o maior país do mundo não teria uma liderança que seria um grande sucesso.

"Na União Europeia, há muitas vezes a abertura nacional", comenta o Comissário Europeu para o Comércio, Pedro Pablo Kuczynski, em uma reunião em Brasília.

O Brasil, adubando, dá.

MANAH

Adubar é acreditar. É acreditar no Brasil rural, que movimenta 8% do PIB e cerca de 30% das exportações. Acreditar na agricultura é mais do que ter fé, é fazer com que as coisas aconteçam.

com MANAH adubando dá!

ESPECIALISTAS DÃO A RECEITA PARA O SUCESSO

Um público que superou as 2 mil pessoas esteve presente ao XXVIII Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, em Londrina/PR, atento às novidades e dicas de técnicos para o correto desenvolvimento da lavoura a partir de cuidados específicos com o solo

Texto e fotos: Luciana Radicione



Estudo de volatilização de nitrogênio dos adubos verdes manejados na superfície do solo

O avanço do conhecimento sobre as características específicas do solo no país, proporcionado pelo Sistema Brasileiro de Classificação de Solos, vem aguçando a demanda por um sistema de cultivo adequado a cada realidade regional. Todos têm a consciência de que, neste momento, o ganho de produtividade é o maior diferencial entre os produtores tecnificados e os não-teni-

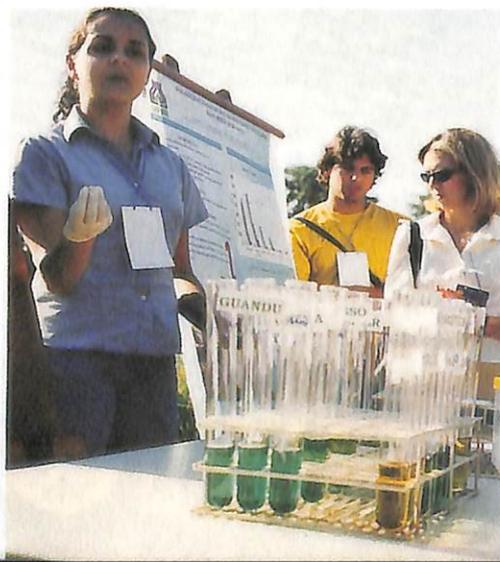
ficados. Portanto, é fundamental investir no manejo adequado e na conservação do solo para garantir rendimento no campo.

Essa foi a tônica dos debates que reuniram, no congresso, técnicos, produtores e estudantes, interessados em aperfeiçoar conhecimentos sobre as particularidades e condições dos solos das diversas regiões do Brasil. Durante os seis dias do evento, ocorreram 164 palestras, minicursos e visitas técnicas à Embrapa Soja, ao Iapar e à Universidade Estadual de Londrina, promotores do evento em parceria com a Sociedade Brasileira de Ciência do Solo (SBCS).

Um dos aspectos que mais chamaram a atenção do público em visita à sede do Instituto Agronômico do Paraná (Ia-

par) foi a exposição de diversas espécies de plantas de cobertura como sustentáculo do sistema de plantio direto. Segundo o agrônomo e pesquisador do Iapar, Ademir Calegari, o cultivo de plantas de cobertura e a adoção da rotação de culturas adaptadas regionalmente têm se mostrado eficientes na adição de carbono orgânico em áreas de plantio direto. Ele afirmou que diversos trabalhos de pesquisa e resultados obtidos pelos agricultores com diferentes espécies de plantas de primavera/verão e outono/inverno mostraram resultados positivos. Além dos efeitos favoráveis nas propriedades físicas, químicas e biológicas do solo, o sistema de PD com o uso de rotação também tem permitido um acréscimo nos rendimentos de soja, milho, feijão e trigo. "A sustentabilidade do plantio direto está diretamente ligada a uma inte-

As visitas técnicas a campo atraíram grande número de técnicos, produtores e estudantes



Renda para o campo, desenvolvimento para o Estado

Com esforço dos agricultores, ações do Governo do Estado e clima favorável, o **Rio Grande do Sul colheu a maior safra de grãos de verão da sua história**, com 18,3 milhões de toneladas, 20% da produção nacional. Iniciativas como a aquisição e repasse aos agricultores de 7,2 mil toneladas de sementes de milho, a liberação de R\$ 26 milhões para os agricultores atingidos pela estiagem, no verão de 2000, a disponibilização de espaços públicos para estocagem de grãos e a ampliação do crédito agrícola pelo Banco do Estado - Banrisul, permitiram aos gaúchos continuar apostando nesta atividade fundamental.

Se a produção foi boa, com segurança para plantar, será ainda maior. Para isso, o **Seguro Agrícola do Governo foi ampliado às lavouras do Programa Troca-Troca de Sementes de Milho**. Agora, os agricultores que adquirem sementes do Troca-Troca podem contratar o seguro com subsídio de até 93% e o pagamento só após a colheita. O Rio Grande do Sul é o único Estado a subsidiar o Seguro Agrícola. Ficou fácil e barato garantir tempo bom nas lavouras gaúchas.



2001 expointer

Agropecuária desenvolvendo o Rio Grande.

A Expointer completa 100 anos como a maior Feira Agropecuária da América Latina. Durante nove dias serão expostos os melhores animais, máquinas e implementos agrícolas, juntamente à divulgação das inovações tecnológicas para a produção agropecuária. Em 2001, a realização da Mostra da Agricultura Familiar consolida a importância do pequeno agricultor, prioridade no projeto de desenvolvimento do Governo do Estado.

**25 de agosto a
02 de setembro**

Parque de Exposições Assis Brasil
Esteio • RS • Brasil



GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
Estado da Participação Popular
Secretaria da Agricultura e Abastecimento

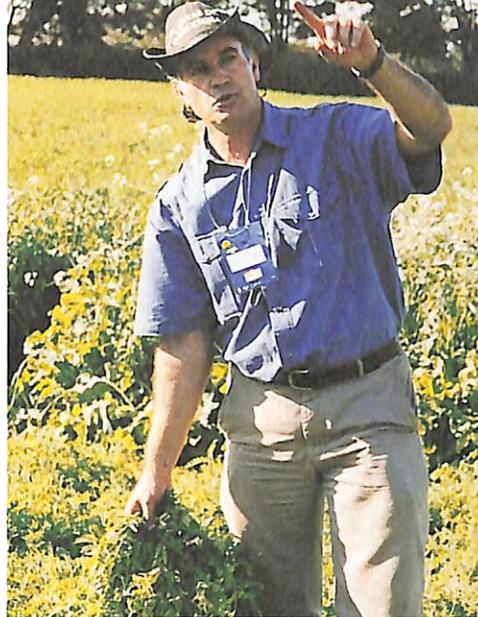
gração com diferentes plantas em apropriados sistemas de rotação de culturas”, afirmou.

Embora o Paraná tenha sido o Estado pioneiro na pesquisa e na adoção do plantio direto no Brasil, ainda 3 milhões de hectares ficam completamente descobertos nos meses de outono e inverno, pois a tecnologia ainda não foi assimilada por muitos produtores. De acordo com Calegari, a ausência de coberturas favorece o surgimento de invasoras e a erosão do solo, tornando necessário um custo maior no processo de manejo do solo. A exceção, segundo ele, fica por conta do Rio Grande do Sul, onde a tecnologia do PD já está avançada em relação ao resto do país.

Plantas de cobertura, como centeio, nabo forrageiro, aveia branca, aveia preta, ervilhaca e tremoço, foram expostas aos participantes do congresso nas áreas experimentais do Iapar. Segundo Calegari, essas plantas de inverno têm a capacidade de fixar nitrogênio do ar, descompactar o solo, além de ajudar a reciclar e fixar nutrientes no solo. Isso acontece porque grande parte das plantas de cobertura possui potencial forrageiro, o que viabiliza o sistema de integração lavoura/pecuária. “Muitas ainda têm o poder de controlar ervas daninhas”, explicou o pesquisador.

Para o especialista em fertilidade do solo do Iapar, agrônomo Osmar Muzilli, a integração lavoura/pecuária é uma alternativa segura. “É o segredo da nossa agricultura sustentável. Por isso, construir matéria orgânica é fundamental”, salientou. Segundo ele, o volume de matéria orgânica no solo cresce na medida da adoção de sistemas. “No entanto, nada se resolve em apenas dois anos”, frisou. De acordo com o técnico, o PD também favorece a velocidade da mineralização da matéria orgânica. Ele explicou que o suprimento de matéria orgânica e nitrogênio nos primeiros anos deve priorizar o uso de gramíneas em alternância com outras invasoras, a fim de reduzir os riscos fitossanitários e a ciclagem de nutrientes no solo.

Segundo Muzilli, na fase inicial de estabelecimento do PD, a menor oferta de carbono resulta em uma maior atividade microbiana, gerando uma maior intensidade de imobilização do nitrogênio do sistema solo-planta. “Essa fase requer uma necessidade maior de adubação nitrogenada”, disse. Já a partir do terceiro ou quarto ano, ocorre o restabelecimento do equilíbrio na relação carbono/nitrogênio. “Num prazo ainda maior, há a liberação de nitrogênio ao sistema solo-



Calegari, pesquisador do Iapar: a ausência de coberturas favorece o surgimento de invasoras

planta com uma menor necessidade de adubação nitrogenada”, afirmou. De acordo com o pesquisador do Iapar, o produtor deve ficar atento ao uso contínuo e rotineiro de fórmulas comerciais preestabelecidas para cada cultura. “Caso contrário, as conseqüências podem ir desde o desperdício de adubo, passar pelo desequilíbrio da fertilidade do solo, aumentando os custos de produção”, salientou.

Para evitar perdas, ele propõe que o processo de adubação obedeça ao critério da racionalidade, com um manejo planejado da fertilidade do solo a longo prazo. Se tais critérios forem adotados, garantiu, certamente o produtor terá um aumento de produtividade e a redução de custos proporcionada pela racionalização. “O agricultor nunca deve esquecer de que 35% do custo de produção hoje é adubo”, destacou Muzilli.

LEI SOBRE MICRONUTRIENTES

As dificuldades que o Ministério da Agricultura vem encontrando em relação à legislação sobre adubos micronutrientes foram um dos temas em destaque no Congresso Brasileiro de Ciência do Solo. Segundo o chefe do Departamento de Ciências Exatas da Esalq/USP, José Carlos Alcarde, a lei possui deficiências como a garantia pelo teor total, o que, segundo ele, abre a possibilidade de uso de qualquer espécie de produto. “Também não estabelece tolerância para componentes indesejáveis e não fixa teto para o acréscimo de teores”, disse Alcarde. De acordo com ele, as dificuldades do Ministério da Agricultura estão presentes quando ocorre a análise química dos micronutrientes, pois são cons-



Muzilli, especialista em fertilidade do solo: construir matéria orgânica é fundamental

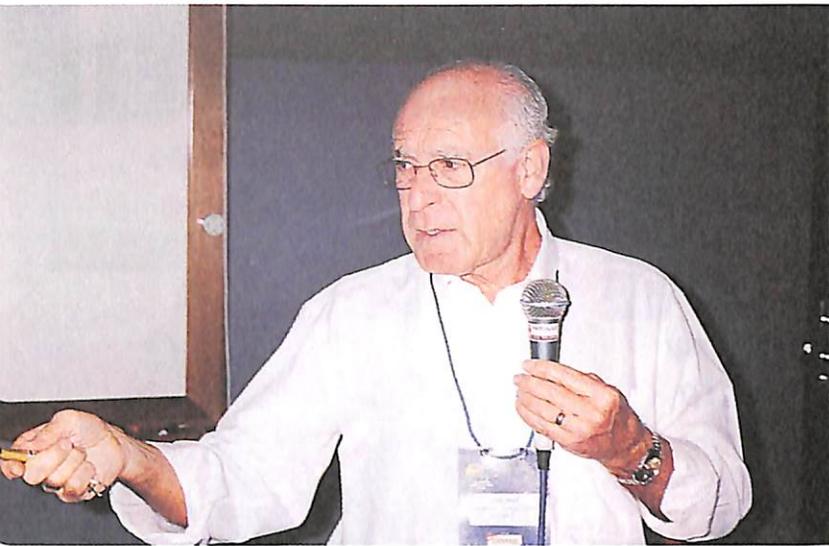
tatadas concentrações muito baixas ou muito altas. Na amostragem de misturas, também é detectada a desuniformidade na distribuição dos micronutrientes, com variações nos teores entre subamostras. “A amostra deve ser a representação fiel do produto. Bons produtos dão boas amostras, maus produtos não podem ou não devem dar boas amostras”, ressaltou Alcarde. Segundo ele, se o produto apresentar características heterogêneas, certamente trará dificuldades para o sistema agrônomico.

As sugestões apresentadas pelo pesquisador da Esalq para a adequação das normas sobre adubos micronutrientes passam pelo uso de extratores químicos para avaliar a disponibilidade dos micronutrientes em condições de laboratório, por uma maior uniformidade na distribuição dos micronutrientes nas formulações e pela revisão dos teores mínimos para garantia dos micronutrientes em formulações.

Para o gerente da área agrônômica da Adubos Trevo, Nelson Horowitz, a lei é falha e precisa ser melhorada. “Para ser eficiente, pelo menos um terço do teor total deve ser solúvel em água”, afirmou. Segundo Horowitz, é preciso que

CRITÉRIOS PARA A ADUBAÇÃO

- Adubação do sistema de produção como um todo, ao longo do tempo e do espaço em que o mesmo for praticado, ao invés de adubação das culturas em safras isoladas;
- Equilíbrio da fertilidade do solo pela ciclagem de nutrientes, com o uso de rotação de culturas com plantas de cobertura;
- Emprego de fontes e doses de nutrientes para suprir deficiências específicas da fertilidade do solo.



Alcarde, da Esalq/USP: é preciso que o Ministério da Agricultura trabalhe na adequação das normas sobre adubos micronutrientes

seja estabelecido um método único para a extração em água dos micronutrientes em fertilizantes. “O ácido cítrico e o citrato parecem ser os melhores extratores para micronutrientes”, considerou.

A Associação Nacional de Difusão de Adubos (ANDA) está estudando propostas que prevêm a garantia dos micronutrientes pelo teor total e pelo teor solúvel em ácido cítrico a 2% e a opção para garantir o teor solúvel em água para produtos granulados. A parcela do teor total que poderá ser solúvel em ácido cítrico a 2%, no entanto, ainda irá depender de novos estudos.

SLC REVELA EXPERIÊNCIA

O uso de técnicas que levam em con-

sideração o nível de adubação e os tipos de manejo adequados às variedades de soja é determinante para a produtividade da lavoura. No caso da SLC Agrícola, que possui diversas fazendas localizadas em áreas estratégicas do país, as experiências se revelaram promissoras e seus resultados vêm norteando as tecnologias empregadas a cada safra.

Segundo o coordenador de planejamento agrícola da empresa, Aurélio Pavinato, a filosofia de adubação com micronutrientes nas lavouras de soja, milho e algodão ocorre via adubação de base com complementação via adubação foliar. Ele explica que o processo adotado pela SLC no que se refere ao sistema de controle da adubação por



Espécies de cobertura verde (acima) favorecem o desenvolvimento de plantas saudáveis (abaixo)

micronutrientes engloba análise do solo, foliar, além de levar em consideração os sintomas visuais, os índices de produtividade e, mais recentemente, a exportação de nutrientes. “Nesse processo, tiramos duas ou três amostras por fazenda e medimos a quantidade de nutrientes que está sendo exportada”, afirmou. De uma forma geral, avaliou Pavinato, os micronutrientes estão contribuindo significativamente para o ganho de produtividade. “A aplicação foliar tem se mostrado eficaz e econômica, uma vez que supre uniformemente os nutrientes às plantas”, ponderou. No entanto, deixou um alerta sobre a necessidade de aperfeiçoamento do sistema de controle de qualidade e padronização desses produtos.

TECNOLOGIA EM EVOLUÇÃO



IMASA

PLANTIO DIRETO

Av. Davi José Martins, 884 - Ijuí - RS - Fone: (55) 3332-1000 - www.imasa.com.br

A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO CAMPO

Seminário promovido pela Federação da Agricultura no Rio Grande do Sul (Farsul) debate e incentiva um maior engajamento das produtoras nos negócios rurais

Luciana Radicione

O crescente envolvimento das mulheres no comando de propriedades rurais é notado em todas as regiões do Brasil. Um bom exemplo dessa perseverança e desse engajamento vem do Tocantins. Lá a empresária rural Kátia Abreu toca há 14 anos propriedade deixada como herança pelo marido. “Tudo foi por acaso, mas deu certo. Infelizmente, são raras as mulheres que entram na atividade rural pelo amor, entram, sim, pela dor”, costuma dizer. A morte do marido obrigou-a a se inteirar dos assuntos da fazenda. “Na época, só conhecia a sede da fazenda”, afirmou. O sucesso foi tanto que em bem pouco tempo Kátia já assumia a presidência da Federação da Agricultura do Tocantins e conquistava uma vaga como deputada federal pelo PFL, sendo a primeira mulher a assumir uma entidade agrícola de âmbito nacional. Além de fortalecer a participação feminina nos negócios agrícolas, uma de suas primeiras ações à frente da federação foi pintar de cor-de-rosa todas as sedes dos sindicatos rurais do Estado.

A presença da produtora rural e parlamentar no Rio Grande do Sul reuniu no final de junho, na Farsul, em Porto Alegre/RS, dezenas de produtoras rurais interessadas em expandir e fortalecer sua atuação junto ao campo. Como incentivo, ouviram a história de sucesso narrada pela deputada que, entre outras coisas, afirmou que atualmente, as mulheres que ocupam cargos de qualquer natureza, não apenas ligados ao campo, estão sendo respeitadas. No seminário “O despertar de uma nova era: visão, missão e atuação da produtora rural”, a Comissão das Produtoras Rurais da Farsul, presidida por Zênia Aranha da Silveira, teve o objetivo de mobilizar as produtoras para uma abordagem mais política da sociedade. Segundo o



A deputada federal Kátia Abreu (no detalhe), ao lado do presidente da Farsul Carlos Sperotto (no centro da mesa), abordou a importância do fortalecimento da ação feminina na tomada de decisões

presidente da Farsul, Carlos Sperotto, é fundamental que a mulher participe de todo o cenário do agronegócio. “Hoje, ela tem uma participação não só no lado produtivo, mas também no patrimonial”, destacou o dirigente.

Refis Rural — A forte atuação da deputada Kátia Abreu nos assuntos ligados ao campo, especialmente no que se refere às dívidas agrícolas, recentemente lhe garantiu o posto de presidente da Frente Parlamentar da Agricultura da Câmara dos Deputados. Conforme ela, no início deste mês deverá ser apresentada ao presidente Fernando Henrique Cardoso uma proposta única da Comissão de Agricultura da Câmara Federal para o endividamento dos produtores brasileiros. “Vamos condensar as propostas para que tenham chances de aprovação”, disse. Como relatora do projeto de lei do deputado gaúcho Augusto Nardes (PPB), que trata do refinanciamento das dívidas (Refis Rural), a parlamentar classificou a proposta como ideal, mas viu dificuldades na sua aprovação. “O maior entrave é o item que fala da com-

provação de renda para ser beneficiado pelo Refis, já que apenas 35% dos produtores rurais brasileiros têm renda positiva”, salientou a deputada.

Para o economista Mauro Rezende Lopes, do Centro de Estudos Agrícolas da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e autor do livro *Agricultura Política*, editado pela Embrapa, as mulheres estão desperdiçando sua força política, justo no momento em que a figura do produtor rural está muito desgastada no Brasil. Ele comprova isso em números. “Cerca de 61% dos estabelecimentos rurais têm menos de dois salários mínimos de renda mensal e em 4/5 das propriedades a atividade agrícola é deficitária”, alertou. “Os produtores rurais, atualmente, são incapazes de diagnosticar as causas reais do seu empobrecimento. Sabe-se que não há potencial político para reverter esse quadro”, afirmou. “Devido ao momento atual de desgaste da atividade rural, esse movimento da Farsul é histórico, pois busca revitalizar a figura do agricultor com a mulher à frente”, complementou. ■

classigranja

PEQUENOS ANÚNCIOS
GRANDES NEGÓCIOS

Venda permanente
de machos e fêmeas

MARCHIGLANA P.O.

 RANCHO CENTAURUS

Fone/fax: (51) 3233-1822



ASSINE
A REVISTA **a granja**
E RECEBA
MENSALMENTE AS
MELHORES INFORMAÇÕES
DO CAMPO
(51) 3233-1822

classigranja

PEQUENOS ANÚNCIOS
GRANDES NEGÓCIOS
AQUI
SEU ANÚNCIO
APARECE

**AUTORIZA
JÁ!**

(11) 220-0488 - SP

(51) 3233-1822 - RS



PLANTADORA SEED-LINE

MODELOS 3703 L - 3704 L - 3705 L - 3706 L

- Plantadora de linha de plantio direto.
- Planta soja, milho, feijão e sorgo.
- Para pequena propriedade.



PLANTADORA SEED-MAX PC

MODELOS 2123 - 2124 - 2125 - 2126

- Plantadora hidráulica de plantio direto.
- Planta soja, milho, feijão e sorgo.

TECNOLOGIA DE PONTA AO ALCANCE DO PEQUENO PRODUTOR



IRMÃOS THÖNNIGS LTDA.

TELEFAX: (0XX54) 330-2300 - BR 386 km 174 - CARAZINHO - RS
CEP 99500-000 - E-mail: max@max.ind.br

VISITE NOSSA HOME PAGE: www.max.ind.br

PLATAFORMA PARA COLHEITA DE MILHO VENCE TUDO

- ◆ Chassi universal, acoplável em todas as marcas e modelos de colheitadeiras. IDEAL - JOHN DEERE - SLC - MF - AGCO ALLIS - NEW HOLLAND - CASE
- ◆ Caixa de transmissão com engrenagens cônicas temperadas e retificadas, banhadas a óleo.
- ◆ Ângulo de 20º(graus) de ataque ao solo, o menor do mercado, que garante o menor índice de perda de espigas na lavoura.
- ◆ Acompanha peneira superior do milho e fechamento de cilindro.
- ◆ Fabricadas de 3 à 14 linhas com espaçamentos variáveis de 50 a 90cm entre linhas.
- ◆ Ganhadora do prêmio Gerdau Melhores da Terra, na Expointer 2000, categoria destaque.



*Aprovada
pelo usuário*



**INDÚSTRIA DE IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS VENCE TUDO
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO LTDA.**



Rod. RS 223 - Km 53 - Área Industrial - Ibirubá - RS - Brasil Fone/Fax: (0xx)(54) 324-1169
e-mail: vencetudo@pro.via-rs.com.br

SPAR - SISTEMA DE PULVERIZAÇÃO DE ARRASTO E ALTO RENDIMENTO



Fungicida na cevada

Patente requerida junto INPI

É o único no mundo no qual a PULVERIZAÇÃO É FEITA DE BAIXO PARA CIMA. Isto ocorre graças ao sistema de deslizamento sobre as plantas que, depois de receber a passagem do SPAR, forma uma espécie de curvatura, devido ao seu peso e a resistência que as plantas oferecem durante sua passagem. Voltando à sua posição normal nas plantas recebem uma aplicação uniforme do produto, tanto por baixo quanto por cima das folhas. Este sistema de pulverização é acionado por dois tratores, podendo ser utilizado um ou dois pulverizadores.

MODELOS DISPONÍVEIS

SPAR	20x2	25x2	30x2	40x2	50x2
	40 m	50 m	60 m	80 m	100 m

STAHAR

STAPELBROEK & CIA. LTDA.
Ind. Impl. Agrícolas

Rua Emílio Favaretto, 625 - Caixa Postal 22 - Fone: 0(xx)54-332-1825 - Fax: 0(xx)54-332-2080
CEP 99470-000 - NÃO-ME-TOQUE / RS - E-mail: vendas.stahar@dgnnet.com.br

*Aos amigos
e clientes*

*Dê de presente
uma assinatura
d'A GRANJA e AG Leilões:
V. vai ser lembrado todo 2001*

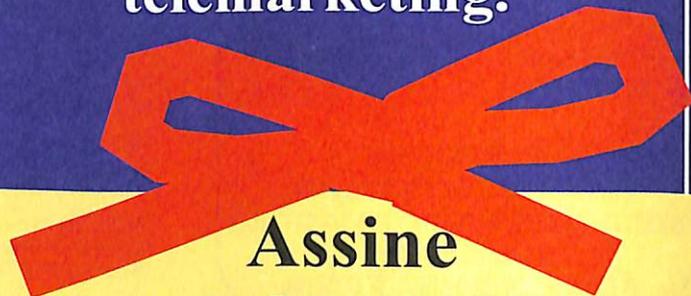
a granja +



**A REVISTA DO
LÍDER RURAL**



**Um presente útil e criativo.
Aproveite nossa promoção:
ligue agora mesmo
e fale com nossas
meninas do
telemarketing.**



**Assine
A GRANJA
e receba *GRÁTIS***

**Ligue já
(51) 3233-1822**



**A mais completa
revista sobre leilões
e exposições de gado
de elite.**



**O mais importante
anúário da
agropecuária
brasileira.**

FANTASMA DO APAGÃO ASSOMBRA O AGRONEGÓCIO

Mesmo assim, nessa fase inicial, o setor primário – que consome 4% da energia gerada no país – está conseguindo superar as dificuldades iniciais geradas pelo racionamento

Maurício Exenberger

O setor agropecuário usando toda a flexibilidade da produção que lhe é característica, está conseguindo superar as dificuldades iniciais geradas com o racionamento da energia elétrica, demonstrando que está fazendo muito bem o “dever de casa” imposto pelo governo federal. Segundo o chefe do Departamento Técnico da Confederação Nacional da Agricultura (CNA), Vicente Nogueira, as duas resoluções de números 20 e 22, editadas pela Câmara de Gestão da Crise Energética (CGCE), amenizaram

muito os problemas na produção da agropecuária, que consome apenas 4% da energia gerada no país. “O apagão irá afetar os produtores apenas se houver uma retração no consumo dos alimentos por conta da crise econômica, trazida com a desaceleração do setor industrial”, argumenta Vicente Nogueira.

A resolução 20, de 26 de junho deste ano, criou a chamada média móvel para fruticultura tropical, café, irrigação, adu-

bos, fertilizantes, laticínios, entre outros, que têm sazonalidade na produção. Esses segmentos têm os picos da produção diferentes do período de maio a julho de 2000, fixado pelo governo como base para o cálculo da média do consumo. Com essa resolução os setores devem apresentar um resultado menor ou igual a 40% entre a soma dos quatro meses de maior consumo mensal e a soma dos quatro meses de maior consumo, num período de 12 meses.

A resolução nº 22, de 4 de julho, favorece ainda

Uma das principais preocupações recai nas áreas irrigadas



mais o setor agropecuário, porque determina que os cortes do fornecimento da energia elétrica só acontecerão depois que o serviço for interrompido para o setor industrial e as residências. No mesmo normativo fica estabelecido que os consumidores de até 100 kw/h não sofrerão cortes de energia. Além disso, o produtor poderá compensar a economia de energia futuramente quando ultrapassar a cota estipulada pela concessionária.

Mas os produtores estão reclamando que o governo deveria estender ao agronegócio o benefício da medição do consumo global como está sendo feito para as indústrias. De acordo com o técnico da CNA, principalmente na zona rural, muitas vezes, uma propriedade tem uma série de medidores, por questões operacionais. Se forem aplicadas as regras para cada um deles poderá ficar difícil os agricultores e pecuaristas atenderem as metas de consumo estipuladas pela empresa fornecedora da energia. A CNA está se mobilizando para buscar uma flexibilização nestas exigências. Segundo o estudo realizado pela confederação, o horário mais crítico no consumo da energia é o período da manhã, enquanto que no horário de pico para os demais setores (17h às 22h) a demanda na propriedades rurais cai.

REFLEXOS

As medidas anunciadas pelo governo, que atigem todo a cadeia produtiva, têm reflexo direto também na propriedade rural. Os grãos e oleaginosas precisam da energia para secagem e armazenamento da safra de verão. Podem ocorrer perdas na qualidade dos grãos e mesmo do produto se não for garantido o suprimento adequado de energia. Com a safra nacional 2000/01 estimada em 97,4 milhões de toneladas, a secagem e aeração serão imprescindíveis nos armazéns exigindo energia adicional.

As lavouras irrigadas, por sua vez, podem ficar comprometidas: possíveis cortes, sem aviso prévio, afetam a irrigação. Para os dirigentes da Associação de Produtores e Irrigantes do Oeste da Bahia (AIBA), por exemplo, que reúne 1.023 associados, "qualquer mudança no sistema atual de oferta de energia causará prejuízos irreparáveis na atividade da região". Os associados estão em uma área plantada de 67 mil hectares irrigados, principalmente nos municípios de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães. Portanto, a redução no tempo do funcionamento dos pivôs centrais afetaria o desenvolvimento das culturas pois estas dependem da regularidade da água. A AIBA garante, e já

passou estas informações aos órgãos competentes, que os produtores da região já fazem racionamento de energia no horário de pico de consumo.

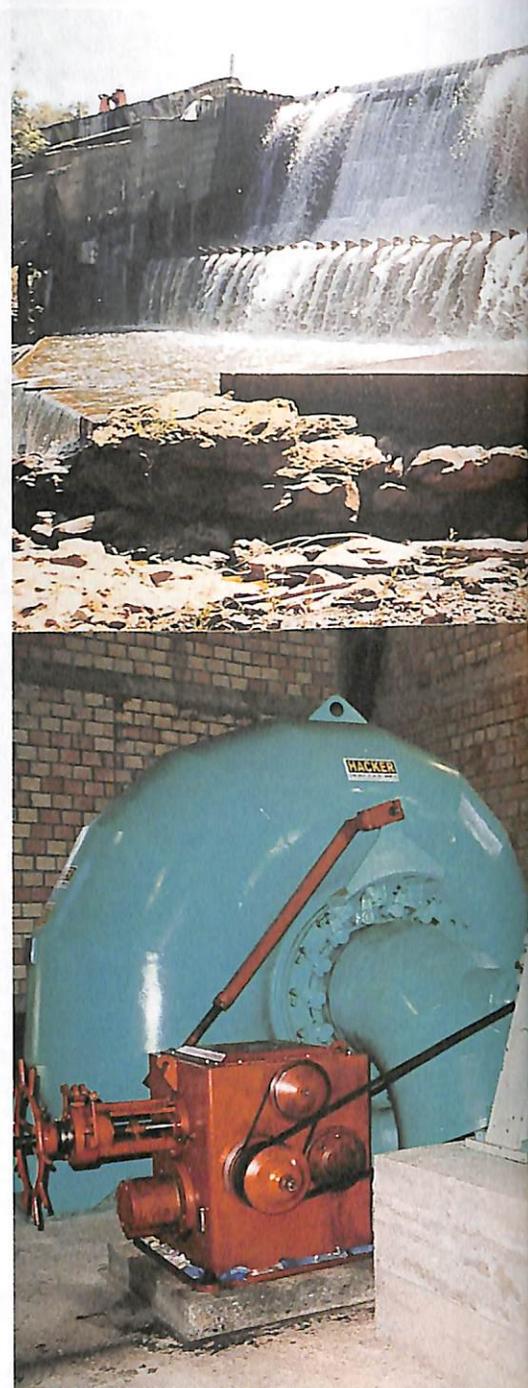
Já as hortaliças precisam da energia para a irrigação e com a interrupção no fornecimento da água haverá atraso nas culturas e conseqüente aumento no custo da produção. Enquanto as flores necessitam dos aquecedores e da iluminação artificial para a indução do florescimento.

As agroindústrias também estão de sobreaviso. O presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove), Carlo Lovatelli, disse que por enquanto está sendo possível administrar a situação sem maiores sobressaltos, porque cada empresa está fazendo o possível para racionalizar o consumo, quer seja acionando geradores para não precisar parar ou substituindo a energia elétrica. Mas reconhece que ainda assim haverá uma perda entre 700 a 800 mil toneladas da produção das quais 625 mil serão de farelo e o restante de óleo. O prejuízo cambial será da ordem de US\$ 140 milhões.

Segundo o empresário, o maior problema no caso do complexo soja são os refinadores que têm a inércia nos equipamentos, pois eles demoram a aquecer até que o produto possa ser processado. Alguns já estão reutilizando o vapor gerado durante o refino como fonte alternativa de energia. Nas regiões onde não há geração da energia, poderá ocorrer parada no processo produtivo durante o pico da produção. Atualmente, o parque industrial da região Sul já convive com uma ociosidade de 40% porque os plantadores estão se transferindo para o Centro-Oeste, onde a oferta de energia elétrica é menor e com isso a industrialização é mais difícil.

A Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda), atenta as ações do governo federal, enviou documento ao governo em que aponta graves consequências para o abastecimento de fertilizantes no campo. A preocupação é quanto a uma possível redução na fabricação de fertilizantes no país, que poderia chegar a 48%, justamente no período de pico. Conforme a direção da Anda, o mercado de fertilizantes apresenta forte sazonalidade, com picos de produção ocorrendo no período agosto-novembro de cada ano – superior a 50% da demanda atual, que é de 16 milhões de toneladas.

Mas, entre as atividades rurais, as maiores preocupações se concentram na avicultura e suinocultura nos quais a falta de energia traz dois problemas: falta de ventilação afetando os animais nas regiões mais quentes e mortalidade quando são fi-



Investimento em pequenas centrais hidroelétricas.....

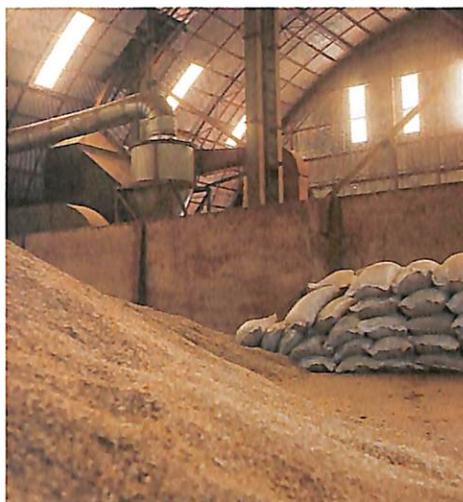
lhotes e precisam do aquecimento.

No caso da captação da água e da razão, é possível o escalonamento desde que os criadores sejam avisados do horário e duração dos cortes da energia. As granjas de maneira geral não estão preparadas para interrupções no fornecimento da energia.

Poucas delas têm sistemas de emergência ou geradores. No caso dos suínos, deve ser levado em conta o aumento no número de animais alojados, devido ao bom ritmo das exportações de carne suína. Já no caso da avicultura de postura e corte, o levantamento da CNA mostra que os pintinhos precisam de aquecimento 24 horas



Nogueira, da CNA: as duas resoluções editadas pela CGCE amenizaram os problemas



Segundo a Abiove, cada empresa está fazendo o possível para racionalizar o consumo

de geração de eletricidade. A tendência é de crescimento no alojamento dos pintos em decorrência da elevação das exportações de frangos, o que vai resultar em maior demanda por energia.

Na pecuária leiteira o maior agravante é com o resfriamento do leite, porque 70% da produção nacional é resfriada na propriedade. Mas a ordenha mecânica também poderá ser afetada.

SOLUÇÕES

O presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB), Luiz Hafers, acredita que a agricultura pode colaborar ainda mais com o racionamento com o aproveitamento dos resíduos de todas as culturas e não apenas com o bagaço da cana-de-açúcar como está acontecendo. No Rio Grande do Sul já está sendo analisada a utilização da casca do arroz para a combustão. Segundo ele, a energia solar e do vento (eólica) precisam ser melhor aproveitadas pelos produtores. "O racionamento deve ser encarado de uma maneira mais ampla com soluções de médio e longo prazos, que podem ser dadas

pela agricultura. Na avaliação de Hafers, dá para reduzir um pouco o consumo de energia e o que foi feito até agora valeu a pena, porque ainda existe desperdício.

A Comissão de Café da Federação da Agricultura do Estado de São Paulo (Fasp) está fazendo a sua parte e sugerindo aos cafeicultores a utilização de terreiros para a secagem manual do grão como alternativa para economizar energia elétrica. Sendo assim, a possibilidade de reter a colheita está sendo avaliada. Um dos entraves, além da demora no método, é o tempo — pois é preciso muito sol forte. Além dos secadores, o setor também recruta o descascador, equipamento movido a eletricidade e responsável por deixar o grão pronto para ser comercializado no mercado.

COMPLICAÇÕES

Mas uma fonte do governo, que não quis se identificar, prevê situação difícil para o campo com o racionamento e a redução drástica dos investimentos na eletrificação rural. De 96 a 98 foram aplicados R\$ 25 milhões nesta área, entre 99 e o ano passado R\$ 18 milhões e para 2001 não existe previsão de orçamento no Ministério da Agricultura. As concessionárias de seu lado aplicam R\$ 30 milhões/ano e o Ministério das Minas e Energia, R\$ 80 milhões.

O mesmo técnico do governo garante que os produtores sempre fizeram economia nas residências e que a questão são os equipamentos que movem a produção. Mas agora têm de usar o diesel para continuar operando normalmente o bombeamento da água, a refrigeração do leite e os pivôs centrais gastando dez vezes mais comparado ao custo da eletricidade. Deu outro exemplo: o agricultor que produz mil sacas de 50 quilos de arroz por ano, contando com o diesel e a gasolina, pode produzir 1.700 sacas com a energia elétrica para mover os equipamentos.

Em 1983/84 conta a fonte, o Grupo Executivo da Eletrificação Rural do MA fez um estudo em conjunto com a USP e a Universidade Federal de Itajubá (MG), mostrando que no Sudeste e Centro-Oeste se fossem instaladas muitas Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCH) o Brasil teria suprimento de energia até o ano 2050. Mas com o fim da ditadura militar e o início do governo José Sarney tudo foi deixado de lado e os financiamentos dos bancos Mundial e Interamericano não foram renovados. ❏

.....afastam os riscos de racionamento de energia

nos primeiros dias de vida, do contrário, a mortalidade pode chegar a 100%. A captação e a distribuição da água é suficiente para apenas três horas de consumo, porque os volumes utilizados são muito grandes.

Nos sistemas integrados, a paralisação ou diminuição do abate vai obrigar os avicultores a cortarem a produção e aumentar os custos, quer pela diminuição na produtividade/área quanto pelo aumento no tempo de engorda. A produção de ração poderá ser afetada. Os criatórios não estão preparados para cortes de energia e poucos estabelecimentos têm sistemas alternativos

AZEVÉM É O SUPERSTAR NO

Alto índice de proteínas, boa digestibilidade e excelente ressemeadura natural. É por essas e outras razões que os produtores da Região Sul escolheram o azevém (*Lolium multiflorum*) como o *superstar* das pastagens de inverno. De acordo com o zootecnista da Nutrir Genética e Nutrição, Winston Giardini, o cereal tem ótimo desempenho em temperaturas baixas e possibilita ganho de peso em até 1 kg por dia, além de boa produção de leite. Originária do Mediterrâneo, sul da Europa e norte da África, trata-se de uma gramínea com folhas finas e tenras, que pode atingir até 1,2 m de altura. “A densidade de sementes varia de 35 kg a 40 kg por hectare”, explica Giardini.

O azevém desenvolve-se rapidamente em qualquer tipo de solo, mas para proporcionar grandes rendimentos prefere os argilosos, férteis e úmidos. “Para o plantio, é importante um cuidado especial na hora do preparo do solo. Depois de cada utilização do pastejo, ele deve ser adubado com nitrogênio”, informa o engenheiro agrônomo e professor da Departamento de Plantas Forrageiras e Agrometeorologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Miguel Dall’Agnol. Segundo ele, a primeira utilização do azevém pode ser realizada quando ele estiver com tamanho oscilando entre 25 e 30 cm de altura. “O gado deve ser colocado no pasto quando ele estiver bem estabelecido para que

não ocorra o arranque da planta e retirado quando o resíduo estiver entre 10 e 12 cm, o que proporciona uma maior produção”, explica.

No caso da fenação, os cortes devem ser efetuados antes da floração, sendo o primeiro aproximadamente aos 90 dias após a sementeira e o segundo, de 40 a 50 dias após o primeiro. As demais brotações são utilizadas com pastejo direto e podem apresentar rendimento entre 25

e 30 toneladas por hectare de massa verde.

Giardini ressalta ainda que o azevém, ao contrário de outras forrageiras de inverno como a aveia preta (*Avena strigosa*) – com plantio entre março e abril e colheita em junho –, é plantado justamente no final de junho e colhido até novembro. “Mas isso não é desvantagem, já que é possível realizar a consorciação do azevém com a aveia, o que resulta no aumento da produção e da época de uti-



Gramínea tem ótimo desempenho em temperaturas baixas e em solos argilosos, férteis e úmidos

(51) 3233-1822 - RS

Novo telefone
das revistas



a granja

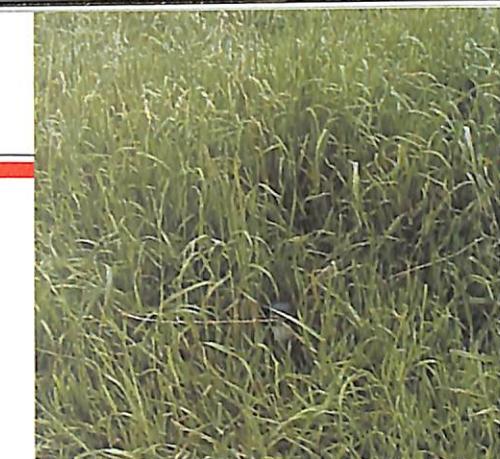


São Paulo continua (11) 220-0488

INVERNO

lização da forrageira”, detalha. A proporção ideal para o plantio é de 40 kg de aveia para 60 kg de azevém. Quando ela está no ponto, ele ainda está pequeno, além do que, quando ocorrem os chamados “veranicos” – aumento das temperaturas em pleno inverno –, a aveia protege o azevém do calor.

Outra grande vantagem é que, em muitos casos, os produtores não precisam se preocupar com o replantio dessa gra-



Consórcio do azevém e da aveia preta: aumento de produção e época de utilização da forrageira

Divulgação

mínea. “Se o solo for bem manejado, ela não precisa ser plantada todo ano, pois tem grande potencial de ressemeadura natural, ou seja nasce sozinha”, completa Dall’Agnol.

No Rio Grande do Sul, em cerca de 60 dias desde o plantio, o azevém já está pronto para o pastoreio. No Paraná, o processo ocorre em cerca de 90 dias.

Aveia preta — A segunda colocada na preferência dos produtores é a aveia preta, que assim como o azevém é uma pastagem de boa qualidade, com alto índice de proteína, ótimo grau de digestibilidade e que não deixa o solo exposto ao ressecamento e ao empraguejamento. Segundo Giardini, a única desvantagem é que a produção de massa verde por área é menor. “Por isso, ao plantar aveia preta, o agricultor deve privilegiar a qualidade e não a quantidade”, destaca. O zootecnista diz que esse cereal dá pastoreio cedo: de 45 a 48 dias em solo gaúcho e 60 dias no Paraná.

No caso da aveia, também é fundamental a adubação e a correção do solo para uma rápida e uniforme germinação e um desenvolvimento satisfatório, não movimentando em demasia o solo para evitar o seu ressecamento. “Tem de dar comida para o cereal para que ele possa alimentar o gado na medida certa”, diz.

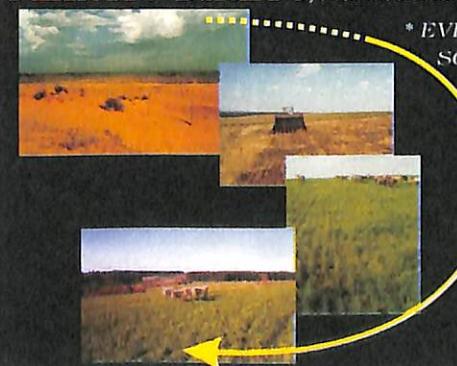
Segundo ele, a época ideal para colocar o gado no pasto é quando a aveia está em folha, bem enraizada e não emborrachada. Além disso, é uma forrageira de elevado potencial de produção, podendo produzir até três cortes, desde que não lhe faltem nutrientes.

Dall’Agnol acrescenta que a semeadura da aveia deve ser feita preferencialmente no outono, com uma densidade de sementes de 60 kg a 80 kg por hectare e com um plantio em linhas espaçadas de 30 a 40 cm. “Se for numa região mais fria, o plantio deve ocorrer mais cedo, em março. Se for em regiões mais quentes, por exemplo, pode ser realizado em abril.” A capacidade de engorda também chega a 1 kg por dia.

Triticale e centeio — Na carona da aveia preta e do azevém, aparecem o centeio (*Secale cereale*) e o tricale. O primeiro, originário da Ásia, tem aspecto semelhante ao da aveia e chega a atingir 1,10 metro de altura. De acordo com o agrônomo da UFRGS, esse tipo de forrageira é mais resistente ao frio do que a aveia, mas, mesmo assim, pouco utilizado no Rio Grande do Sul. “Ele também é mais precoce. No Paraná, dá pastejo em 45 dias”, diz. O centeio se desenvolve bem em solos arenosos e secos, apresentando boa resposta à adubação química e orgânica. A densidade de sementes está estimada entre 40 kg e 50 kg por hectare e pode ser consorciada com azevém e aveia preta. Já o triticale, um híbrido entre trigo e centeio, é mais comum no Paraná e pode ser realizado pastejo de 60 a 70 dias após o plantio. “Ele tem muita proteína, grão leitoso, mas é pouco usado em pecuária. A densidade de sementes fica em torno de 180 kg por hectare”, afirma Giardini. 

SEMEADORAS PARA RENOVAÇÃO DE PASTAGEM SEMEATO

PLANTIO DIRETO/PASTAGENS



- * EVITA EROÇÃO EM SOLOS DEGRADADOS
- * INTEGRAÇÃO DE AGRICULTURA & PECUÁRIA
- * GANHO DE PESO POR ANIMAL
- * INTRODUZ GRAMÍNEAS E LEGUMINOSAS

Rua Camilo Ribeiro, 190
Bairro São Cristóvão
Passo Fundo - RS
www.semeato.com.br
SAC 0800 99 6816



PLANTIO DIRETO

EVENTO GANHA FORÇA NO CENTRO-OESTE

Em sua segunda edição, a feira de negócios e tecnologias quer crescer ainda mais

Mais de 200 negociações com máquinas, equipamentos e insumos agrícolas. Esse é o resultado da AgroCentro Show 2001, Feira de Negócios e Tecnologias do Centro-Oeste, que aconteceu de 24 a 30 de julho, em Goiânia/GO. De acordo com o coordenador geral do evento Edward Madureira Brasil, as vendas foram animadoras. “Elas revelam um grande potencial para negócios, já que além das transações realizadas durante a mostra foram alinhavadas outras 300, concluídas diretamente nos revendedores e distribuidores”, avaliou. Mesmo assim, Madureira Brasil disse não estar satisfeito. “Essa é apenas a segunda edição da feira, por isso queremos muito mais”, declarou.

Os resultados positivos nos negócios revelam que a AgroCentro Show já pode ser considerada como o embrião de uma grande feira nacional de agronegócios que ao poucos se consolida na região Centro-Oeste. “É mais uma oportunidade de intercâmbio entre todos os agentes do setor agropecuário, com o objetivo de acelerar e facilitar a modernização tecnológica da atividade agropecuária na região.”, destacou Brasil. A proposta, segundo ele, é reunir num único local indústria, pesquisa, revendedores e distribuidores, ensino, assistência técnica e extensão rural e os produtores rurais, principalmente dos municípios agropecuários das regiões Centro-Oeste e Brasil Central. “Dentro desse contexto, eles poderão crescer profissionalmente, evoluir e ampliar seus horizontes ao ter contato direto com o maquinário, instrumentos e ferramentas que viabilizam a aplicação efetiva e utilização correta dos conhecimentos”, ponderou.

Durante a semana da feira foram apresentadas

A meta da organização é aumentar as demonstrações práticas

novas tecnologias em cultivares de milho, soja, sorgo, algodão e feijão, colheita de grãos, manejo de palhada, colheita de forrageiras e produção de mudas de espécies do cerrado. Nas demonstrações práticas, os participantes acompanharam atividades nas áreas de caprino e ovinocultura com tipos de construções, sistemas de criação e produção média de leite, piscicultura com demonstrações sobre os sistemas de produção de peixes para abate, avicultura sobre a produção de poedeiras e frango de corte e manejo sustentável do solo em plantio direto.

Futuro — Conforme Edward Madureira Brasil a coordenação do evento já está ajustando as parcerias para a edição 2002, propondo uma integração maior com as empresas expositoras, para que elas tenham mais tempo para mobilização de seus clientes potenciais. “Vamos convidar um número maior de instituições para realizar o deslocamento dos agropecuaristas até o evento e a própria coordenação da feira estará estruturada de forma mais eficaz, com uma equipe maior”, assegurou.

Durante a próxima edição os produtores rurais terão a oportunidade de participar de um programa mais completo de demonstrações práticas. “Nesse ano foram realizadas 40 atividades de campo, em 150 hectares que reproduziam condições ambientais e climatológicas típicas do Cerrado. Em 2002 elas podem passar para 100, conforme o interesse manifestado pelas empresas expositoras e a programa-

ção dos seminários, palestras e atividade tecnológicas simultâneas e complementares que já estão sendo articuladas”, afirmou a integrante da coordenação da AgroCentro Show, Giselle Ottoni. Será realizado ainda um trabalho de divulgação mais intensa dos diversos segmentos do evento para que os visitantes possam, com antecedência, tomar decisões e identificar com precisão suas demandas e expectativas. “Desta forma eles aproveitarão melhor o tempo que passarem na feira”, analisou ela.

Rua do leite — A AgroCentro Show 2002 contará ainda com uma novidade proposta por técnicos da Embrapa. Trata-se da “Rua do Leite”, que irá incrementar as atividades relacionadas com as tecnologias de sanidade e nutrição animal, processamento e armazenagem de carne, leite, frutas e vegetais. A idéia é mostrar, em plena atividade, todos os segmentos da economia leiteira, da criação de bezerras à produção de laticínios, já que Goiás é a segunda maior produtora de leite do país, com 500 milhões de litros por ano. O processo de inspeção sanitária de alimentos de origem animal e vegetal também poderá ser acompanhado pelos participantes.

A coordenação da feira desenvolveu uma estratégia especial para diferenciar a feira de negócios e tecnologias rurais do Centro-Oeste do eventos do mesmo tipo. “Em Goiânia, a parceria entre a Universidade Federal de Goiás, a Federação da Agricultura do Estado do Goiás (FAEG),

o Sebrae e a Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento está buscando uma participação efetiva das indústrias no processo de decisão, aproveitando a experiência das empresas que participam de outras feiras de negócios para melhorar nosso empreendimento”, completa Madureira Brasil. 



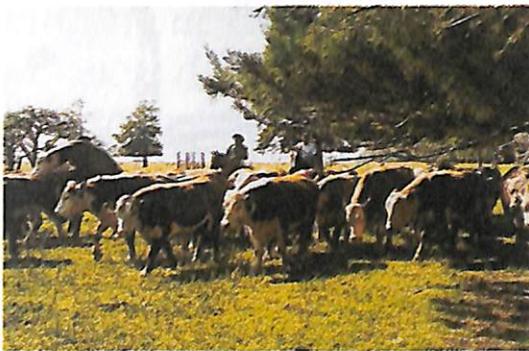
Abertura de mercado está mais próxima

Segundo o titular do Serviço Nacional de Higiene e Qualidade Agroalimentícia (Senasa), Bernardo Cané, a Argentina voltará a exportar carne para Chile, Israel, Rússia e Europa. Ele acredita que as condições de comercialização estão favoráveis em função dos volumes mundiais, muito afetados pela crise da vaca louca, e revelou que por enquanto não tem novidades quanto à exportação para

os Estados Unidos. De acordo com ele, o país projeta exportar cerca de 500 mil toneladas de carne anuais. Cané afirmou ainda que a primeira etapa de vacinação do rebanho nacional já foi concluída. Quanto aos recursos financeiros da entidade, declarou que a Senasa receberá uma quantia de US\$ 3,5 milhões destinados ao pagamento da dívida de aplicação das vacinas.

Determinação limita o movimento de gado

Depois de muitas idas e vindas, a Secretaria de Agricultura da Argentina decidiu manter a medida que limita o movimento de gado no país. A determinação eliminou a possibilidade de realizar, em condições normais, a tradicional exposição da Sociedade Rural Argentina, que ocorre há mais de 100 anos. Os dirigentes da secretaria apresentaram uma proposta alternativa que, para permitir a presença dos grandes campeões em Palermo, dividirá a exposição em duas etapas. Na primeira, serão realizados somente concursos de equinos, aves e carneiros, espécies não suscetíveis à aftosa. Logo após, se as condições sanitárias permitirem, será realizada uma segunda ex-



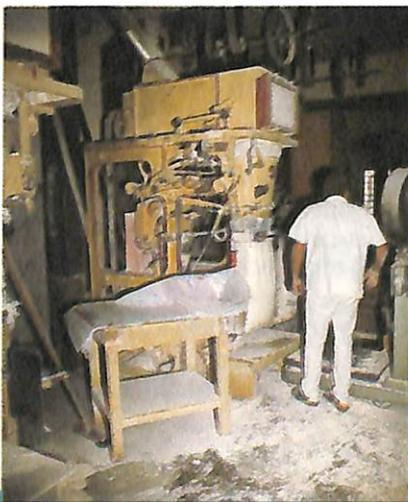
posição após o dia 15 de setembro, quando ocorreria a eleição dos campeões bovinos e suínos.

Ofensiva à comercialização de produtos ilegais

A Justiça realizou mais de 20 apreensões nos últimos meses, em estabelecimentos agropecuários e empresas distribuidoras de sementes. O objetivo é colocar um limite na comercialização de produtos ilegais no país, um flagelo que já alcança níveis preocupantes e que desestabiliza a pesquisa e o desenvolvimento de novas variedades. As denúncias foram feitas pela Associação Argentina de Proteção às Obtenções Vegetais (Arpov), sem dúvida uma das maiores prejudicadas pelas ações ilegais. De acordo com analistas do setor, a evasão de impostos e direitos chega a US\$ 200 milhões anuais, o que significa uma competição desleal para as empresas que investiram em pesquisas.

Oportunidade para os moinhos argentinos

A crise energética brasileira tem ajudado os proprietários de moinhos argentinos a tornar seus negócios mais rentáveis. Só na Região Nordeste do Brasil, o racionamento fez com que os moinhos trabalhassem apenas meio turno. Outros diminuíram a quantidade de moagem ou passaram a realizar o processo em Estados vizinhos. Den-



tro desse contexto, estima-se que o crescimento dos preços da farinha gere para a Argentina um mercado sólido, preocupado em produzir farinha de alta qualidade para evitar que o Brasil compre de outro país. A expectativa é que os moinhos desenvolvam uma política agressiva de venda e possam obter boas respostas financeiras.

CONVÊNIO EDITORIAL

www.revistachacra.com.ar

CHACRA
O CAMPO MODERNO

TRIGO

A última projeção do Conselho Internacional de Grãos adianta que a relação estoque/consumo mundial para a safra 2001/2002 seria 19,5% diante dos 24,6% correspondentes ao ciclo 2000/2001. Esse é um dado positivo, embora traga preocupações no que se refere ao nível de exportações de trigo do Brasil para a Argentina devido ao país e aos conflitos existentes no Mercosul.

SOJA

As condições climáticas relativamente adversas nas regiões produtoras de soja americanas estão provocando alta de valores cotizáveis do produto, que devem se manter até o final de agosto, quando termina o chamado "mercado climático". A isso se agrega uma demanda fortalecida pela presença da China. A preocupação é que, a médio prazo, os EUA finalmente alcancem uma colheita normal, que funcione com fator de baixa na bolsa.

NOVILHO

É preciso agilizar a reabertura dos mercados exportadores, pois o país está destinando grande parte da carne bovina, originalmente destinada ao mercado externo, para o interno. No momento, os preços não acusam maior oferta, mas a expectativa é de que essa situação não deva se manter por mais tempo.

LEITE

O preço ao produtor se mantém em torno de 18 centavos por litro, embora algumas empresas comecem a dar sinais de possíveis baixas a curto prazo. Além disso, a desvalorização do real está proporcionando maior competitividade ao produto argentino. O mercado internacional se sustenta com o leite em pó cotizado acima dos US\$ 2 mil por tonelada.

O RACIONAMENTO E A BUR(R)OCRACIA

José Maurício de Toledo Murgel
Diretor do Instituto Rural de Meio Ambiente (IRMA)

Na década de 60, o governo federal criou um empréstimo compulsório chamado “Obrigações da Eletrobrás”. Todos os consumidores de energia elétrica eram obrigados a “emprestar” ao governo federal uma quantia igual a uma pequena porcentagem do valor da sua conta de luz, para a criação de um fundo destinado à construção de novas hidrelétricas. Esse empréstimo, que constava da conta de luz, era trocado por “obrigações” que foram resgatadas com o correr do tempo. Até aí, tudo bem, nossos governantes, todos e de todas as tendências, são mestres em inventar novos tributos, impostos e taxas.

Na região de Campinas/SP, existe uma Usina de Açúcar, construída às margens do Rio Jaguari, uma das mais antigas do Estado de São Paulo. Essa usina, graças à visão de seus diretores, era auto-suficiente em energia elétrica; pequenas, mas eficientes, turbinas hidráulicas, marca J. M. Voith, geravam a energia necessária para os escritórios, residências, oficinas e casas dos empregados. Na safra, algumas turbinas a vapor, marca Siemens, geravam energia suficiente para as atividades industriais, aproveitando a sobra de vapor utilizado no processo de fabricação do açúcar. O sistema era tão perfeito e equilibrado que essa empresa, com milhares de empregados, e, mesmo crescendo com o passar dos anos, não era ligada ao setor público de distribuição de energia. Quanto maior a produção, mais vapor e, portanto, mais energia.

Em certa época, foram visitados por fiscais da Eletrobrás que queriam cobrar a referida taxa; de nada adiantou a justificativa de que a energia era própria, não



No detalhe, a marca das turbinas: “J. M. VOITH” A.G. – Germany”

oriunda de serviço público. A taxa é para quem consome energia elétrica, diziam! (Ainda bem que não lembraram das lanternas a pilha ou os faróis dos automóveis...).

Como não havia possibilidade da verificação do consumo real, a Eletrobrás resolveu taxar sobre o total da capacidade instalada, hidráulica e a vapor. Não foram aceitos os argumentos de que a capacidade total tinha grande folga, para atender aos horários de pico de consumo, não funcionando a plena carga 24 horas

por dia, e que as turbinas a vapor só eram utilizadas na safra, seis meses por ano.

Essa imposição faria com que as taxas superassem, em muito, o valor do consumo real, o que fez com que a empresa,

por medida de economia, optasse por parar suas turbinas geradoras, hidráulicas e a vapor e passasse a comprar energia elétrica da concessionária oficial, recolhendo o valor correto das obrigações da Eletrobrás!

Qual a garantia que a Eletrobrás terá de que as máquinas não serão ativadas às escondidas? Perguntaram. As taxas só não seriam cobradas se os sistemas geradores fossem não só desligados, mas desmontados.

Assim foi feito. As pequenas turbinas, verdadeiras jóias de tecnologia, vindas da Alemanha, no início do século XX, ainda em perfeitas condições de funcionamento, foram desmontadas e vendidas como sucata.

Dessas máquinas, guardo algumas fotografias, não tanto como lembrança de pequenas e perfeitas miniusinas, mas como prova de que a burrice oficial não tem medida ou fim! 📷

Dessas máquinas, guardo algumas fotografias, como prova de que a burrice oficial não tem medida ou fim!

Plantio Direto

O casamento entre o PD e a biotecnologia

Num mundo globalizado, onde a tecnologia avança em ritmo desenfreado e o mercado está cada vez mais competitivo, surge uma pergunta: três décadas após a introdução do plantio direto no Brasil, quais as técnicas e as formas de gestão que os produtores rurais devem adotar para continuar crescendo e obtendo números positivos de produtividade? Algumas das respostas foram dadas durante o 16º Seminário de Gramado com o tema “Depois do Plantio Direto”, organizado pela Cooperativa dos Agricultores de Plantio Direto (Cooplantio), que reuniu cerca de 750 pessoas na Serra gaúcha, entre os dias 27 e 29 de junho.

Um dos destaques do evento foi o painel de biotecnologia que contou com o relato de experiências de produtores e técnicos de países que já trabalham com a produção de Organismos Geneticamente Modificados (OGM), ou transgênicos, como são mais conhecidos. De acordo com o engenheiro agrônomo argentino e fundador da Associação Argentina de Produtores de Plantio Direto, Roberto Peiretti, o “casamento” entre o plantio direto e as sementes geneticamente modificadas não pode ser considerado um fator determinante para o sucesso da lavoura, mas ajuda. “A produção se potencializa, e os custos com defensivos dimi-

Temas atuais como a transgenia tiveram destaque durante o 16º Seminário de Gramado – Depois do Plantio Direto, que reuniu produtores rurais e técnicos dos Estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná

Texto e fotos: Ana Esteves

nuem, pois as sementes são mais resistentes a doenças. Sem falar nas possibilidades de aumentar a competitividade e nos benefícios ambientais com a redução do uso de produtos químicos”, explicou.

Para ele, as campanhas contra os transgênicos sustentadas por entidades ambientalistas como o Greenpeace não durarão muito tempo. “O papel dos ecologistas é defender as espécies, e a pri-

meira a ser defendida deve ser a humana. Com o crescimento da população, a tendência é, no futuro, faltar alimentos, por isso precisamos encontrar saídas para aumentar a produção. Os OGM são uma dessas saídas”, frisou.

A utilização de Organismos Geneticamente Modificados como solução para muitos problemas que tiram o sono dos agricultores brasileiros também foi abordada pelo sojicultor e presidente do Conselho Norte-Americano de Soja, Doug Magnus. Uma pesquisa realizada recentemente revelou que 52% dos agricultores americanos plantam soja transgênica para aumentar a produtividade e controlar ervas daninhas; 27%, para reduzir custos com herbicidas; 12%, para aumentar a flexibilidade da planta; e 9%, pelo uso facilitado de herbicidas, pois não precisa misturar vários produtos.

O engenheiro agrônomo e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Luís Carlos Federizzi, participou da abertura do painel de biotecnologia e apresentou dados sobre a história da genética e sobre como os cientistas criam as plantas transgênicas. Assim como Magnus, ele destacou as vantagens de utilizar as plantas geneticamente modificadas. “No caso da soja, por exemplo, é possível torná-la mais resistente às pragas e aumentar os níveis de

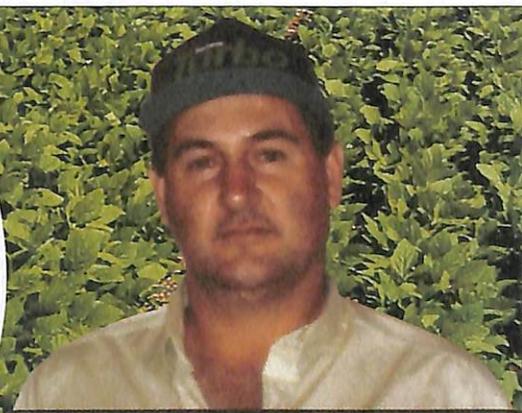
69,5 sacas/ha

Em seus 1.500 ha de lavoura de soja, Vicente obteve o resultado de 69,5 sacas/ha e foi o campeão em produtividade.

Nem seria preciso dizer que fertilizante ele usou.

Serrana
Turbo

Serrana
FERTILIZANTES
Ao lado de quem produz



Vicente Luiz Costa Beber - Nova Mutum - MT

ácido oleico”, esclareceu. No que se refere à possibilidade de cura de doenças, por meio dos OGM, Federizzi citou as experiências realizadas com o gene de fumo em ratos, que criaram anticorpos para o sarampo. “No futuro, não teremos mais vacinas, e descobertas como essa agregarão valor aos transgênicos”, ressaltou. Para ele, o Brasil precisa estabelecer uma visão mais empreendedora e realizar mudanças nos portfólios de pesquisa, direcionando-os para novas experiências na área dos OGM.

Diferencial — Na opinião do engenheiro agrônomo e produtor de soja em Cruz Alta/RS, Cláudio Macagnan, o agricultor que no futuro quiser se destacar no mercado, terá, obrigatoriamente, de trabalhar com sementes geneticamente modificadas. “Esse será o grande diferencial dos agricultores brasileiros. Infelizmente, no nosso país, os OGM ainda não são usados em função da lei, mas vimos opiniões de produtores como o norte-americano que mostram que esse panorama precisa mudar”, afirmou. O produtor diz que o fato de o Brasil ficar



Roberto Peiretti, Luís Carlos Federizzi, Doug Magnus e David Green (da esquerda para a direita)

atrás dessas tecnologias é preocupante. “Temos de trabalhar a opinião pública, para que haja uma pressão maior e o governo libere o mais rápido possível o cultivo dos transgênicos, para que os agricultores possam usufruir de todos os benefícios dessas tecnologias, como a redução de custos e de invasoras, maior janela de plantio e um melhor aproveitamento da mão-de-obra e do maquinário”, defendeu ele.

Há 15 anos, trabalhando com o plantio direto, Macagnan conta com orgulho que poderia escrever um livro sobre as vantagens da técnica. “Ela foi positiva não só para nós produtores, que, além de

aumentar a produtividade, aumentaram a eficiência, mas principalmente para o meio ambiente, com o controle da erosão”, disse. O produtor de Cruz Alta, que antes do PD obtinha um rendimento médio de 35 sacas de soja por hectare, hoje colhe acima de 45 sacas.

Produtor de arroz em Uruguaiana, o agrônomo Luiz Badaró Gonzalez também destacou o painel sobre biotecnologia. Para ele, em bem pouco tempo, o mundo inteiro estará utilizando plantas transgênicas devido à redução de custos e do impacto ambiental. “Nós, que vivemos no interior, ficamos perplexos quando participamos de um evento desses e

Todo produtor tem um pouco de professor Pardal

As reuniões do Grupo de Intercâmbio Técnico servem ainda para estimular a realização de intercâmbio de máquinas e tecnologias, muitas delas criadas pelos próprios produtores. São inovações pitorescas, que muitas vezes surgem por acaso e pela simples necessidade de resolver pequenos problemas do dia-a-dia. Um exemplo é a adaptação de um “patim” na semeadora sob plantio direto. “Para evitar a formação de torrões, que dificultam a germinação das sementes, e a abertura de grandes sulcos na hora de semear, o agricultor adaptou uma espécie de “patim” nos lados do sulcador e dos discos de semeadura, já que as máquinas disponíveis não satisfaziam os requerimentos para que o processo fosse bem-sucedido”, explicou Gassen.

Outra engenhoca criada por um desses “professores Pardal” do campo foi o amostrador de solos. “Para garantir a interpretação correta da fertilidade, tomar a decisão certa sobre a adubação e manter o equilíbrio nutricional, é preciso um número elevado de unidades de amostras e grande volume de terra, que torna impraticável a amostragem em condições de lavoura”, explicou o engenheiro agrônomo Flávio Haas. Ele criou um amostrador do tipo “calador”, que permite agilidade e precisão na amostragem de solos úmidos e secos. Para a coleta de amostras, o aparelho é pressionado para den-

tro do solo, com o auxílio do pé e depois girado para o corte e a liberação da amostra coletada. “Ele tem garantido grande confiabilidade nos resultados de laboratórios de análise, segurança na recomendação de fertilizantes, resultando em maior renda para o agricultor, além de ser mais prático, pois diminui a quantidade de terra coletada”, disse Haas.

Para incentivar ainda mais os produtores a colocar a criatividade em prática, a Cooplantio aproveitou o evento para lançar o prêmio “Plantando Idéias, Colhendo Soluções”, que a partir do próximo ano será concedido aos inventores mais criativos. “O objetivo é valorizar o agricultor que adapta suas máquinas e busca por conta própria soluções para seus problemas, além de disseminar essas idéias para os demais”, revelou o vice-presidente da Cooplantio Dalto Benvenuti.

Certificado — Durante o 16º Seminário de Gramado, ele anunciou ainda o lançamento do selo de qualidade “Plantio Direto Alimentos”, que a partir de 2003 deverá chegar à mesa dos consumidores, funcionando como uma espécie de certificado de qualidade dos produtos. “É preciso conscienci-



Adaptação do patim ou canoa na semeadora



Amostrador de solos tipo calador

zar o agricultor da importância de oferecer produtos de alta qualidade para o consumidor. Para isso, vamos colocar em prática um processo de rastreabilidade, ou seja, acompanhar desde a colocação da semente no solo até a chegada desse produto ao supermercado”, explicou Benvenuti. De acordo com ele, a Cooplantio está em fase de preparação dos agricultores e formação dos técnicos que irão rastrear a produção desses alimentos. O presidente da cooperativa, Eurico Dornelles, afirmou que, para fazer “germinar a semente do novo selo”, é preciso que os associados trabalhem unidos. “Esse é um benefício para todos os produtores da Cooplantio, que terão a oportunidade de levar os produtos do plantio direto para um consumidor cada vez mais exigente”, avaliou.

vemos a evolução tecnológica. Para sobreviver, precisamos ter acesso a essas informações e levá-las para o campo”, acrescentou. Gonzalez conta que utiliza o plantio direto há 13 anos. “Ganhamos com a racionalização de mão-de-obra, maquinário e com o aumento de produtividade na ordem de 35% e rentabilidade de cerca de 40%”, revelou.

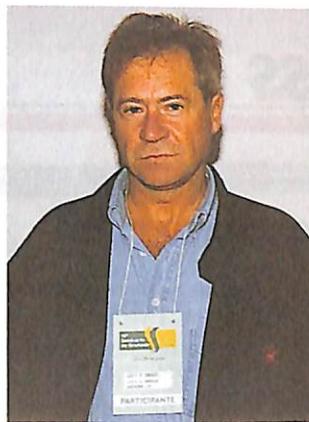
Aprensão — Mas, para muitos agricultores, a palavra transgênico ainda causa susto. “Na nossa região, todo o mundo fala que não planta senão vai para a cadeia”, afirmou o produtor de soja, milho e trigo em Xanxerê/SC, Gilberto Toigo. “Eu, por enquanto, espero passar mais um ano de pesquisa, conferir os números de produtividade pelo mundo afora e, se a solução for a gente passar para os transgênicos, tudo bem.” Toigo concorda que a semente geneticamente modificada traz menos custos, principalmente na hora de aplicar veneno na lavoura. Mas, para ele, também é importante falar no presente e nos benefícios que o plantio direto tem trazido para todos. “Há 16 anos, trabalho com PD, sempre fazendo rotação de cultura, e já consegui controlar o bicudo, o cupim e a formiga”, afirmou. De acordo com ele, na época do plantio convencional, muitos agricultores achavam bonito olhar a terra vermelha e gradeada. “Mas, quando chovia, meu pai dizia: “Por que Deus castiga só a mim” e descia toda a nossa terra para o rio”, relembrou.

Além de aumentar a produtividade, de 25 sacas por hectare para 55 na soja, e 130 para 60 no milho, ele declara que também economizou na utilização de óleo. “Antes, eu usava 2 mil litros de óleo, hoje, com 500 litros, eu faço todo o serviço.”

Técnica — Melhorar o processo de semeadura e repor os nutrientes de acordo com a necessidade de cada espécie cultivada. Para o gerente técnico da Co-



Macagnan, de Cruz Alta/RS: o futuro está nas sementes geneticamente modificadas



Gonzalez, de Uruguaiana/RS: em pouco tempo, o mundo estará usando transgênicos



Toigo, de Xanxerê/SC: para muitos produtores, a transgenia ainda causa um certo temor

oplantio, Dirceu Gassen, esses são os pontos-chave para que o produtor consiga aumentar a produção. “Precisamos mudar a mentalidade dos agricultores no que se refere à forma de semear e alimentar sua lavoura”, ressaltou. No primeiro caso, Gassen aconselha um aperfeiçoamento na distribuição de sementes com a redução na velocidade de semeadura de 8km/h para 5 km/h e preparação do sulco, colocando a terra junto com a semente. “Assim, garantimos a absorção de água para iniciar o processo de germinação e na seqüência de oxigenação. Essa é a lógica que nós desenvolvemos e que o agricultor deve seguir, ou seja atender totalmente à necessidade da semente e da plântula”, explicou. Outro aspecto destacado por Gassen, durante o painel técnico “Fatores Limitantes na Produção de Soja, Milho, Arroz e Pastagens, Alternativas de Solução”, está relacionado à nutrição das plantas. “O equilíbrio nutricional é fundamental, e o que nós temos hoje na agricultura é uma tradição de 30 anos utilizando as mesmas fórmulas de adubos, repondo basicamente nitrogênio, fósforo e potássio, quando algumas culturas

extraem mais enxofre do que fósforo e nós não vemos isso”, afirma.

De acordo com ele, muitos produtores afirmam estar adubando cada vez mais, mas mesmo assim não conseguem aumentar a produção. “O que ocorre é que não adianta adubar se não se sabe exatamente a real necessidade de cada planta. Para isso, é preciso verificar em cada gleba qual o elemento limitante mais importante, porque a necessidade do milho é diferente da soja e do arroz”, afirmou.

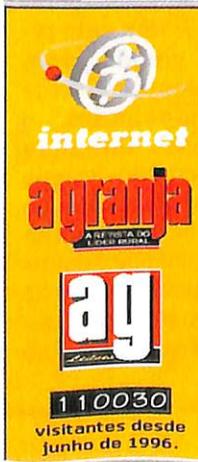
O gerente técnico da Cooplantio conta que todos esses assuntos têm sido debatidos desde setembro do ano passado, pelos Grupos de Intercâmbio Técnico. São 30 grupos, formados por agricultores das culturas de soja e milho de todo o RS. O objetivo é orientar o agricultor sobre os mais variados problemas e buscar melhoria nas condições de trabalho e produção. A idéia, segundo ele, é compartilhar experiências entre agricultores que têm conseguido bons índices de produção com aqueles que têm maiores dificuldades. “Olhando o exemplo dos vizinhos que fazem sucesso. E buscando com eles as alternativas para melhorar a produção”, afirmou. 

Home Page da Revista A Granja - Microsoft Internet Explorer

Arquivo Editar Exibir Ir Favoritos Ajuda

Voltar Avançar Parar Atualizar Página inicial Pesquisar Favoritos Histórico Canais Tela cheia Correio

Endereço <http://www.agranja.com/> Links



110030
visitantes desde junho de 1996.

www.agranja.com

O seu endereço rural na internet

- Matérias jornalísticas
- Artigos técnicos
- Seções
- Plantio direto
- Sites rurais
- Agendas de eventos e leilões
- A GRANJA DO ANO
- Bolsas de valores

Números anteriores das revistas **A GRANJA** e **AG Leilões**



Concluído Zona da Internet

AÇÚCAR e ALCOOL

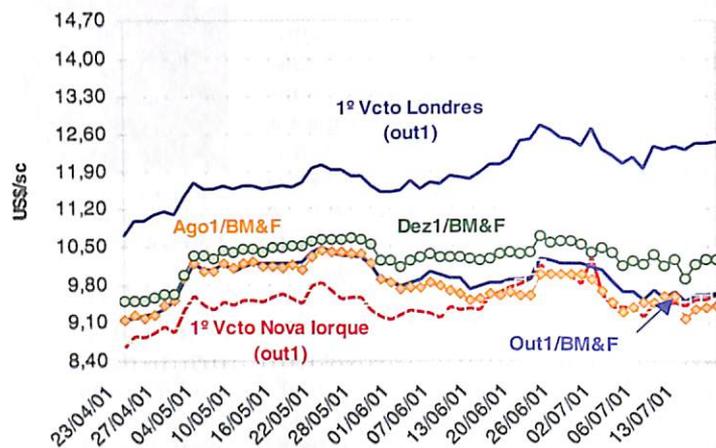
Álcool anidro preocupa

Carlos Alberto Widonsck – carlosw@bmf.com.br
Este artigo foi redigido com dados disponíveis em 19/07/2001

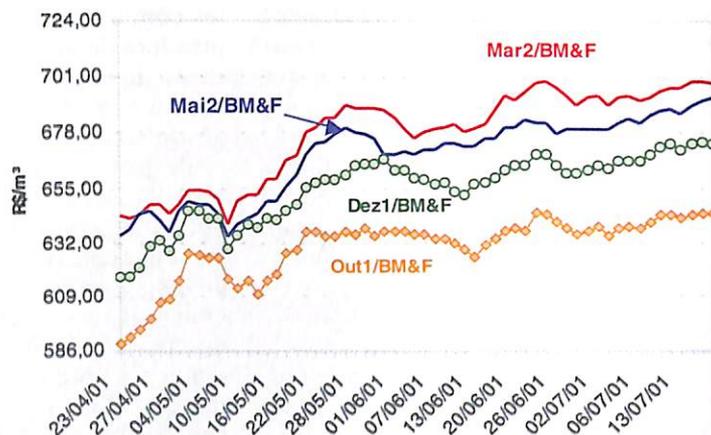
A Alemanha, um dos maiores produtores de açúcar de beterraba da União Européia, anunciou nesta semana que sua produção deverá ser de 3,8 milhões de toneladas na safra 2001/02, cerca de 3,8% inferior que a safra passada. Esse anúncio deu novamente sustentação aos rumores de alguns *traders* internacionais de que a safra de União Européia deveria ter uma quebra acima de 10%. Segundo levantamento de algumas consultorias, o rendimento industrial da cana no Centro-Sul, no início da safra estava por volta de 125 kg de ATR (açúcar total recuperável). Entretanto, segundo a Única, o rendimento no começo de julho já estaria bem próximo

mo da safra passada (137 kg ATR). Os vencimentos futuros das bolsas de Londres e Nova York, se mantiveram firmes nesta semana, demonstrando uma boa demanda no mercado internacional por açúcar de várias origens inclusive do Brasil (vide gráfico). No mercado interno tem ganho expressão, a fixação de contratos entre usinas e consumidores contra as telas da BM&F com a troca de futuros no vencimento, semelhante a uma operação de exportação. No mercado de álcool anidro, continua a preocupação do setor quanto a falta de produto na entressafra, algumas consultorias, apesar do movimento de exportação estar sendo expressivo, não acreditam que deverá ocorrer tal fato. Os vencimentos futuros, depois de trabalharem *flat* por algum tempo, ao que parece esboçaram uma certa reação, procurando melhorar a correlação com o açúcar.

AÇÚCAR: PREÇOS FUTUROS E INDICADOR À VISTA



ÁLCOOL: PREÇOS FUTUROS



ALGODÃO

Conab apresenta levantamento

Plínio Penteadó de Camargo – plinio@bmf.com.br
Este artigo foi redigido com dados disponíveis em 19/07/2001

O mercado futuro de algodão apresenta dois meses com posição em aberto: outubro e dezembro. No dia 18, out/01 fechou com oferta de venda a US\$ 38,00/lp e dez01 com comprador a US\$ 36,00/lp e vendedor a US\$ 38,00/lp. No disponível, o índice Esalq –

BM&F permaneceu constante em R\$ 86,11/lp, embora pequenas quantidades, segundo alguns corretores, tenham sido negociadas até a R\$ 85,00/lp fob SP. Na bolsa de Nova Iorque, out01 fechou a US\$ 40,60 (a menor cotação do período sob análise foi no dia 13, a US\$ 39,50). O índice “A” da *Cotlook* depois de permanecer por vários dias em US\$ 46,00, foi fixado em US\$ 45,30.

A Conab publicou o resultado do “5º Levantamento da Safra 2000/01” surpreendendo o mercado no que tange ao quantitativo a ser produzido. Há muito tempo os agentes têm estimado aquela cifra no intervalo 850 – 870 mil tone-

ladas. A estimativa da Conab foi de 916 mil toneladas. Confirmando-se aquela estimativa, o crescimento da produção será de 30,8% em relação à safra passada (de 700,3 mil toneladas). Tal quantitativo coloca o país na posição de auto-suficiência pois supre 93% do consumo nacional, segundo o trabalho. Nos próximos dias o mercado deverá amadurecer as informações publicadas pela Conab, relativas à safra em curso, quando então voltaremos ao assunto neste informativo.

Com relação às operações de aquisição de algodão pelo governo federal, a BM&F, na qualidade de entidade aferidora da classificação realizada

por outros órgãos, tem constatado divergências, em nível nacional, da ordem de 40% das amostras classificadas. As amostras provenientes do Estado de Goiás embora na sua maioria esteja no intervalo de tipos admitidos para aquelas operações – 4/5 – 7, têm sido recusadas, em grande parte, por apresentarem características de “manchados” e “avermelhados”. Tais algodões que o mercado desagia em função de seu emprego para fios de baixa qualidade há muito não são aceitos pela Conab, pois quando da sua revenda ao mercado causam grandes prejuízos ao governo.

MILHO

Comercialização abaixo das expectativas

Luiz Cláudio Caffagni -
lclaudio@bmf.com.br
Este artigo foi redigido
com dados disponíveis
em 19/07/2001

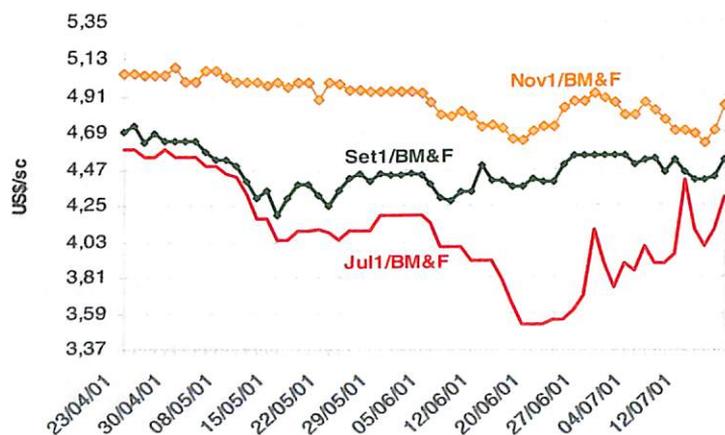


A Granja

Alta do milho observada nas últimas semanas possui três fatores explicativos: a sazonalidade dos preços gerada pela escassez momentânea às vésperas da colheita de volumes mais expressivos de safrinha, a expectativa de diminuição de 20% na área da próxima safra de verão incentivando a redução de ofertas no mercado disponível e a sustentação das exportações gerada pela elevada taxa de câmbio. Por outro lado, compradores no mercado doméstico ficam a espera da intensificação das colheitas de safrinha, estimada em 6 milhões de toneladas pela Conab, não se interessando em carregar estoques. Nos estados de GO, MS e MT o preço do milho ainda segue abaixo, mas muito próximo, dos preços de exercício das opções de venda do governo, indicando o sucesso des-

se instrumento de política agrícola em transferir parte da oferta da safra para entressafra. As empresas de produção de sementes de milho já dão sinal de significativas quedas nas vendas. Com o mesmo volume de alojamento de aves, em relação ao ano passado, espera-se que uma menor safra de milho poderá gerar desconforto nas estratégias de médio prazo dos compradores. Em 19/07 o contrato de milho na BM&F foi negociado a US\$ 4,54/sc para setembro/2001 e US\$ 4,90/sc para novembro/2001.

PREÇOS FUTUROS



CAFÉ

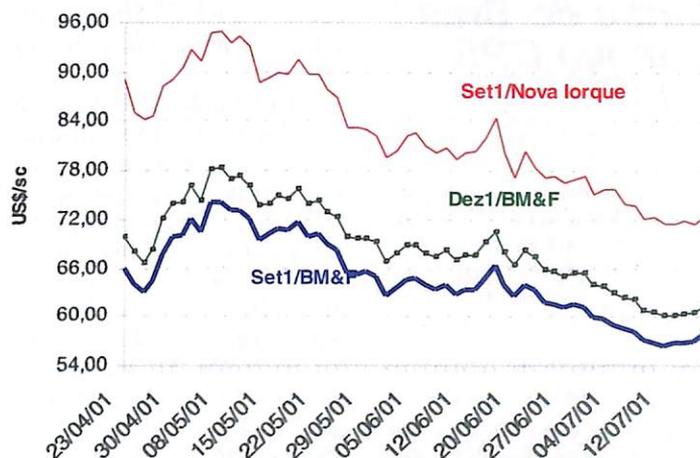
Mercado estável

Sergio Beczkowski -
sergioib@bmf.com.br
Este artigo foi redigido com
dados disponíveis
em 17/07/2001

O mercado, no período de 11/07 a 17/07 permaneceu relativamente estável, com poucas notícias em termos de fundamentos. Em São Paulo houve ligeira alta na cotação base Setembro/2001 a US\$ 57,10/saca em 17/11 e em Nova Iorque para mesma data e base a US\$ 54,10/lb. O suporte e resistência em Nova Iorque se situaram respectivamente a US\$ 53,00/lb e US\$ 55,00/lb. Os estoques certificados em São Paulo atingiram 70 mil sacas e 3,63 milhões de sacas em Nova Iorque. A Green Coffee Association divulgou seu relatório indicando um aumento de 82

mil sacas nos estoques americanos. Segundo analistas os altos estoques internos acoplados a mesma situação nos países consumidores, não indicam perspectivas muito boas para a recuperação dos preços, ainda mais pela falta de notícias de cunho climático. A única notícia boa, neste dia 17/07 foi a reversão, pelo menos momentânea da cotação do dólar. Esse recuo teoricamente beneficia as cotações do café em Dólar. No mercado físico as cotações se comportaram da seguinte maneira: Bica Tipo 6 Dura a R\$ 119,00/saca, a Rio Tipo 7 a R\$ 90,00/saca e o Conillon Tipo7 a R\$ 52,00/saca. Na exportação a qualidade Swedish foi cotada a 14¢ abaixo de setembro Nova Iorque para embarque ago/set.

PREÇOS FUTUROS



A Granja

SOJA

Mercado de clima oferece oportunidades

Seneri Kernbeis Paludo - gma@bmf.com.br
Este artigo foi redigido com dados disponíveis em 19/07/2001

Após seguidas altas ocorridas na semana passada as cotações cederam nessa semana, de 16 a 20 de julho, na Bolsa de Chicago, após divulgadas e confirmadas pelo Serviço de Meteorologia Americano as novas previsões climáticas com o aumento de chuvas generalizadas sobre o cinturão de produção norte-americano. Apenas na terça-feira, 17 de julho, ocorreu uma alta por conta do relatório do Departamento de Agricultura dos EUA que acusou queda de 4% da proporção de lavouras de soja em boas condições, combinando ainda

com a incerteza sobre o clima norte-americano. O mercado interno permanece em apreensão, devido a volatilidade dos futuros em Chicago e o câmbio, mesmo depois da divulgação pela Conab de que a safra 2000/2001 é a maior da história nacional, cuja produtividade média alcançou 2.720 kg/ha e aumentou 1,3%



A Granja

PREÇOS FUTUROS E INDICADOR À VISTA



em relação a área plantada na safra passada. Outra notícia que movimentou o mercado foi divulgada pela Associação Brasileira de Produtores de Sementes que ressaltou que a produção de sementes de soja será 21% inferior a do ano

passado. O Rio Grande do Sul, que detém 20% do volume nacional, terá redução de 35%, além disso, estima-se que 60% da produção já tenha sido comercializada, quando o índice desta época é de 20%.

BOI GORDO

Banco do Brasil lança CPR Financeira

Fabiana S. Perobelli - fabianap@bmf.com.br
Este artigo foi redigido com dados disponíveis em 19/07/2001

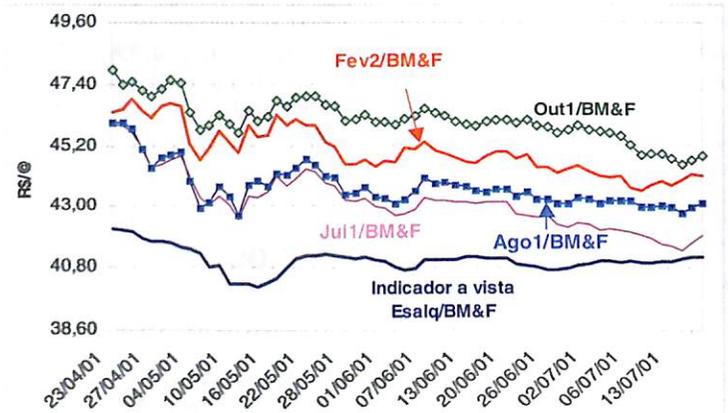
A secretaria de comércio exterior divulgou o balanço das exportações de carne bovina entre janeiro e maio de 2001, quando se registrou uma elevação de 28,39% em relação ao mesmo período de 2000. As exportações têm tido papel de destaque no mercado ao garantir a rentabilidade aos frigoríficos, em função da estabilidade da demanda por carne no mercado interno. Os preços continuam estáveis, o traseiro foi ne-

gociado a R\$ 2,95/kg e o dianteiro a R\$ 2,05/kg em 19 de julho.

O mercado de boi gordo trabalhou entre 13 e 19 de julho estável, aguardando o desenrolar dos fatos que determinarão os preços da entressafra. Isto é, o clima e a entrada dos bois confinados no mercado, os efeitos das crises energética e da Argentina, na renda. Os vencimentos out/01 e nov/01 fecharam em 18/07 a R\$ 44,65/@ e R\$ 45,05/@. O mercado já antecipa o pico da entressafra para novembro. Aqueles que fizeram o spread out-nov já obtiveram rentabilidade.

Foi lançado no dia 13/7 a CPR financeira com liquidação pelo preço do vencimento futuro BM&F na data de vencimento do contrato. O investidor que fizer a fixação de contratos futuros na BM&F reduzirá o risco de

PREÇOS FUTUROS E INDICADOR À VISTA



oscilação dos preços. A fixação na BM&F permite a transformação de uma renda variável em renda fixa. A importância de tal lançamento deve-se ao fato de atrair para o mercado agropecuário os Fundos de Investimento – que poderão financiar a produção agropecuária.



A Granja

ARROZ

Conab estima redução da área em 11,7%

A área cultivado com arroz em todo o Brasil deverá sofrer uma redução de 11,7% na próxima safra, segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), passando de 3,6 mil hectares para 3,2 mil hectares. O decréscimo se deve principalmente em função das dificuldades na comercialização da última safra, onde os preços pagos se mantiveram estáveis e em patamares baixos durante o período comercial. Embora se evidencie queda na produção, a Conab não acredita no desabastecimento interno em função dos elevados estoques públicos do cereal que alcançam 2,2 milhões de toneladas. O volume é suficiente para dois meses de abastecimento. No Rio Grande do Sul, o mercado de arroz se apresentou estável nos últimos dias, com preços do produto em casca do tipo 1/58 inteiros na média de R\$ 16,00 a saca. Poucos negócios foram efetuados, prevalecendo o quadro de retenção do produto a espera de preços mais atrativos. No início de julho, o governo federal reunido com a cadeia produtiva arroseira do RS, SC e MT, decidiu liberar quatro leilões de venda no Mato



A Granja

Grosso, totalizando 55 mil toneladas, no valor de R\$ 16,00 a saca de arroz longo fino tipo 1. A meta do governo é evitar a especulação de preços. O primeiro leilão, realizado em 16 de julho passado, vendeu 51% das 20,4 mil toneladas de arroz ofertadas no Mato Grosso. O preço médio ponderado ficou em R\$ 14,32 a saca de 60 quilos. O preço abaixo da média do mercado, segundo o governo, ocorreu em função da elevada oferta de safras antigas. O ágio foi de até 11,99%, por causa do valor R\$ 16,86 no produto tipo fino 2.

AGULHINHA EM CASCA LONGO FINO – À VISTA

Região	Valor (R\$)
RS – Pelotas – FOB	15,80
RS – Uruguaiana	15,50
RS – Porto Alegre	16,80
SC – Norte	15,00
PR – Apucarana – CIF	23,50
SP – CIF	23,70

TRIGO

Produção deve crescer 70%

As estimativas do trigo indicam que a área semeada neste ano em todo o país será de 1,534 milhão de hectares, o que significa um aumento de 4,5% em relação à safra anterior, quando foram cultivados 1,468 milhão de hectares. A produção prevista pela Conab é de 2,845 milhões de toneladas, marcando um aumento de mais de 70% em relação à safra passada, amplamente castigada pelas geadas. No Paraná, a semeadura atingiu 100% da área estimada para este ano, totalizando 840 mil hectares, de acordo com informações do Departamento de Economia Rural do Paraná (Deral). No Mato Grosso do Sul, o governo lançou no último mês uma campanha com o objetivo de tornar grande parte da produção de trigo colhida neste ano seja usada como semente para o próximo ano. O Estado quer ampliar sua a sua área plantada com a lavoura para 100 mil hectares. A área tritícola no MS atualmente chega a 50 mil hectares. No Rio Grande do Sul, a situação climática prossegue favorável para a lavoura tritícola. As lavouras apresentam-se sem pragas e doenças, mas a ausência de dias mais frios prejudicou um pouco o perfilhamento das plantas.

Em seu relatório sobre o plantio para a safra 2001/02, o USDA estimou a área ocupada com o cereal naquele país em 24,14 milhões de hectares, representando redução de 4,6% em relação aos 25,31 milhões de hectares do ano anterior. Na Bolsa de Chicago, a cotação da tonelada do cereal, para entrega em setembro (segunda posição), no período das quatro últimas semanas (de 08/06 a 06/07/2001), registrou baixa de US\$ 2,29 (2,27%), caindo de US\$ 100,95 para US\$ 98,66. Na mesma data do ano anterior (06/07/2000), o preço da tonelada, naquele mercado de “commodities” agrícolas, se situava em US\$ 93,70 (5,03% abaixo do valor atual).



A Granja

Em setembro, na revista

O PLANEJAMENTO DA SAFRA DE VERÃO

a granja

■ Seguro rural: empresas investem neste mercado

Plano Safra 2001/2002 contará com R\$ 14,7 bilhões

O Plano Agrícola e Pecuário 2001/2002 contará com um total de R\$ 14,7 bilhões, volume de recursos 30% acima dos R\$ 11,3 bilhões anunciados no ano passado. Considerando-se os retornos e reempréstimos para o financiamento rural, no ano agrícola 2001/2002, o fluxo de recursos poderá alcançar R\$ 16,6 bilhões. A verba financiará as operações de custeio e investimento dos agricultores e não incluem os programas específicos da agricultura familiar. Além de aumentar a produtividade, a produção, a exportação agrícola e fomentar investimentos regionais e setoriais, o governo quer garantir a geração de emprego e renda no campo. Com a ampliação do crédito, o ministro da Agricultura,

Marcus Vinícius Pratini de Moraes (na foto), quer estimular uma produção de 100 milhões de toneladas de grãos. Dos R\$ 14,7 bilhões, R\$ 11,4 bilhões serão liberados aos produtores com juros fixos de 8,75% ao ano, ou seja, 78% dos recursos. Outros R\$ 3,3 bilhões serão financiados com taxas diferenciadas que irão depender da fonte de recursos. Além do aumento da verba para custeio e investimento, também foi ampliado o volume de recursos para a co-



mercialização da safra, que contará com R\$ 3,1 bilhões, 50% a mais do que na safra anterior. Os agricultores terão um significativo aumento do crédito para custeio por beneficiário/ano, dos principais produtos. O

algodão passará de R\$ 300 mil para R\$ 400 mil, da soja de R\$ 100 mil para R\$ 200 mil no Centro-Oeste, Norte, sul do Maranhão, do Piauí e da Bahia, e de R\$ 60 mil para R\$ 150 mil nas demais regiões do país. Para a fruticultura o li-

mite agora será de R\$ 150 mil, para a pecuária R\$ 60 mil. O Plano Agrícola de investimento terá R\$ 2,2 bilhões para a continuação de programas considerados prioritários. Entre eles está o Pro-solo, com limite de crédito de R\$ 80 mil, Propasto com R\$ 150 mil, Aqüicultura, com teto de 80 mil, Fruticultura, com R\$ 100 mil, Proleite, contando com R\$ 60 mil. Novos programas foram incluídos nos recursos de investimento, com destaque para R\$ 100 milhões para a construção de armazéns na fazenda e de R\$ 30 milhões para o setor da floricultura. Para o Programa Moderfrota, de incentivo à compra de máquinas agrícolas, o governo injetou mais R\$ 900 milhões de recursos para empréstimos.

Fábrica da Fosfertil amplia produção de fertilizantes

A Fosfertil inaugura no próximo mês uma unidade industrial de fertilizantes em Catalão / GO. A ideia é ampliar em 25% a produção anual de 1,3 milhão de toneladas de adubos.

A inauguração da fábrica, orçada em R\$ 25 milhões, irá coincidir com o início do plantio da safra de verão no Centro-Oeste e com o forte aumento da demanda por fertilizantes na região. Com o empreendimento, o parque industrial brasileiro vai ultrapassar a barreira das cinco milhões de toneladas de concentrados fosfatados até o final do ano.

Expointer terá um dia inteiro para fechar negócios

Um dia especialmente para concretizar negócios. Essa é uma das novidades da 24ª edição da Expointer, maior feira agropecuária da América Latina que acontece de 25 de agosto a 2 de setembro, em Esteio/RS. No ano em que o evento completa o seu centenário – 24ª como exposição internacional – o Governo do Estado decidiu criar o Dia de Negócios com o objetivo de facilitar as transações comerciais durante a feira. “Fixamos o dia 28 de agosto, terça-feira, exclusivamente para visitação dos clientes dos setores de máquinas, equipamentos e implementos agrícolas”, informou o secretário estadual da agricultura José Hermeto Hoffmann. Durante o lançamento da Expointer, ele des-



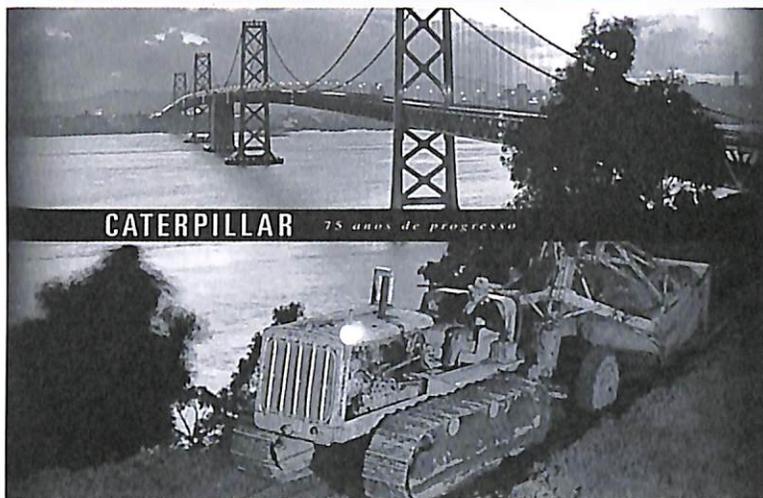
tacou ainda a intenção do governo de concentrar esforços para garantir a criação de corredores sanitários, via Santa Catarina, para o escoamento da produção gaúcha. Mesmo sem os corredores, o secretário garantiu que a Expointer não corre riscos. “Mas poderemos ter prejuízo de até 35% sem

entidade indica um acréscimo de 20% sobre o número de animais inscritos em 2000, chegando a mais de sete mil participantes neste ano. A expectativa, segundo ele é de que a 24ª Expointer seja marcada por um clima de tranquilidade e entendimento entre a Farsul e o governo do estado.

a venda de animais para outros Estados – a l e r t o u Hoffmann.

Conforme o presidente da Farsul, Carlos Spertotto, um levantamento preliminar da

Caterpillar completa 75 anos



Os 75 anos da Caterpillar no mundo foi comemorado com o lançamento de um livro que retrata a trajetória da empresa do setor de máquinas. A publicação não conta apenas essa jornada, mas a forma como surgiu o trator no mundo e sua evolução ao longo dos tempos. Tudo começou em 1925, com a fusão da C.L. Best Tractor Co. e a The Holt Manufacturing Company, que formou a Caterpillar Tractor Co., uma empresa da Califórnia. Em 1986 foi alterada a razão social da empresa para ser constituída como uma corporação de Delaware, de nome Caterpillar Inc. No início eram fabricados apenas cinco modelos de tratores e algumas ceifadeiras. Hoje são mais de 300 produtos diferentes, incluindo motores e turbinas de cinco cavalos-vapor.

Fankhauser chega ao mercado do Centro-Oeste

A Fankhauser, indústria de máquinas de Tuparendi/RS investiu R\$ 6 milhões na abertura de uma filial em Rondonópolis/MT. A unidade de 6,5 mil metros quadrados vai possibilitar a abertura de 150 empregos diretos na região. A empresa aproveitou a oportunidade para se estabelecer no Centro-Oeste em função de incentivos fiscais concedidos pelo governo do Mato Grosso. De acordo com o diretor de marketing da empresa, João Cervi, do total do investi-

mento, metade foi garantido antes da extinção da Sudam. A Fankhauser, que produz e exporta plantadeiras, pulverizadores e carretas graneleiras, pretende dobrar o faturamento em até dois anos atendendo toda a região e estados próximos. A direção da empresa optou pelo Centro-Oeste por considerar a região o grande mercado para a mecanização agrícola, com a vantagem logística da redução de custos com transporte de matérias-primas.

Cláudio Bier assume o Simers

Com as vendas aquecidas no mercado interno e externo, o novo presidente do Sindicato das Indústrias de Máquinas e Implementos Agrícolas (Simers), para a gestão 2001/2004, Cláudio Affonso Amoretti Bier (na foto) assume o cargo em clima de otimismo. Segundo ele, o impulso está diretamente ligado ao Moderfrota - que já foi um sucesso no ano passado e promete para a safra 2001/2002, a recuperação dos preços agrícolas e a alta do dólar. E os números do primeiro semestre já apontam essa tendência positiva: as vendas totais de máquinas agrícolas automotrizes de produção nacional fecharam em 19.373 unidades contra as 15.191 registradas no mesmo período do ano passado, o que significa um acréscimo de 27,53% segundo dados divulgados pela Anfavea. Apesar da crise na Argentina, um dos principais mercados de exportação, a expectativa é que o ano 2001 feche com um crescimento médio de 15% acima dos já comemorados 30% alcançados no ano passado. As filiais ligadas ao Simers respondem hoje por 53% da produção nacional de máquinas e implementos agrícolas. A vice-presidência do Simers será ocupada pelo ex-presidente Eduardo Logemann.



Anote aí

O Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais (IPEF) realiza de 14 a 16 de agosto o 2º Simpósio Latino-americano de Controle de Incêndios Florestais e a 6ª Reunião Técnica Conjunta IPEF/FUPEF/SIF de Controle de Incêndios Florestais em Piracicaba/SP. Informações pelo telefone (19) 430-8602.

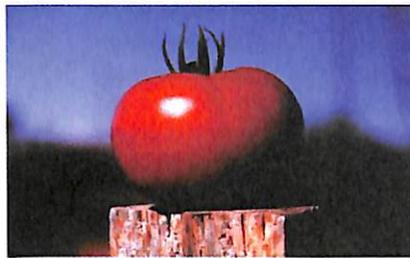
O Bio Agro Contact Brasil 2001, promovido pelo governo do Paraná, será realizado de 14 a 17 de agosto em Foz do Iguaçu. O objetivo do encontro é possibilitar um ambiente de negócios para empresas do setor agroalimentar e fortalecer a colaboração entre a iniciativa privada, órgãos públicos e instituições de pesquisa, a fim de promover o desenvolvimento agroindustrial. Informações (41) 372-1177.

A Fundação ABC, em conjunto com as cooperativas Arapoti, Batavo e Castrolanda, realiza de 14 a 19 de agosto o "Agroleite 2001", evento que pretende reunir toda a cadeia produtiva do leite. O objetivo é abranger desde a produção primária até a distribuição, passando pelas tecnologias de produção. Informações no site www.castrolanda.com.br

O 2º Congresso Brasileiro de Arroz Irrigado e a 2ª Reunião da Cultura do Arroz Irrigado ocorrem simultaneamente de 20 a 23 de agosto no Centro de Eventos da Fiergs, em Porto Alegre. No congresso serão tratados temas como tendências da agropecuária e alternativas de manejo para aumentar a produtividade do arroz. O encontro vai reunir pesquisadores brasileiros e de países como Austrália, Colômbia, Estados Unidos, Finlândia. O evento é promovido pelo Irga, Epagri, Embrapa e Sociedade Brasileira do Arroz Irrigado. Informações pelo telefone (51) 3337-5144.

Tomate fanny conquista mercado dos longa vida

Maior sabor, resistência e produtividade. Essas são as principais características do fanny, uma nova variedade de tomate que está chegando no mercado. O híbrido desenvolvido pela Royal Sluis, empresa holandesa do ramo de sementes de hortaliças, tem o peso médio de 230 g e possibilidade de alcançar uma produtividade de até 5 mil caixas por hectares. Outra característica importante é a resistência ao nematóide, uma das principais pragas do



Divulgação

tomateiro, um parasita de solo que se aloja na raiz, podendo comprometer até 50% da produção. Além disso, a maior uniformidade do fruto, que chega a atingir marcas de 85% a 90% de tomates extra

AA, garante ao produtor preços 40% superiores à qualidade extra A. O bom enfolhamento da planta dificulta o rachamento do fruto e as queimaduras do sol, proporcionando ao agricultor menor perda de tomate no pé e na classificação.



Divulgação

Patente da Embrapa revoluciona controle biológico

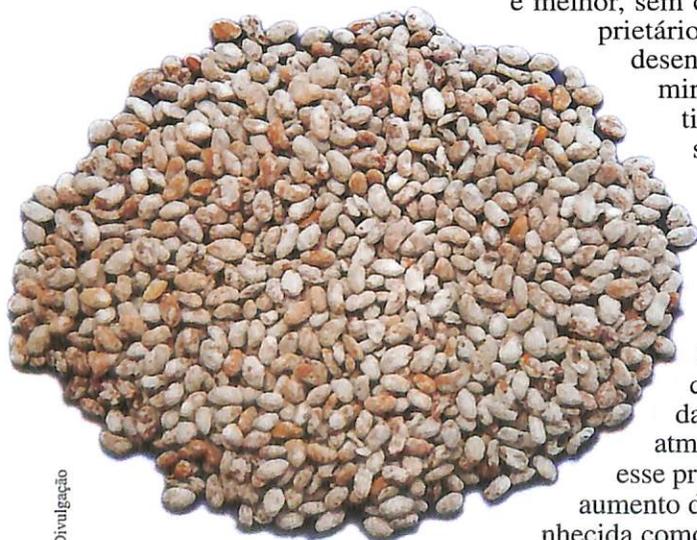
Uma patente internacional concedida à Embrapa poderá revolucionar o controle biológico mundial da lagarta da soja. O processo desenvolvido pelas pesquisadoras Cláudia Medugno e Marina Lessa possibilitará a utilização do vírus *Baculovirus anticarsia*, inimigo natural da praga de forma efetiva, evitando que os raios solares inativem a ação inseticida quando ele é aplicado na lavoura. Para isso, foi realizada a modificação das propriedades superficiais do vírus – reversão do PH da sua cultura – com a criação de uma camada protetora com carga positiva. A partir de então, partindo-se do princípio de que cargas opostas se atraem, partículas negativas, que funcionam como filtros, recobrem-no e protegem-no dos raios solares. Por meio dessa patente, a Embrapa poderá licenciar esse processo para outros países, acarretando retorno financeiro à empresa.

Benefícios dos transgênicos

Os benefícios da biotecnologia estão só no começo. A afirmação é da microbiologista da Universidade da Califórnia Judith Kjelstrom. Para ela, as plantas geneticamente modificadas são a principal ferramenta para combater a fome e as doenças, além de colaborar com a preservação ambiental. “Num futuro próximo, elas poderão, por exemplo, ajudar a retirar metais pesados da água”, argumentou. Segundo Judith, hoje é possível identificar genes e transferi-los para outras plantas com muito mais precisão e segurança nos resultados obtidos. “A biotecnologia foi importante para ajudar a economia havaiana, que na metade dos anos 90 teve suas lavouras de mamão devastadas pelo vírus da mancha anelar”, afirmou. Graças a ela, desde 1998, o Estado do Havaí utiliza mamão geneticamente modificado, com resistência ao vírus, e conseguiu recuperar suas lavouras.

Técnica inédita inocula semente de alfafa

Peletizar e inocular sementes de alfafa deixou de ser um problema para os produtores rurais brasileiros. Desde o início deste ano, a empresa paranaense Itapuã, especializada na produção e no comércio do produto, vem realizando o processo, e o que é melhor, sem custos. De acordo com o proprietário da empresa – única no país a desenvolver essa tecnologia – , A



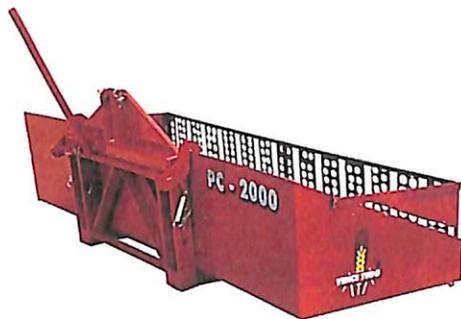
Divulgação

demir Honda, a inoculação e a peletização das sementes de alfafa são necessárias para suprir a cultura de nitrogênio, dispensando a adubação nitrogenada. “A alfafa é uma planta da família das leguminosas, providas de um sistema de simbiose com bactérias do tipo *Rhizobium*, que depois de inoculadas são capazes, por meio das raízes, de fixar o nitrogênio atmosférico”, explica. Segundo ele, esse processo poderá colaborar para o aumento da área de cultivo da alfafa, conhecida como a rainha das forrageiras.

Comissão cria código de ética genética

A Comissão Técnica Nacional em Biossegurança (CTNBio) pretende criar um código de ética de manipulação genética para evitar que os laboratórios que realizam experiências com transgênicos desrespeitem as normas instituídas no Brasil. O diretor do Programa Nacional de Conservação da Biodiversidade e de Recursos Genéticos do Ministério do Meio Ambiente, Bráulio Ferreira de Souza Dias, lembrou que no país estão proibidos o cultivo, o plantio e a comercialização de produtos geneticamente modificados. O presidente da CTNBio, Esper Cavalheiro, informou que a comissão trabalha ainda na criação de multas para quem transgredir as condições de segurança. A primeira reunião para discutir o assunto deverá ocorrer nos dias 11 e 12 de agosto.

■ Vence Tudo lança plataformas carregadeiras



Já estão à disposição do produtor rural as plataformas carregadeiras hidráulicas PC-2000 e PC-1700, da indústria

■ Rodeio é a nova pickup da GMB

A General Motors do Brasil está lançando uma nova série de pickups para a Chevrolet Silverado, S10 e Corsa. Trata-se da Série Rodeio, com detalhes que remetam à atmosfera country. Disponíveis em quatro cores – branco, preto, prata e verde – elas têm faixas laterais douradas adornadas com um cavalo. A



Chevrolet Silverado D20 vem com travas elétricas, alarme com acionamento remoto, vidros e espelhos elétricos e rodas de alumínio. As pickups S10 cabine simples, com motorização 2,4 litro e

de implementos agrícolas Vence Tudo. Os novos produtos são equipados com lâminas de corte constituídas em aço 1070 e 9 mm de espessura, sobre caixa de fácil adaptação e dispositivo de desarme da caçamba leve e de fácil operação. As plataformas são perfeitas para terra-planagem, construção de açudes e estradas, conserto de terraços e limpeza de cama de aviário. **Indústria de Implementos Agrícolas Vence Tudo Importação e Exportação Ltda.** Rodovia RS 223, km 53, Área Industrial, Ibirubá/RS, fone (54) 324-1169, e-mail vencetudo@pro.via-rs.com.br.

Divulgação

Corsa vêm com rodas de alumínio. **General Motors do Brasil**, Av. Goiás, 1805, CEP 09550-900, São Caetano do Sul/SP, fone (11) 4234-6280, home page www.gmnoticias.com.br

■ Eixo made in Brasil



Divulgação

A ZF do Brasil inicia neste ano a produção do primeiro modelo de eixo fabricado no país, o AS-2060. Com cilindro integrado ao pistão, o novo produto oferece maior facilidade de manutenção. Outro diferencial é a presença de denteamento gleason lapidado que proporciona melhor contato e maior durabilidade do conjunto coroa e pinhão. O AS-2060 integra a família AS-2000, que equipa máquinas agrícolas mais avançadas do mundo como John Deere, Deutz, Steyr e Same. **ZF do Brasil**, Av. Conde Zeppelin, 1935, CEP 18103-000, Sorocaba/SP, fone (15) 235.2525.

■ Nova resina contra pichações

A Acaquímica está lançando a Neopolipol, uma resina poliuretânica bi-componente de alto desempenho composta de óleos vegetais, com excelente aderência e resistência química e mecânica. O produto pode ser utilizado para revestimento de pisos de concreto polido, lajotas e pedras, além de assoalhos, tacos e parquês. A Neopolipol proporciona ainda acabamento e impermeabilização de telhas e tijolos e proteção contra pichações. **Acaquímica Ltda.** Av. Eng. Antônio Francisco de Paula Souza, nº 3999 Campinas/SP, CEP 13043-540, fone (19) 3276-9955, site www.acaquimica.com.br.

■ Semeadora pneumática chega ao Brasil

A Sfil Stara Amazone traz como novidade para o mercado, a PSM 9000 Avant - a primeira semeadora de precisão pneumática pantográfica do Brasil. A principal característica do implemento é proporcionar a menos distância no caimento da semente no solo: apenas 10cm. A semeadora permite ainda plantio com profundidade uniforme, compactando o centro da linha semeada com a mesma densidade. A PSM 9000 também possibilita plantios de até 9km com total precisão. **Industrial Agrícola Fortaleza Importação e Exportação Ltda.** RS 223, km 51, Ibirubá/RS, fone: (54)324.1844, e-mail: sfilaz@annex.com.br.



Divulgação



Divulgação

Revisão judicial dos débitos rurais

A classe produtora rural do país vive um momento de grande opressão, devido ao alto volume de dívidas rurais apontado pelos agentes financeiros integrantes do Sistema Nacional de Crédito Rural, no patamar aproximado de R\$ 20 bilhões, segundo cálculos desses agentes financiadores.

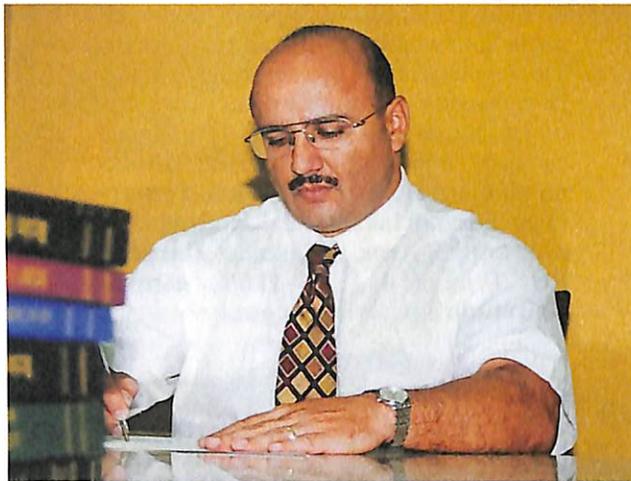
O crédito rural no país foi institucionalizado pela Lei 4.829/65, que, por sua vez, foi regulamentada pelo Decreto 58.380/66, Decreto-Lei 167/67 e pela Lei da Política Agrícola – Lei 8.171/91, com a Lei 9.138/95 – Lei de Securitização, que abarca o PESA, por meio da Resolução n.º 2.471/98.

Conforme se depreende do art. 10º do Decreto-Lei 167/67, que especificamente discorre sobre os “títulos” de crédito rural, a cédula de crédito rural é título civil de destinação, não se tratando, portanto, em decorrência da própria determinação legal, de título comercial. Trata-se, sim, de título civil, posto que sua função, na *mens legis*, ao institucionalizar o crédito rural, seria, como o é, a produção de alimentos e, conseqüentemente, o bem-estar social do povo e o adequado abastecimento alimentar.

Assim, a filosofia contida nas leis de crédito rural é a do fortalecimento do produtor rural. Conseqüentemente, a de possibilitar grande capacidade de produção de alimentos, em vista de o país ser eminentemente rural, ante ao fato de sua extensão territorial ser de dimensões continentais.

Entretanto, verificou-se, desde a implantação do Sistema Nacional de Crédito Rural, que ocorreu o fenômeno inverso: em vez de o produtor rural fortalecer-se, quem se fortaleceu foi o agente financiador.

Isso se deu devido à não-aplicação correta das normas cogentes de crédito rural. A legislação de crédito rural é de ordem pública, não pertencente ao Direito Comercial Bancário, e sim ao Direito Civil (art. 10 do Decreto – Lei 167/67). É de ordem pública, pois na formação da relação jurídica – quando da assinatura



Péricles Araújo Gracindo de Oliveira, graduado e especializado pela USP/SP, é assessor jurídico em crédito rural

da cédula e/ou dos títulos de crédito rural – não prevalece o princípio da livre contratação, restringida e limitada pelo princípio da boa-fé nos contratos e pelo regramento do Código de Defesa do Consumidor (CDC), mas a vontade da autoridade competente do Estado (a vontade pública – artigos 4, 14 e 21 da Lei 4.829/65).

Em se tratando de crédito rural, a autoridade competente é o Conselho Monetário Nacional (CMN), conforme expressamente elencado nos artigos 4º e 14º da Lei 4.829/65.

Portanto, o tratamento especial, assim dispensado para o crédito rural, deflui do próprio objetivo que o legislador pátrio traçou em seu art. 1º da lei institucionalizadora, onde se revela que o seu fim maior e supremo se rende ao bem-estar social do povo, expressando, por conseguinte, o interesse maior do crédito, que é a ordem pública, a despeito do interesse privado que a relação jurídica de crédito em si mesma encerra.

O Sistema Nacional de Crédito Rural acabou fortalecendo o agente financeiro

Dessa forma, um aspecto técnico essencial deve ficar assentado: o crédito rural, regido pela Lei 4.829/65, não está inserido no Direito Comercial Bancário, regu-

lado pela Lei da Reforma Bancária, Lei 4.595/64, mas está sim inserido no Direito Civil, ESPECIFICADAMENTE pela Lei 4.829/65, sob a égide de normas de ordem pública. Contrariamente, os contratos bancários, regidos pela Lei 4.595/64, já não são regidos por normas de ordem pública, mas estão sob os comandos do princípio da livre contratação em suas limitações legais, por normativos e princípios, o que diferencia substancialmente os dois caminhos a que cada relação jurídica está adstrita.

O judiciário pátrio, por meio do STJ, que é o Tribunal maior, em se tratando de matéria infraconstitucional, hoje conhece profundamente o assunto, tendo já delimitado e cristalizado em seus

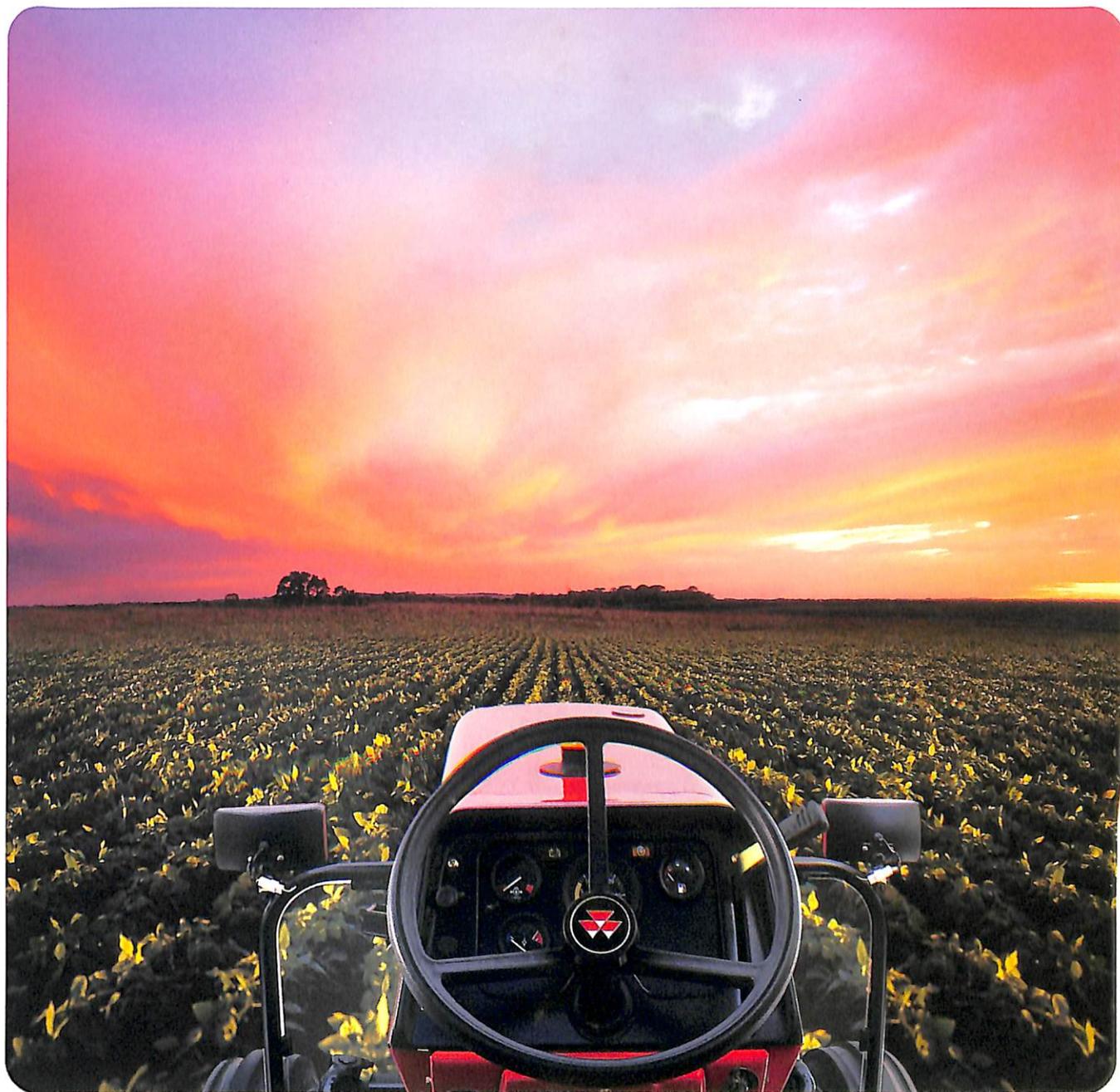
acórdãos todos esses contornos entre o crédito rural – regido pelo princípio da ordem pública – e o crédito do Direito Comercial Bancário – regido pelo princípio da livre contratação.

Para se chegar ao valor justo e real do endividamento da classe produtora rural, é imprescindível que se discuta se, na formação do *quantum debeatur*, aplicaram-se os comandos da autoridade competente ou da vontade das partes. Se aplicou-se o princípio da vontade das partes e aqueles valores de juros, formas de capitalização, época de capitalização, etc., não são os comandos da autoridade competente, aquelas cláusulas são nulas de pleno direito, ante o fato de o objeto ser ilícito e não ter sido respeitada a forma prescrita em lei (art. 145, II e III do CCb). Somente aplicando-se corretamente as normas cogentes – de ordem pública – de crédito rural é que se poder chegar à essência do problema e revelar, por meio desses meios técnico-jurídicos, qual é o verdadeiro e real valor das dívidas rurais que afligem a classe produtora rural nacional.

Passemos ao presente caso revisando.

É totalmente cabível a revisão judicial dos débitos rurais, não só dos débitos em aberto, como os que já foram pagos, nos últimos 20 anos, com vistas a equalizar o passivo dos produtores rurais e empresários do setor, tomadores do crédito rural.

Acordar cedo. Trabalhar duro. Marca de quem é líder. Há 40 anos, a Massey Ferguson é líder absoluta em tratores no Brasil. E nesses 40 anos, a Massey sempre foi pioneira: o primeiro trator brasileiro, o sistema de levante hidráulico, a agricultura de precisão. São investimentos pesados em pesquisa e tecnologia que atendam às necessidades do homem do campo. Um trabalho que tem apenas um segredo: ouvir o que o produtor rural tem a dizer. Massey Ferguson. Liderança que já faz parte do campo.



Massey Ferguson é uma marca mundial da AGCO Corporation.



MF 275.
O trator brasileiro mais vendido da história.

40 ANOS
BRASIL



MASSEY FERGUSON
Faz parte do campo.



**Você não precisa mais
ficar sentado num trator de
mil novecentos e antigamente.**

**Chegou o trator
multiuso da New Holland.**

Agora seu próximo trator de 80 cavalos não vai ser nem vermelho nem amarelo. Vai ser tudo azul New Holland. Chegou o New Holland Exitus, o trator perfeito para as multitarefas da sua fazenda. Mais produtivo, mais versátil e muito mais econômico. Vá ao seu concessionário New Holland e conheça o trator dos seus sonhos, com um preço bem pé no chão.

EXITUS

Porque você já evoluiu. Só faltava o trator.



NEW HOLLAND

www.newholland.com.br